

# **PRESERVAÇÃO E RESTAURO**

INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO NAS OBRAS DE  
MARQUES DA SILVA

**Maria Inês Ferreira Queiróz Monteiro**

Tese de Projeto

Mestrado em Design de Interiores

**Orientador** Paulo Seco

**Co-orientadora** Ana Sofia Cardoso

2022



# **PRESERVAÇÃO E RESTAURO**

INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO NAS OBRAS DE  
MARQUES DA SILVA

**Maria Inês Ferreira Queiróz Monteiro**

Tese de Projeto

Mestrado em Design de Interiores

**Orientador** Paulo Seco

**Co-orientadora** Ana Sofia Cardoso

2022

## ÍNDICE

**009** | **RESUMO**  
**PALAVRAS-CHAVE**

**011** | **ABSTRACT**  
**KEY WORDS**

**013** | **AGRADECIMENTOS**

**015** | **SIGLAS**

**017** | **INTRODUÇÃO**

**021** | **CAPÍTULO I - CULTURA**  
**ARQUITETÓNICA E**  
**PATRIMONIAL**

O PATRIMÓNIO: AS  
INTERVENÇÕES EM PATRIMÓNIO  
EDIFICADO

**032** | **A REABILITAÇÃO**  
O PAPEL DO DESIGNER DE  
INTERIORES NA REABILITAÇÃO

**035** | **CAPÍTULO II - ARQUITETO JOSÉ**  
**MARQUES DA SILVA**  
O ARQUITETO JOSÉ MARQUES  
DA SILVA

**041** | **CAPÍTULO III - AS OBRAS DE**  
**MARQUES DA SILVA**  
ANÁLISE DOS CASOS DE ESTUDO

**042** | **CAPÍTULO III - AS OBRAS DE**  
**MARQUES DA SILVA**  
EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE  
BRAGA: HISTÓRIA E  
REABILITAÇÃO

- 067** | **CAPÍTULO III - AS OBRAS DE MARQUES DA SILVA**  
EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA: A ANÁLISE DO DESIGNER DE INTERIORES
- 073** | **CAPÍTULO III - AS OBRAS DE MARQUES DA SILVA**  
EDIFÍCIO DOS GRANDES ARMAZÉNS NASCIMENTO: HISTÓRIA E REABILITAÇÃO
- 083** | **CAPÍTULO III - AS OBRAS DE MARQUES DA SILVA**  
EDIFÍCIO DOS GRANDES ARMAZÉNS NASCIMENTO: A ANÁLISE DO DESIGNER DE INTERIORES
- 089** | **CAPÍTULO III - AS OBRAS DE MARQUES DA SILVA**  
EDIFÍCIO ANTÓNIO ENES BAGANHA: HISTÓRIA
- 095** | **CAPÍTULO III - AS OBRAS DE MARQUES DA SILVA**  
EDIFÍCIO ANTÓNIO ENES BAGANHA: A ANÁLISE DO DESIGNER DE INTERIORES
- 103** | **CONCLUSÃO**
- 107** | **BIBLIOGRAFIA**
- 109** | **ÍNDICE DE IMAGENS**



“FISICAMENTE, HABITAMOS UM ESPAÇO, MAS,  
SENTIMENTALMENTE, SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA.”

Saramago, 2009, P.11



## RESUMO

### PALAVRAS-CHAVE

Reabilitação Patrimonial | Restauro | Requalificação | Conservação

A reabilitação tem vindo a alcançar uma maior importância no que diz respeito a edifícios antigos nas cidades. Esta atitude permite que haja cada vez mais consciência da necessidade de proteção do património monumental, bem como de alargamento do mesmo conceito aos edifícios não monumentais, reconhecendo-lhes, por isso, valor cultural e patrimonial.

Para que este processo seja bem sucedido, é necessário ter em conta algumas práticas de conservação e preservação dos edifícios. As diversas formas de intervir traduzem visões e enfoques diferentes nas intervenções.

A presente tese de projeto apresenta um estudo realizado a alguns edifícios que visa em certos casos a análise da sua reabilitação e conseqüentemente o papel que o Designer de Interiores poderá desempenhar neste processo. Será abordada a forma como o Designer pretende atuar em casos de reabilitação de edifícios datados pelo tempo e de interesse patrimonial.

Os objetos de estudo, centrados na cidade do Porto, são referência de uma das figuras mais importantes da arquitetura da cidade, o Arquiteto José Marques da Silva.

Procura-se demonstrar que o papel do Designer de Interiores é relevante na reabilitação do edificado patrimonial, bem como em edifícios de possível interesse patrimonial.

Será assim realçada a sua capacidade de integração com equipas multidisciplinares e a sua aptidão para a resolução de problemas, implicando o seu conhecimento e criatividade.



## ABSTRACT

### KEYWORDS

Property Rehabilitation | Restoration | Requalification | Conservation

Rehabilitation has become more important with regard to old buildings in cities. This attitude allows for an increasing awareness of the need to protect the monumental heritage, as well as the extension of the same concept to non-monumental buildings, recognizing, therefore, their cultural and patrimonial value.

For this process to be successful, it is necessary to take into account some practices of conservation and preservation of buildings. The different ways of intervening translate different visions and approaches to interventions.

This project thesis presents a study carried out on some buildings that, in certain cases, aims to analyze their rehabilitation and consequently the role that the Interior Designer can play in this process. It will address how the Designer intends to act in cases of rehabilitation of buildings dated by time and of patrimonial interest.

The objects of study, centered on the city of Porto, are a reference to one of the most important figures in the city's architecture, the Architect José Marques da Silva.

It seeks to demonstrate that the role of the Interior Designer is relevant in the rehabilitation of heritage buildings, as well as in buildings of possible heritage interest.

This will enhance their ability to integrate with multidisciplinary teams and their ability to solve problems, implying their knowledge and creativity.



## AGRADECIMENTOS

O meu agradecimento é dirigido a todas as pessoas que foram importantes neste percurso.

A todos os professores que acompanharam a minha formação.

Ao meu orientador e co-orientadora, Paulo Seco e Ana Sofia Cardoso, pelo apoio e orientação.

Aos meus pais e à minha irmã que foram essenciais e sempre acreditaram em mim.

À minha família pelo apoio constante.

À memória do meu avô Serafim.

À Fundação Instituto Marques da Silva, à Câmara Municipal do Porto e ao Atelier do Arquitecto Nuno Valentim pela disponibilidade e ajuda.



## SIGLAS

ICOMOS – Internacional Council on Monuments and Sites (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios)

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)

FIMS – Fundação Instituto Marques da Silva

CEFA-UP – Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto



## INTRODUÇÃO

Em Portugal, apesar dos esforços mais recentes na reabilitação, assiste-se frequentemente a um aumento acentuado de edifícios em estado de degradação ou até mesmo em ruína. Estes, vão permanecendo nas cidades, fazendo parte da sua história. As dificuldades financeiras e a inconsciência de construir sem preocupações sociais e culturais, são algumas das motivações desta situação.

O Património é um recurso de importância para a identidade colectiva e um factor de diferenciação e valorização que importa preservar para as gerações futuras. A sua conservação e valorização tem um potencial de projecto local, com capacidade de atractividade de diferentes públicos pelos diversos aspectos relativos à sua fruição, tendo também em conta a diversificação dos valores associados.

O valor do património arquitectónico não reside apenas na sua aparência, mas na integridade de todos os seus componentes, como testemunho único do seu tempo.

O património edificado em Portugal obedece a regras de classificação e protecção. Desta forma, podemos considerar que existe um número vasto de edifícios com interesse patrimonial. Contudo, nem todos os espaços que sejam de interesse patrimonial requerem intervenção.

O agravamento económico do país, a diminuição da população e conseqüentemente a falta de recursos para a reabilitação das cidades, são a origem da necessidade de respostas economicamente sustentáveis. Apesar das diferentes épocas de construção destes edifícios, nem todos são deixados ao abandono. Neste sentido, torna-se crucial a construção e a reabilitação destes edifícios de modo a reactivar esses espaços, adaptando-os às necessidades atuais, tornando-os sustentáveis e duradouros. Considerando um edifício como elo de ligação ao passado, através do qual se constrói uma identidade, destruir o seu significado pode produzir uma perda irreparável.

A arquitectura vive da sua interação com o ser humano e mantém-se presente através da memória.

A presente tese de projecto apresenta um estudo sobre o edificado com interesse patrimonial, em diferentes estados de conservação. O objeto de estudo remete para obras históricas, do reconhecido arquiteto José Marques da Silva, localizadas na zona histórica da cidade do Porto. Serão abordados edifícios com interesse patrimonial e por isso com potencial importância para o Design de Interiores.

Assim, serão incluídos três projetos, um com uma reabilitação de mérito reconhecido, outro que sofreu uma intervenção, que à luz dos atuais critérios de reabilitação, padece de muitas falhas e por fim, um edifício que se encontra no seu estado original.

Desta forma, pretende-se que a escolha do objecto de estudo incida sobre edifícios que contribuem para a cultura da cidade, sendo estes datados pelo tempo. Estes, podem permitir aos designers não só a exploração do espaço como também, investigar as formas de o reabilitar, respeitando todas as vertentes que tornam aqueles espaços com interesse patrimonial.

O objetivo proposto, consiste na análise comparativa destes edifícios, avaliando

caso a caso o seu estado de conservação comparando as situações originais com situações de reabilitação. No que diz respeito ao Design de Interiores, a diversidade e as diferentes características que se encontram em cada edifício, contribuirão para a qualificação ou desqualificação dos edifícios. Procurar-se-á assim, responder a questões relativas à preservação dos edifícios e de que forma as intervenções contribuíram para a sua qualificação

O ato de reabilitar que se assume como o processo através do qual se recupera a habitabilidade dos edifícios adquire, nos dias de hoje, uma importância extrema, tendo em conta que assistimos cada vez mais a um aumento de edifícios em estado devoluto ou a necessitar de intervenção.

Pretende-se assim, que o projecto contribua para uma análise mais adequada do ponto de vista do Design de Interiores, em futuras intervenções tendo em conta o estado de conservação da obra. Sendo esta uma área que atua sobretudo no interior dos edifícios, é importante observar e atuar apenas no que se revele necessário, tentando preservar a construção original.

O objetivo leva também a que o contributo do designer tenha uma expressão na cidade fazendo com que os edifícios com interesse patrimonial continuem a ser protegidos e prezados pela sociedade.

Desta forma, a intervenção no património deve observar e cuidar das diversas expressões que o caracterizam e lhe conferem um carácter insubstituível.

Com isto, vemos refletidos os valores de memória, autenticidade, originalidade, singularidade e, embora pareça contraditório, de heterogeneidade.

Assim, todos estes valores se reflectem pelo interesse cultural, designadamente histórico, arquitetónico, artístico, etc.

É importante e essencial a investigação e a compreensão do que entendemos como património e a sua história. Desta forma, será realizada uma análise e uma contextualização da reabilitação ao longo dos séculos. Tendo em conta os objetos de estudo, revela-se importante enquadrar e realizar um breve estudo a respeito do Arquiteto José Marques da Silva, bem como da sua obra e da Fundação com o seu nome, onde se encontra o acervo da sua obra.

De modo a compreender e analisar de forma adequada os objetos de estudo, recolhemos toda a informação necessária, nomeadamente plantas, cortes, alçados e respectivos documentos sobre os edifícios antes e após a intervenção dos mesmos.

A divulgação de todos os dados é complementada com a análise e o diagnóstico de comparação dos edifícios na perspetiva do Designer de Interiores.



# CAPÍTULO I

CULTURA ARQUITETÓNICA E PATRIMONIAL



1 Igreja da Ordem da Trindade, 2015;  
Património Classificado

O património é um território vasto de significados, ambiguidades, tradições e contradições. É o espelho de uma sociedade em rápida e constante transformação, do espaço onde multidões se cruzam. A exaltação do futuro e o saudosismo do passado, as raízes e os símbolos, concedem ao homem um sentido de pertença, identidade e imortalidade.

O património é portanto, o conjunto de bens, de natureza material ou imaterial, de reconhecido interesse histórico, cultural ou ambiental, de uma determinada região, país, etc.

O culto da ideia de Património instalou-se e vulgarizou-se. Num novo mundo, onde existe um total desrespeito pelo território, a nossa história afigura-se como ponto de partida para estabelecer uma ponte temporal entre um passado que queremos conservar e um futuro que desejamos projectar.

“... em Portugal há uma situação concreta de destruição sistemática e indiscriminada de tudo o que pode ser considerado património, mesmo como herança transmissível (...) Parece ser necessário somar à classificação, a intervenção arquitectónica e desenvolver a consciência popular patrimonial”.

Alexandre Alves Costa, “Arquitectura como arte de transformar”, in 1. Seminário A intervenção no Património: Práticas de Conservação e Reabilitação, Porto: FEUP, 2002, p. 591.

Para compreender todo o contexto de salvaguarda e valorização dos bens culturais arquitetónicos é imprescindível conhecer os conceitos desta temática ao longo dos anos. Desta forma, reconhecemos que tudo o que hoje é culturalmente protegido, contendo um valor patrimonial, foi anteriormente idealizado pelo seu criador e tem hoje um contributo importante para transmissão cultural.

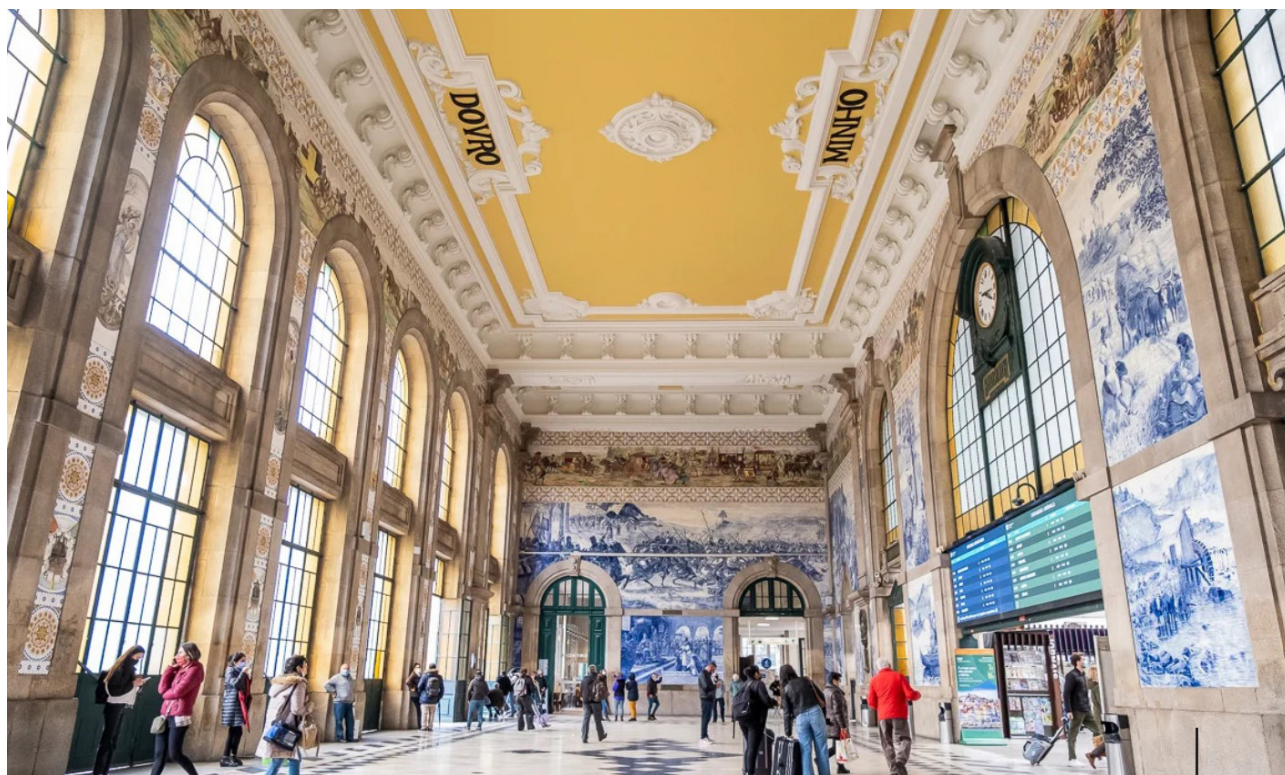
Assim, todos os edifícios que são hoje considerados parte do património nacional devem ser observados com respeito pela história e cultura que transportam.

De forma a garantir a sua continuidade, há um compromisso assumido com o Património.

O desenvolvimento sustentável compreende o Património numa dinâmica de significados históricos e afetivos, ultrapassando a barreira da forma e da condição material.

O valor patrimonial decorre de várias circunstâncias, nomeadamente a sua antiguidade, autoria, simbolismo, raridade, etc.

A ideia de preservação surge assim, a partir do Renascimento, onde foi então atribuído um valor aos edifícios cujo cariz era digno de destaque devido à sua relevância e ao seu contributo para os valores culturais. Desta forma, existia uma admiração pelas criações dos antepassados, um interesse pelo colecionismo e respeito pelas construções das antiguidades.



Estação Ferroviária de São Bento, Porto; 2  
Obra do Arquiteto Marques da Silva

Análogo da qualidade construtiva e das características formais e estéticas, o que torna um edifício histórico é o seu valor documental, tendo por isto, um significado marcante na história de uma determinada comunidade, carregado de significados e simbologias. Desta forma, o conceito de Património não se limita ao edifício, tendo-se alargado a valores irrefutáveis.

A ideia que actualmente conhecemos de Património, assim como a importância com a conservação e preservação de edifícios, começam a projectar-se apenas no séc. XVIII. Era até então, prática comum a demolição de edifícios existentes, que deixassem de ter utilidade perante a sociedade.

Os edifícios históricos que se encontram entre nós quase inalterados foram construções, que na sua generalidade, mantiveram o seu uso e que perante essa circunstância, foram preservados.

Quando não verificada esta condição, os edifícios estavam condenados à ruína ou demolição, sendo que determinadas construções que mantiveram a sua funcionalidade, sofreram alterações ao longo de vários séculos, visando a optimização do espaço e as novas necessidades.

Serve então de caso concreto, as igrejas góticas em França, que entre os séculos XVII e XVIII, foram destruídas na Revolução Francesa. Destas acções, surgiram as primeiras promoções de salvaguarda dos monumentos, por iniciativa do Estado.

Restaurar significava reutilizar as construções disponíveis, renovando-as segundo os paradigmas arquitectónicos e artísticos vigentes na época.

A distinção clara entre a modernização e o passado histórico, foi estabelecida após uma evolução da mentalidade científica, protagonizada por uma era de mudança no séc. XVIII.



Mosteiro de Alcobaça: Conservação e restauro; 3

“Pouco a pouco, as antiguidades adquirem uma nova coerência visual e semântica que confirma o trabalho epistémico do esclarecido século XVIII e do seu projecto de democratização do saber. O Museu, que recebe o seu nome quase na mesma altura que o monumento histórico, institucionaliza a conservação material das pinturas, das esculturas e dos objectos de arte antigos e prepara a via da conservação dos monumentos da arquitectura.”

Françoise Choay, 2008

Segundo Choay, o processo de reconhecimento e salvaguarda da cultura das cidades, é um dos maiores legados da cultura europeia, salientando três culturas patrimoniais lideradas por Ruskin (Inglaterra), Riegl (Áustria) e Giovannoni (Itália).

A Europa erudita do século XVIII, desperta o seu interesse para a investigação da Antiguidade histórica. Perante isto, é de salientar a cooperação e colaboração de artistas como Giovanni Battista Piranesi que, através dos seus desenhos e gravuras, enalteciam o conceito de monumento e vangloriavam o culto dos edifícios históricos.

Os valores históricos ganharam um novo significado da sociedade, efeito da Revolução Industrial. Nasce assim, a vontade de conservar o passado, valorizando e desenvolvendo o conceito de monumento, em pleno pico de inovações a nível científico e tecnológico.

A arquitetura é interpretada, pela primeira vez, para além do seu carácter funcional, através de carizes como o simbolismo, a estética e a carga histórica dos edifícios.

“Para Giovannoni a arquitectura menor, consistia, no seu conjunto, num novo tipo de «monumento» colectivo: uma cidade com valor histórico e artístico, definida pela sua arquitectura, estrutura, morfologia, paisagem e imagem urbanas, as quais deveriam ser sujeitas a leis de protecção e a critérios de restauro similares aos já existentes para os monumentos, mas beneficiada para permitir usos actualizados (e aqui antecipa o conceito moderno de reabilitação).”

José Aguiar, op. cit., p. 58



4 | Santuário da Nossa Senhora da Penha, Guimarães;  
Obra do Arquitecto Marques da Silva

A Carta de Atenas do Restauro, surge assim em 1931, como o primeiro documento que define as ideias base, para uma estratégia de conservação de edifícios, onde podemos encontrar claramente a visão de Giovannoni.

Consequentemente, surgiu a legislação relativa à salvaguarda do Património. Nesta Carta, destaca-se a necessidade de manter os edifícios com a sua função, garantindo a sua continuidade. Um edifício sem uso, rapidamente entra em estado de degradação. Os princípios inscritos na Carta de Atenas são ainda hoje respeitados e são objecto de interesse por parte dos intervenientes nas acções que dizem respeito aos edifícios antigos.



Teatro Nacional São João, Porto; 5  
Obra do Arquitecto Marques da Silva



6 | Ruína de La Anhalter Bahnhof, Berlim;

Dada a destruição deixada pela Segunda Guerra Mundial, surgiu a necessidade rápida e eficaz de restaurar e reconstruir edifícios estabelecendo uma divergência com os modos de atuação anteriormente aplicados.

Os procedimentos adotados geraram opiniões divergentes, sendo necessário refletir e analisar as teorias do restauro.

Cesari Brandi, foi uma figura importante no debate sobre os aspectos essenciais que fazem parte do restauro, que considera exagerada a importância atribuída ao carácter histórico dos edifícios, em posição ao interesse do seu carácter artístico, o que impossibilitava a sua leitura enquanto obra de arte.

A evolução do conceito e das ideias sobre o património são o resultado de cartas e convenções iniciadas em 1931, a partir da Carta de Atenas. O Congresso Internacional de Arquitectura e Técnicas dos Monumentos Históricos, realizado em 1964, foi a premissa

para o desenvolvimento da Carta de Veneza.

A carta reconhece o património histórico como um tesouro universal, defendendo a extensão do seu conceito a obras consideradas mais modestas, de arquitectura vernacular que, com o tempo, adquiriram um valor cultural relevante. A sua importância manifestou-se na produção da legislação internacional e até mesmo portuguesa.

Com o desenvolvimento de debates e teorias, surge em 1975, a Declaração de Amesterdão e a Carta Europeia do Património Arquitectónico relevantes para este estudo.



7 | Prédio das Quatro Estações, Porto;  
Obra do Arquitecto Marques da Silva

Ambos os documentos defendem o alargamento do conceito de Património a pequenos conjuntos urbanos, considerados significativos e relevantes para a definição do carácter das cidades.

São estes, edifícios antigos integrados em cidades, vilas e aldeias, que desenvolvem o conceito de conservação integrado.

Após a elaboração de várias Cartas, ao longo dos anos, com normas direccionadas ao Património, surge a Carta do Turismo Cultural.

O conhecimento relativo aos monumentos e sítios históricos, contribuindo assim para a salvaguarda e a manutenção do Património, são assim o objectivo do Turismo Cultural. Recentemente, as Cartas de Washington (ICOMOS 1987) e Cracóvia (ICOMOS 2000) clarificam as temáticas, as orientações e a evolução das cartas escritas anteriormente.

Destaca-se ainda um documento prático de 2003, que não se limita apenas às questões estruturais, sendo ele “Recomendações para a Análise, Conservação e Restauro Estrutural do Património Arquitectónico”, importante para o presente estudo.

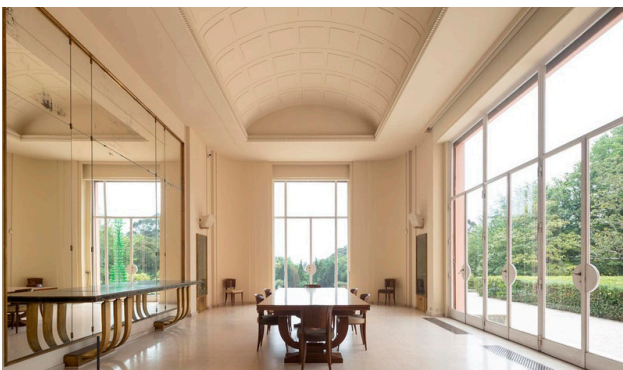
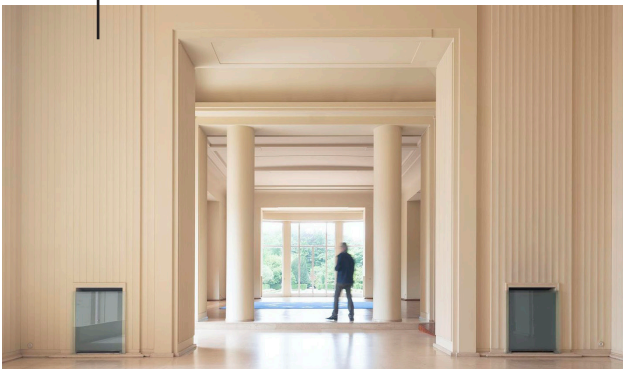


Casa de Serralves; Porto | 8  
Obra do Arquitecto Marques da Silva

9 | Casa de Serralves, após reabilitação;



10 | Casa de Serralves, após reabilitação;



11 | Casa de Serralves, após reabilitação;



12 | Casa de Serralves, após reabilitação;

O significado do conceito de Património foi desenvolvido e ampliado, abrangendo não só os monumentos como também, os núcleos edificados e a paisagem, tendo em conta valores como o afecto e a memória. As cartas de proteção do Património foram-se intensificando e crescendo em complexidade.

“Valores como integridade, trama, parcelário, funções, organização do espaço, cor, luz, usos e todos os aspectos imateriais que explicam e dão sentido a cada uma das partes do edifício.”

Enrique Saiz Martin, op. cit, p. 18.

A vontade de preservar, salvaguardar e valorizar criam discordância e conflitos de interesse de todas as partes envolvidas. Apesar de todos estes fatos apresentados, e independentemente do seu valor, todos os esforços, a vontade de transmissão futura de resultados, ideias e conteúdos apresentados até ao dia de hoje, devem ser superiores a qualquer interesse.

“Haverá sempre que intervir com cuidado, consciência e saber, mas também com a humildade de deixar às gerações vindouras, quiçá com maiores capacidades, a hipótese de poderem alterar as nossas intervenções que, se forem pouco intrusivas e reversíveis, respeitarão o património original.”

Costa & Ripper, 2007, p.5

Apesar desta compreensão, algumas práticas de reabilitação não se verificam, deixando os edifícios sujeitos a novas construções, colocando em risco esse interesse patrimonial e retirando-lhes muitas vezes essa atribuição.

Assim, consideramos importante reforçar e mencionar todo o passado histórico destas cartas, demonstrando os valores e as premissas nelas apresentadas.

Os princípios utilizados no restauro do património foram diversificando ao longo dos anos, tornando-se mais evidente a destruição do que a preservação. Falamos não só de edifícios considerados património, como também edifícios com interesse e importância patrimonial e cultural.

Vemos refletidos diversos valores na análise deste estudo.

Na visão do Designer de Interiores, o restauro destes edifícios passa não só pelo respeito pelo mesmo, projetado para uma determinada época como também pela valorização e apreciação do seu todo.

“ Restaurar, recuperar ou reutilizar é, (...) a busca de uma síntese que recolha o fluir do tempo e possa acolher serenamente o futuro.”

Alexandre Alves Costa “Quando o Património é a Casa do Vilão. Quinta da Cavada, Briteiros, 1989”, in Candidaturas ao Prémio Jean Tschumi, Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2005, p. 81.



Casa-Atelier e Fundação Marques da Silva, Porto; | 13

## A REABILITAÇÃO

### O PAPEL DO DESIGNER DE INTERIORES NA REABILITAÇÃO

A revitalização e as necessidades de renovação tornaram-se mais evidentes a partir dos anos 80, com a destruição causada pela guerra e com a degradação de centros históricos de várias cidades europeias.

O conceito de reabilitação implica a preservação dos valores com significado cultural existentes em cada edifício, através de uma intervenção integrada de adaptação de um edifício com objetivo de permitir ou dar continuidade à sua utilização.

É urgente parar de construir, e de destruir para construir, e dar mais importância a processos de reabilitação (Gadanhó, 2008).

Procurando melhorar a sua qualidade e conforto, e implicando, não só, a reabilitação dos edifícios habitacionais, como também a de outros edifícios, a demolição total ou parcial de alguns ou até, a construção de novos; e a da paisagem urbana – intervindo-se nas fachadas, nos espaços públicos contíguos ao residencial, nas infra-estruturas (Matos, 2007).

A reabilitação “é um instrumento-chave na procura de um desenvolvimento sustentável. Não se trata só de proteger o que tem valor cultural, trata-se também de reutilizar o já construído, poupando recursos e energias”.

(Paiva, Aguiar & Pinho, 2006, p.1)

Desta forma, a reabilitação deve conservar e preservar o património construído, bem como conceder-lhe a capacidade de resposta à vida contemporânea.

“uma enorme percentagem de operações de reabilitação não é enquadrada por uma reflexão, diagnóstico ou projecto atento às especificidades de cada caso. Frequentemente os resultados são desastrosos”

(Lopes, 2006, p.1).

Assistimos cada vez mais a um aumento da preocupação no que diz respeito à salvaguarda de núcelos históricos. Apesar disso, as formas de atuar no que é o preexistente nem sempre são ponderadas e sensatas.

Com uma realidade contemporânea cada vez mais visível, multiplicam-se os edifícios que fazem parte de um núcleo histórico nas cidades. Desta forma, são colocadas muitas vezes questões sobre a reabilitação destes mesmos edifícios, tendo em conta que em muitos casos o seu estado de degradação é elevado. Neste sentido, as questões mais comuns são: Vale a pena reabilitar? De que forma deve ser feita a intervenção?

Estas questões são importantes para quem pretende fazer a reabilitação de um edificado com valor histórico. Para o presente estudo, analisamos o papel do Designer de Interiores enquanto protagonista nas intervenções em meios históricos.

O Design de Interiores é um componente do projeto de reabilitação de um edifício e deve viabilizar as qualidades originais do edificado.

O processo do Design está em constante mutação, tendo em conta as questões sociais, económicas, tecnológicas e principalmente culturais.

Posto isto, o Designer de Interiores deve, pelo seu conhecimento e criatividade, proporcionar novas ideias e soluções que sejam contribuições positivas no edifício intervencionado.

As intervenções realizadas pelo Designer de Interiores devem oferecer condições de salubridade, higiene e segurança do espaço, mantendo como já referido as suas características preexistentes.

Executar um processo de reabilitação revela-se complexo, muitas vezes pelo estado do edifício e pelo estudo necessário a fazer de modo a que as soluções apresentadas sejam favoráveis, neste ponto de vista, Não podemos deixar de reforçar que apesar de o Designer ter capacidade para uma intervenção num edifício de interesse patrimonial, deve integrar-se com outros profissionais.

O estado de conservação de um edifício antigo, revela muitas vezes a necessidade de uma avaliação por parte de equipas especializadas e inspeções adequadas.

“(…) também se devem estudar as construções do passado, dando-lhes uma visão vital. Não só para lhes extrair a grandeza da escala arquitectónica e significado, mas também pelos resultados criativos próprios, devido ao facto de estarem ligadas a uma situação histórica.” (Mies van der Rohe, 1965)

Ao conhecer o fundo do edifício, o Designer pode e deve definir uma linha própria de intervenção que justifique as suas opções.

Na área do Design salienta-se também a capacidade de conhecimento de métodos mais sustentáveis no que diz respeito a intervenções deste tipo. Esta consciência permite dotar igualmente o edifício de condições de habitabilidade tendo em conta o seu estado precedente, recorrendo a alternativas económicas. Toda esta análise é importante quando observamos edifícios que foram submetidos a intervenções e de que forma foram realizadas.

De forma a vincular todas estas permissas, o presente estudo centra-se em três obras emblemáticas e de carácter cultural, de uma das principais figuras da arquitetura.

O arquiteto José Marques da Silva assumiu um papel marcante na cidade do Porto, carimbando a sua impressão digital em vários pontos da cidade. As obras da sua autoria revelam a sua história de vida enquanto arquiteto.

Tal como no Design de Interiores, José Marques da Silva, aliou os valores da tradição das Belas Artes às componentes da razão, promovendo esquemas de composição funcional. Desta forma, os seus projetos eram funcionais, adaptados à mecânica da vida moderna, defendendo um modo muito próprio de entender a construção da cidade.

Assim, através de uma análise profunda no que diz respeito ao Design de Interiores, percebemos e pretendemos demonstrar o que pretende ser um bom exemplo de reabilitação de um edifício.



# **CAPÍTULO II**

ARQUITETO JOSÉ MARQUES DA SILVA

Para compreender a figura do Arquiteto José Marques da Silva, devemos procurar identificar não só a sua obra mas também o peso dos seus argumentos e ideias na cultura da cidade do Porto, como arquiteto que moldou a fisionomia do Porto no início do Séc, XX.

A Estação de São Bento (1896-1916) foi a sua primeira obra de grande significado urbano. A chegada do caminho-de-ferro à cidade provocou uma reconfiguração urbana de um modo monumental. O papel regional do Porto estava não só a ser reinventado, como também a funcionalidade do centro. A Avenida dos Aliados foi o projecto urbano que consolidou essas dinâmicas, na sequência da Estação.

O arquiteto José Marques da Silva, para além de ter desenhado alguns dos edifícios da Avenida, geriu os interesses do plano e coordenou a implementação dos projectos que a caracterizam. Marques da Silva teve um papel determinante na reinvenção do Porto. Dessa forma, construiu várias outras obras no centro da cidade como o Teatro Nacional de São João (1910-1920), a conclusão do Palácio do Conde de Vizela (1920-1923), o Edifício das Quatro Estações (1905), os Liceus Alexandre Herculano (1914-1930) e Rodrigues de Freitas (1919-1933), o Edifício dos Grandes Armazéns Nascimento (1916-1927), o Prédio do Rendimento (1925-1928) e várias casas de habitação unifamiliares.



14 | Arquiteto José Marques da Silva

Ainda no Porto, a Casa e Jardins de Serralves estão entre as suas principais obras onde, conciliou contribuições de prestigiados arquitetos franceses numa obra com qualidades singulares.

Foi na Faculdade de Belas Artes, no Porto, que iniciou a sua aprendizagem na área da arquitetura, frequentando posteriormente a École Nationale de Beaux-Arts, em Paris até 1896.



15 | Estação Ferroviária de São Bento, Porto;  
Obra do Arquiteto Marques da Silva

A arquitetura das Belas Artes de Paris, associou aos valores da tradição clássica as componentes da razão, promovendo esquemas de composição funcional, adaptados à vida moderna. Providos de um aspecto formal, capaz de atribuir um carácter forte aos edifícios, a arquitetura das Belas Artes consolidou-se ao longo do século XIX, que a caracterizam. Marques da Silva teve um papel determinante na reinvenção do Porto.

A mudança do século coincidiu com o regresso de Marques da Silva ao Porto, quando este iria iniciar a sua carreira profissional. Nessa época, o programa internacionalmente divulgado pelas Belas Artes de Paris, enfrentava alguns desafios, visto que os novos sistemas de produção industrial ainda se encontravam em expansão e não seriam adequados aos processos construtivos que essa arquitetura exigia.

Com uma sociedade em transformação, houve um desajuste no que diz respeito à expressão formal dessa arquitectura que José Marques da Silva viria a implementar. Desta forma, deu-se um confronto entre os defensores da depuração formal eventualmente resultante das novas técnicas construtivas, os que defendiam a manifestação simbólica de convicções políticas e, também, quem defendia o eclectismo. Sem nunca trair a sua filiação às Belas Artes e com o objetivo de combater a indefinição e os antagonismos, Marques da Silva soube manter

uma integridade disciplinar muito estável e foi acertando a sua prática para corresponder às aspirações da sociedade.

Foi então entre 1913 e 1939 que assumiu a direcção da Escola de Belas Artes do Porto, onde esse sentido de compromisso foi determinante para a sua prática pedagógica, tornando-o mestre de várias gerações de arquitetos.

Dedicado em transmitir processos metodológicos consideráveis capazes de dar resposta às diversas solicitações da prática profissional, José Marques da Silva apresentou o desenho como instrumento central da prática do projecto. Esta estratégia, permitiu a múltiplos arquitectos reinventarem a prática da arquitetura portuense, partindo da base académica consolidada por Marques da Silva.

Nas suas múltiplas frentes de atuação, Marques da Silva deixou um legado na cultura arquitetónica portuense, na paisagem da cidade, na cultura de projeto de diversos arquitetos e nas práticas de ensino que se foram consolidando ao longo do século XX.



## FUNDAÇÃO INSTITUTO MARQUES DA SILVA

A Fundação Marques da Silva, é uma fundação instituída pela Universidade do Porto. A sua missão passa pela promoção científica, cultural, formativa e artística, designadamente a classificação, preservação, conservação, investigação, estudo e divulgação de todo o património artístico e arquitectónico do arquitecto José Marques da Silva.

O acervo literário, artístico, arquitetónico e urbanístico dos Arquitectos Maria José Marques da Silva Martins e David Moreira da Silva, são também responsabilidade da Fundação.

A cultura arquitetónica e artística, do projeto de intervenção patrimonial, do estudo, tratamento, conservação e divulgação

de documentação de arquitectura, tanto a nível nacional como internacional são domínios em que a FIMS pretende ser referenciada.

Em resultado da decisão de transformação do Instituto José Marques da Silva nesta Fundação, acresce ao seu património a doação pela Universidade do Porto de todos os bens e direitos que lhe foram atribuídos pela Maria José Marques da Silva e seu marido David Moreira da Silva.

Do conjunto patrimonial salienta-se o diversificado acervo documental caracterizado pelos arquivos profissionais do arquiteto Marques da Silva e, também, dos arquitetos Maria José Marques da Silva e David Moreira da Silva.



Casa-Atelier e Fundação Marques da Silva, Porto; 17



# CAPÍTULO III

AS OBRAS DE MARQUES DA SILVA

## EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA

### HISTÓRIA, REABILITAÇÃO E ANÁLISE

O arquiteto José Marques da Silva teve um papel fundamental na história da arquitectura na cidade do Porto. Por essa razão, as obras analisadas localizam-se no centro da cidade. Duas das três obras analisadas, sofreram alterações ao longo dos anos, sendo essas grandes referências para a análise desta tese.

Os Grandes Armazéns Nascimento e o Prédio da Rua Alexandre Braga são dois projetos de alto reconhecimento do arquiteto José Marques da Silva. Porém, as transformações que ambas sofreram diferem no objectivo e na qualidade. A escolha das obras não incidiu directamente sobre edifícios considerados património edificado, no entanto servem estes de exemplo, permitindo analisar e estruturar algumas ideias sobre a forma como devemos ou não actuar, enquanto designers de interiores, neste tipo de edifícios.

Das obras mais marcantes do percurso de José Marques da Silva, destaca-se o prédio da Rua Alexandre Braga, propriedade da Fundação Instituto Marques da Silva (FIMS). O edifício é projetado pelo arquiteto no ano de 1923 e construído entre 1925 e 1928 para rendimento do próprio. Este é mais um dos edifícios que se insere no espaço urbano, implantando num lote com 8.50m de largura e 15.80m de profundidade (140m<sup>2</sup>), ocupando-o quase na sua totalidade.

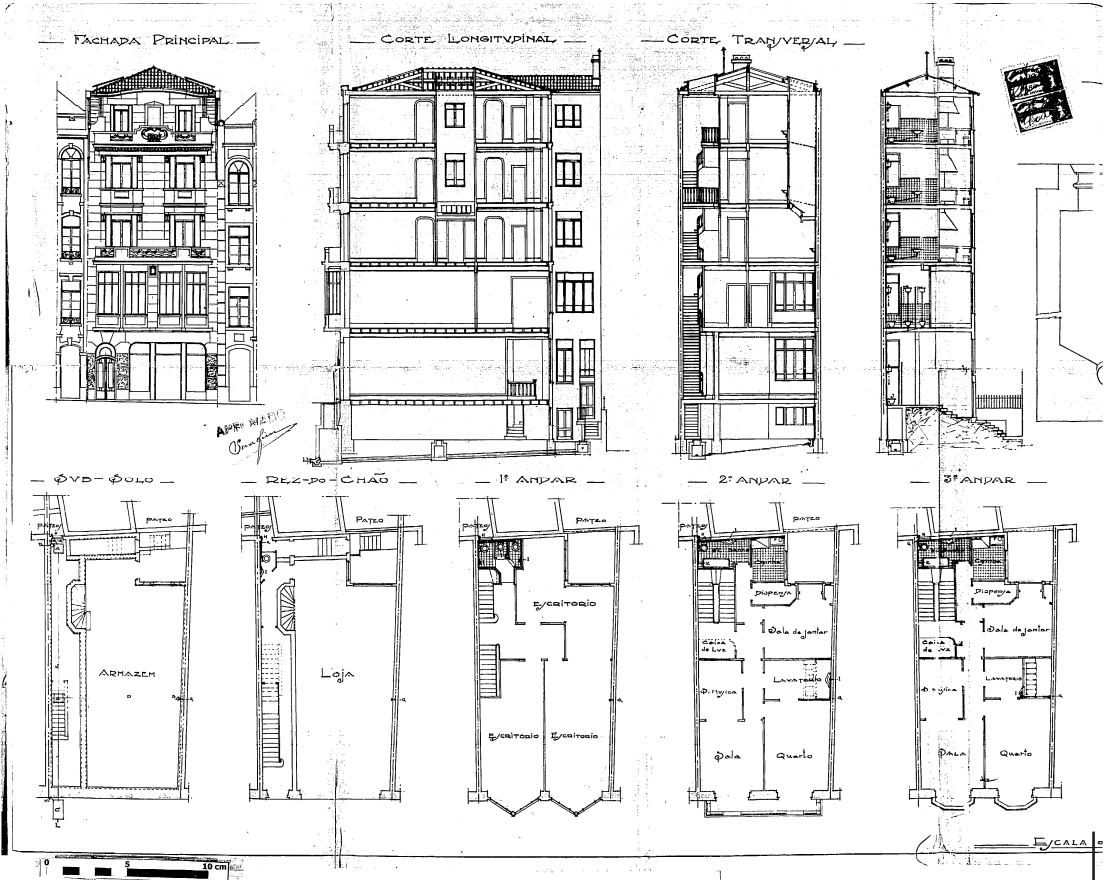
Existe um pequeno pátio com 3m de largura e 5.60m de profundidade, o que permite e oferece ao espaço interior uma iluminação natural.



18 | Edifício da Rua Alexandre Braga;



19 | Alçado nascente e sul (pátio) do edifício da Rua Alexandre Braga;



Desenhos Técnicos do prédio da Rua Alexandre Braga, 1923; 20

O edifício é distribuído por seis pisos e a sua organização, segundo a descrição disponibilizada por Nuno Valentim, “ (...) recorda a habitação corrente plurifuncional portuense.”. Este tipo de habitação e tipologia de espaço era recorrente nas obras do Arquiteto José Marques da Silva. No rés-do-chão localizam-se duas entradas, uma reservada ao estabelecimento comercial, sendo esta própria e independente, e uma segunda entrada, individual, para os restantes espaços do edifício. O 1º andar é disposto por três escritórios, sendo o 2º, 3º e 4º andares reservados a habitação.

José Marques da Silva proteja e pensa este edifício numa época em que o movimento moderno sofria uma progressiva afirmação. Este projeto sofreu algumas evoluções e documenta a transformação na linguagem do arquiteto e a influência que teve a visita que fez à Exposição Internacional das Artes Decorativas e Industriais em Paris e o confronto com as obras de Perret, e o L’Espirít Nouveau de Corbusier.

O primeiro projeto do Arquiteto para este edifício data de 1923, ao qual foram sendo feitas alterações, nomeadamente ao nível do desenho do alçado, até o mesmo estar concluído em 1928. O primeiro projeto apresenta uma composição muito aproximada da tipologia portuense, contendo mais elementos decorativos do que o habitual.



21 Edifício da Rua Alexandre Braga;

O segundo projeto apresenta o alçado atual e transparece a evolução da sua linguagem, sendo mais simplificado. Esta alteração reflectiu-se sobretudo na reformulação das fachadas e na incorporação de betão, considerando-o parcialmente como um material de acabamento sem pintura na fachada do prédio. A alteração final ao projeto apresenta alterações apenas ao nível interior do edifício, uma reformulação que teve em conta um parecer da Inspeção Geral da Saúde.

De referir que o sistema construtivo tradicional da casa burguesa portuense foi reinterpretada por José Marques da Silva. Desta forma, apresenta-se um processo pioneiro de ajustamento à incorporação de vigas em betão em forma de “T” invertido que reforçam a estrutura principal, o que diminui a construção de muros estruturais libertando consequentemente a configuração interior dos espaços.

A madeira mantém-se como elemento de estrutura secundária, nos pavimentos e na cobertura e a pedra mantém-se nos muros de meação e nos elementos trabalhados da fachada.

O prédio da Rua Alexandre Braga, é então um dos primeiros edifícios da cidade do porto a aplicar o betão como elemento estrutural, assumindo-o como elemento de composição

da fachada. Assim, o edifício é um marco na obra do Arquiteto José Marques da Silva, que por vezes passa despercebido no conjunto dos seus trabalhos.



Interior do edifício da Rua Alexandre Braga; 22  
Situação Preexistente

A obra de reabilitação do edifício, da autoria da equipa do CEFA-UP (Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto) constituída pelos arquitetos Francisco Barata, Nuno Valentim e José Luís Gomes, resultou do interesse da FIMS (Fundação Instituto Marques da Silva), em preservar um edifício de importantes características arquitetónicas.

Desta forma, foi conservado o seu programa original com uma viabilidade económica apoiada no arrendamento das frações.

O levantamento arquitetónico/topográfico rigoroso, assim como o relatório e o estudo diagnóstico exaustivo elaborado pela equipa demonstraram ser ferramentas fundamentais no apoio à intervenção e na comprovação das opções do projeto de reabilitação.

Assim, estes dados permitiram que toda a operação fosse minuciosa no que diz respeito à resolução dos problemas detetados e na salvaguarda dos elementos com valor arquitetónico.



23 | Planta do Piso 4 | Patologias nos tetos e pavimentos;



CORTE C1

CORTE C2

LEGENDA

Humidades e Condensações

Destacamento de Argamassa

Soalho Deteriorado

Fissuras

Corte Transversal e Longitudinal | Patologias nas paredes, tetos e pavimentos; 24

25 | Plantas do Piso 1 | Levantamento do estado de conservação do edifício;








- LEGENDA
- Humidades e Condensações
  - Destacamento de Argamassa
  - Fissuras
  - Alteração de Canalização
  - Destacamento de Elementos Cerâmicos

26 | Plantas do Rés-do-Chão | Levantamento do estado de conservação do edifício;

Plantas do Piso 3 | Levantamento do estado de conservação do edifício; 27



- LEGENDA
-  Humidades e Condensações
  -  Destacamento de Argamassa
  -  Fissuras
  -  Alteração de Cobertura
  -  Destacamento de Elementos Cerâmicos



Plantas do Piso 2 | Levantamento do estado de conservação do edifício; 28

Segundo Nuno Valentim e a equipa que protagonizou a reabilitação, foram surgindo ao longo da obra, patologias graves à medida que havia uma aproximação à cobertura. Os maiores problemas identificados resultavam sobretudo da degradação natural e da durabilidade dos materiais e de danos resultantes da falta de manutenção, como fugas no sistema de drenagem de águas pluviais que provocaram infiltrações nos 3º e 4º andares. A expansão do estabelecimento comercial contribuiu para a degradação da cave comum do edifício, levando à eliminação de vãos que ofereciam a iluminação e a ventilação ao espaço, dada a anulação do pátio existente.

Esta expansão obrigou à abertura das paredes exteriores de betão, o que levou ao aparecimento de anomalias estruturais, destacamentos e fissuras graves, expondo as armações interiores e exteriores carecendo de intervenção urgente.

Foram realizados pequenos ajustes funcionais nos escritórios, incluindo sanitários e arrumos nas áreas interiores direccionadas ao pátio, e duas das habitações requereram algumas mudanças na cozinha, sanitários e áreas de serviço também direccionadas para o pátio. Uma das habitações permaneceu com a compartimentação existente mantendo o desenho original do Arquitecto Marques da Silva.

Desta forma, a proposta da equipa da CEFA-UP e dos seus respetivos arquitetos

procurou melhorar as condições de habitabilidade e comodidade preservando os inúmeros valores arquitetónicos.



29 Interior do edifício da Rua Alexandre Braga; Situação Preexistente



30 Interior do edifício da Rua Alexandre Braga; Situação Preexistente

*“... do sistema construtivo à qualidade espacial das fracções, da integração dos elementos decorativos à própria inserção urbana— atributos de uma arquitectura aparentemente corrente com uma presença inequívoca do seu autor.”*

### **MEMÓRIA DESCRITIVA E HISTÓRICA DO EDIFÍCIO**

A obra de reabilitação foi distinguida pela Câmara Municipal do Porto com o Prémio João de Almada 2014, considerada unanimemente pelo Júri o melhor exemplo de reabilitação entre as obras concorrentes por constituir uma recuperação discreta e atenta, sob o lema “menos é mais”.

As poucas alterações foram assim o significado de mais autenticidade, num imóvel de interesse, associado a uma edificação que faz a cidade.

As plantas, os cortes e os alçados disponibilizados pelo atelier do arquiteto Nuno Valentim, demonstram os problemas que o edifício da Rua Alexandre Braga foi apresentando ao longo dos anos.

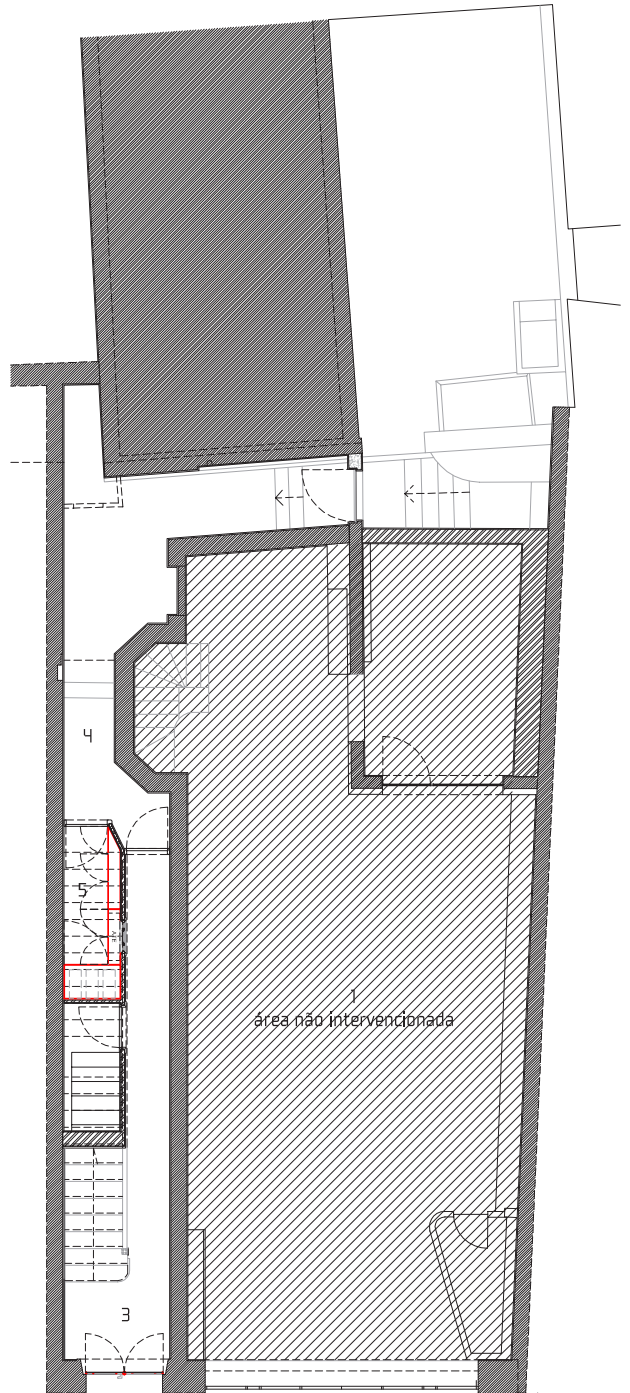
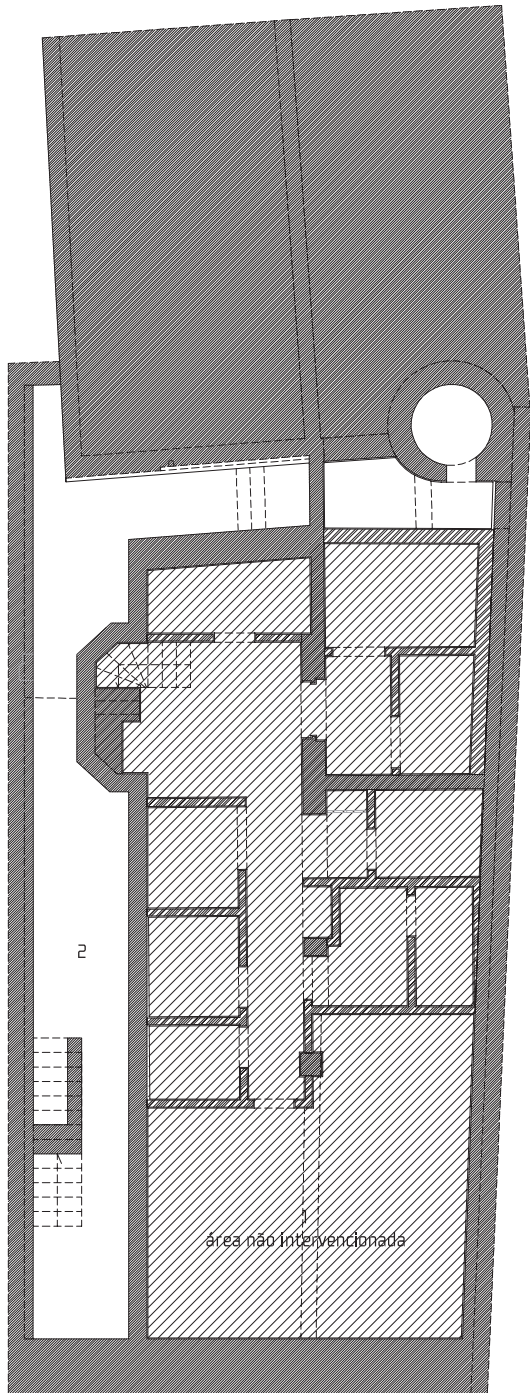
O prédio sofreu alterações no que diz respeito à degradação natural e à durabilidade dos materiais, tendo em conta a passagem do tempo. A falta de manutenção do edifício levou a que o mesmo apresentasse bastantes infiltrações, principalmente nos pisos superiores, tal como fissuras nas paredes. Todas estas anomalias foram convertidas, sempre com o intuito de preservar o valor arquitetónico do prédio.

Os ajustes funcionais realizados na obra,

cederam ao espaço uma melhor utilização do mesmo. Falámos assim, de compartimentações necessárias, nomeadamente a integração de sanitários e arrumos anteriormente inexistentes ou de dimensões reduzidas.



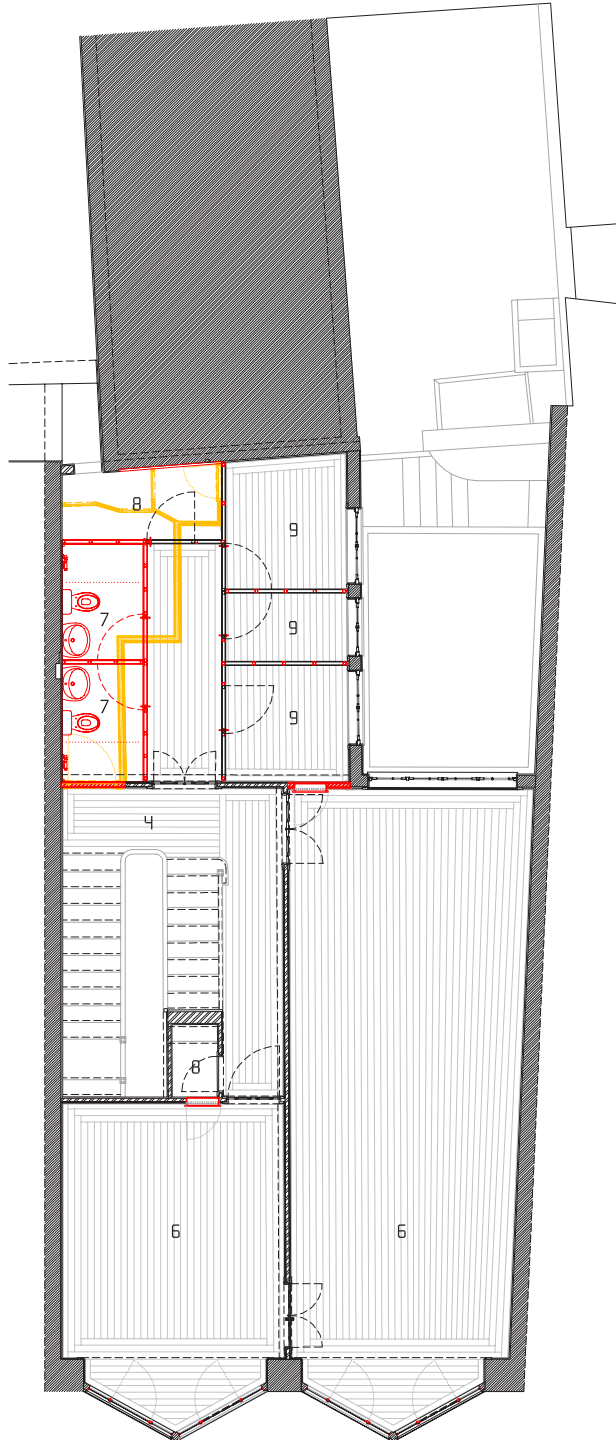
Edifício da Rua Alexandre Braga: 31



Cave

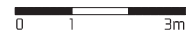
Piso Térreo

32 | Planta da Cave e do Piso Térreo | Demolição e Construção;

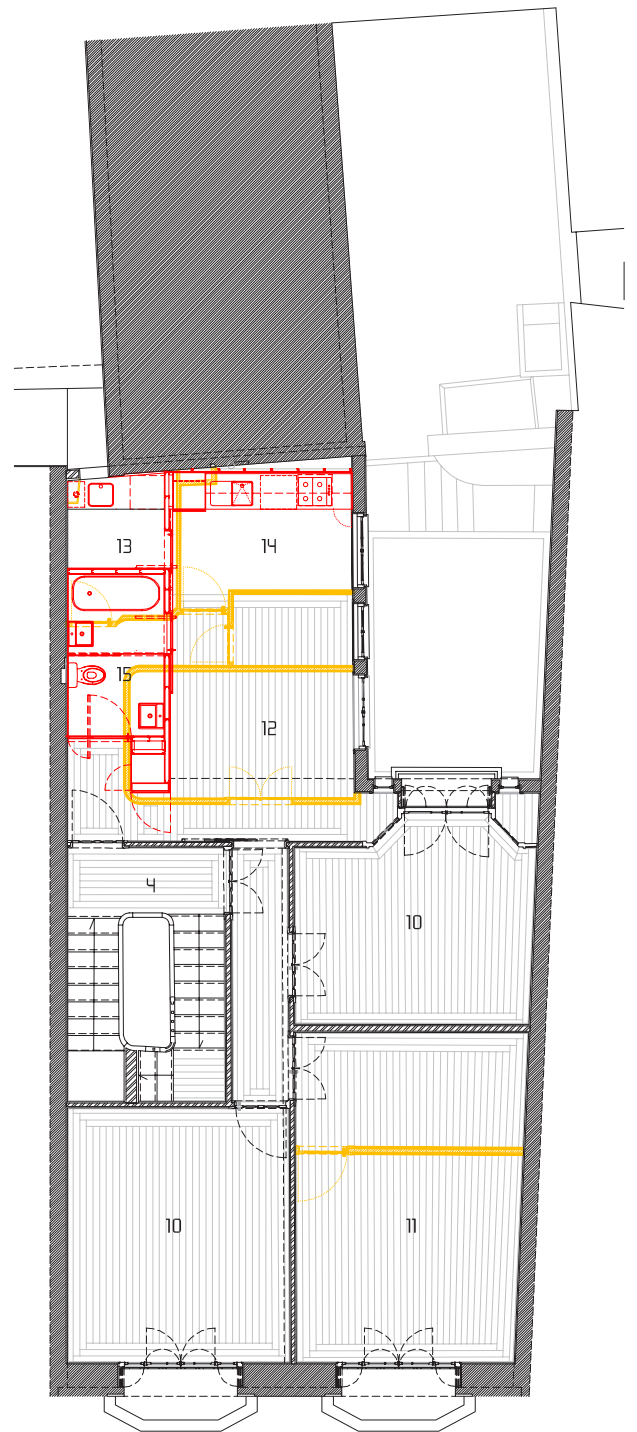
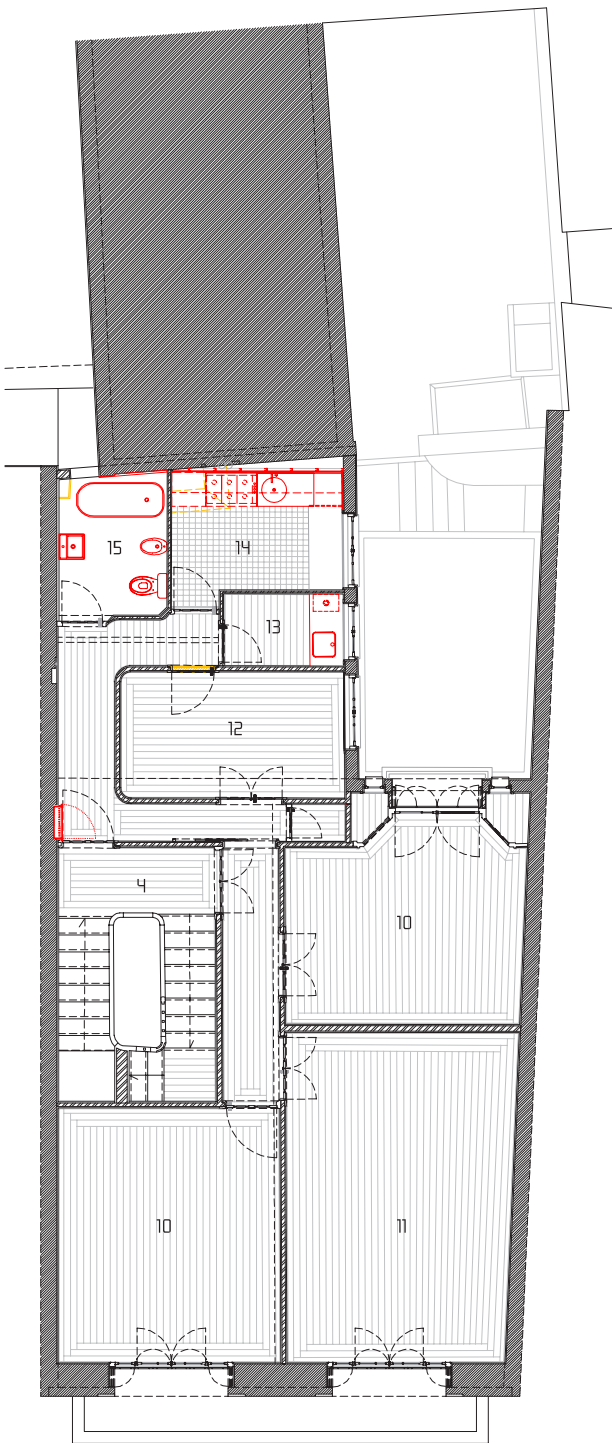


**LEGENDA**

- 1 estabelecimento comercial
- 2 cave/arrumos
- 3 entrada
- 4 circulações comuns
- 5 área técnica
- 6 escritório
- 7 instalação sanitária escritório
- 8 arrumo condomínio
- 9 quarto
- 10 sala
- 11 sala de refeições
- 12 lavanderia
- 14 cozinha
- 15 instalação sanitária



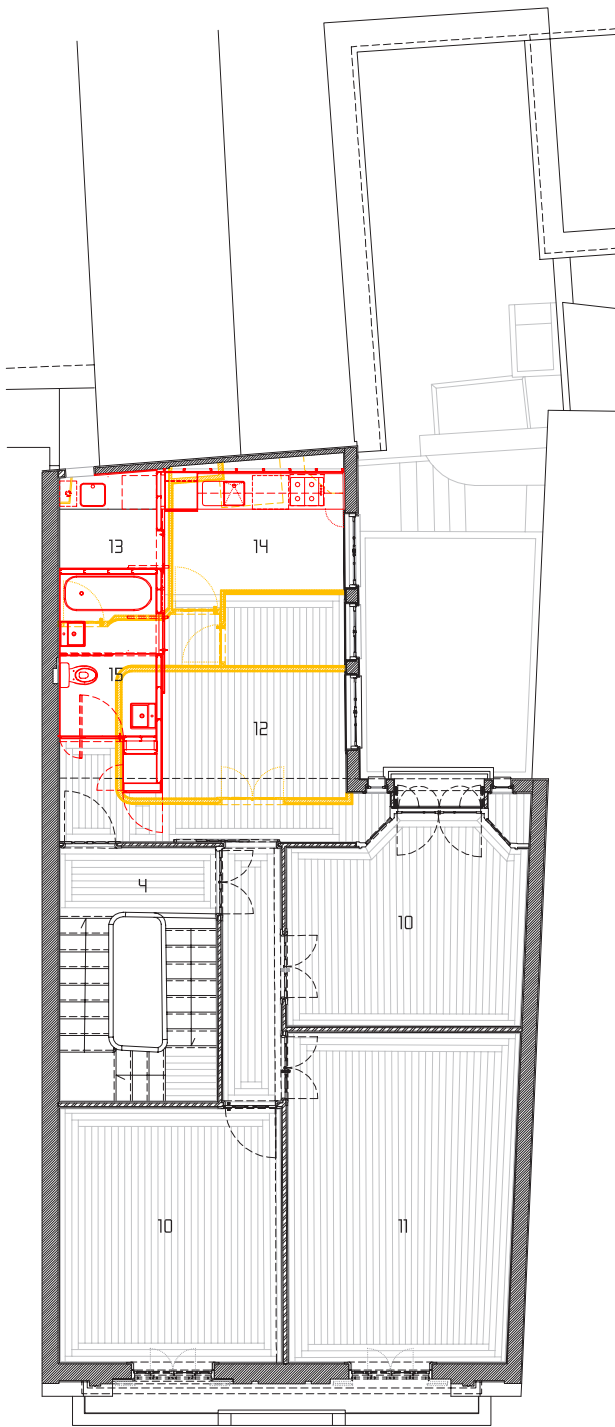
Piso 1



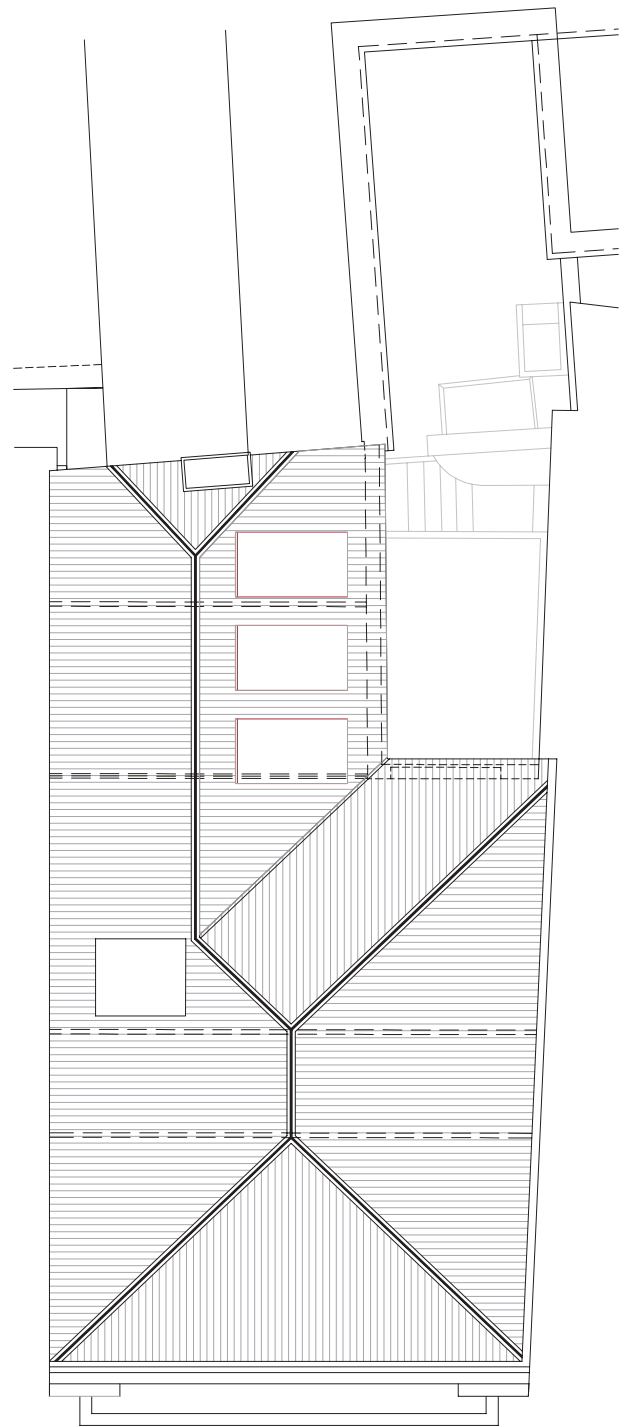
Piso 2

Piso 3

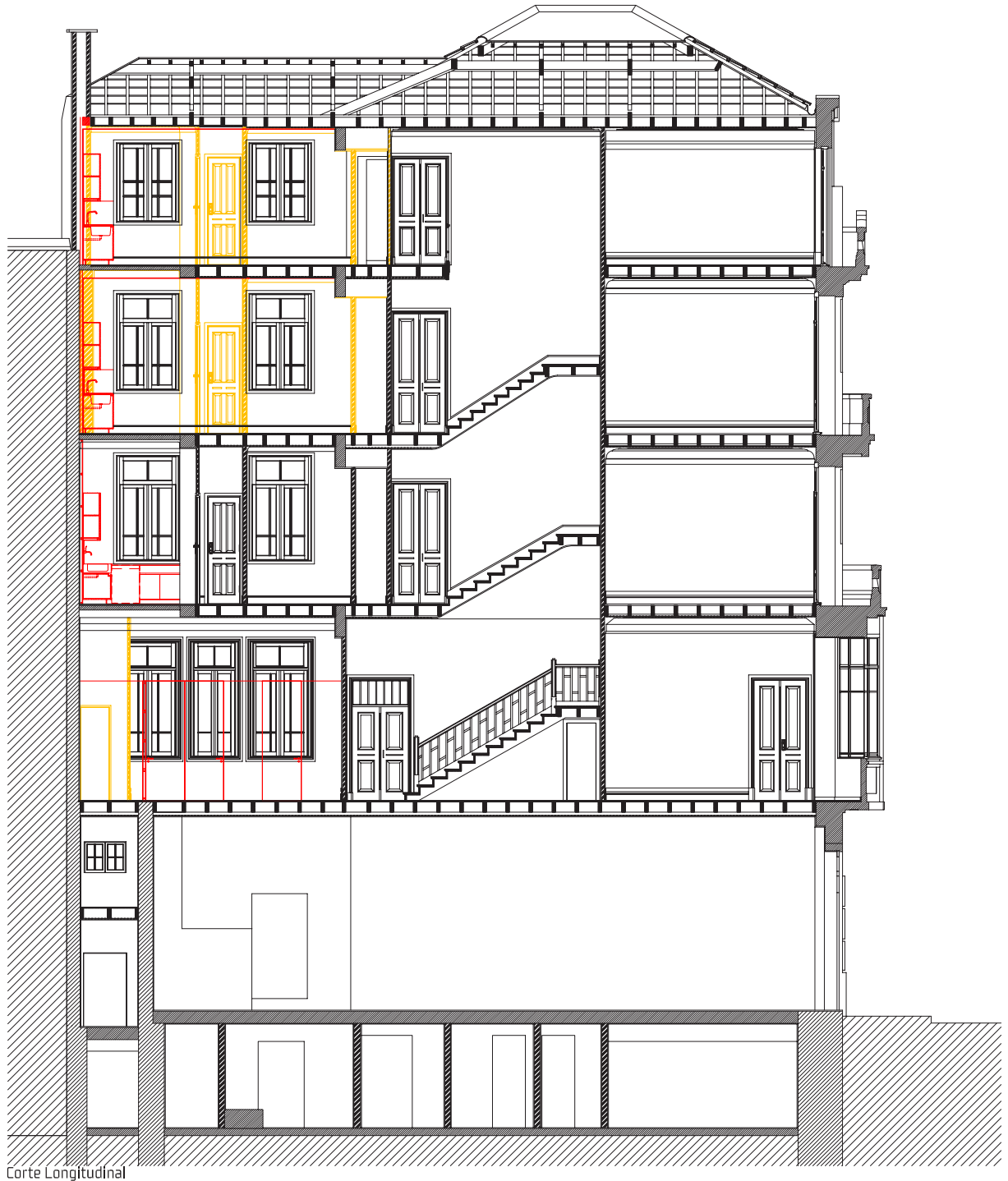
34 | Planta do Piso 2 e Piso 3 | Demolição e Construção;



Piso 4



Cobertura

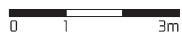


0 1 3m

36 Corte Longitudinal | Demolição e Construção;

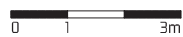
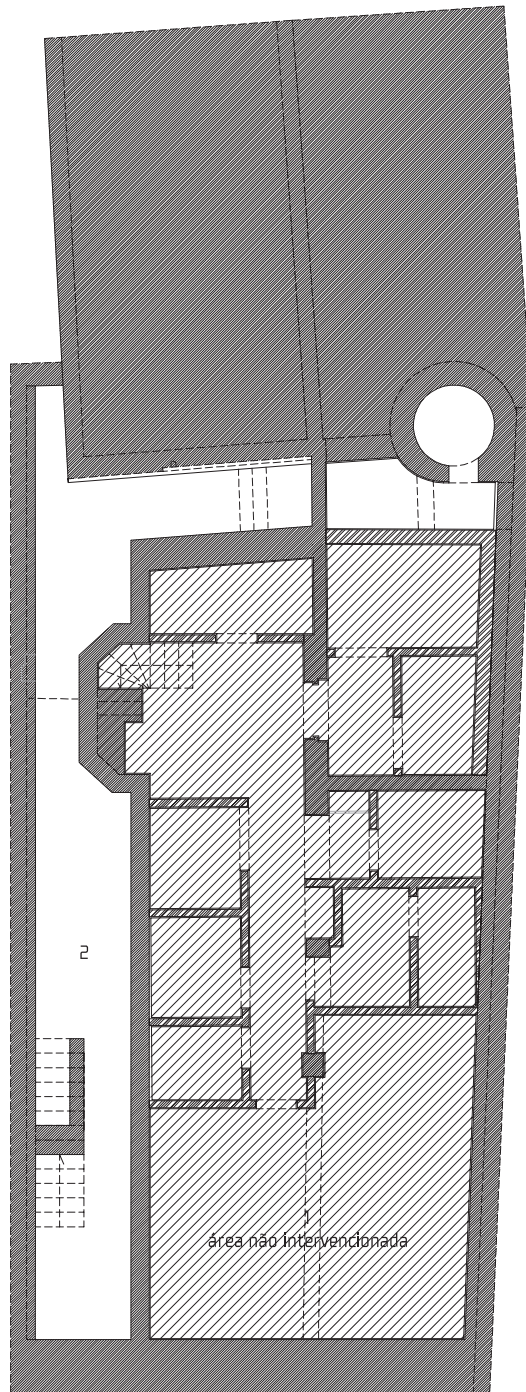


Corte Transversal



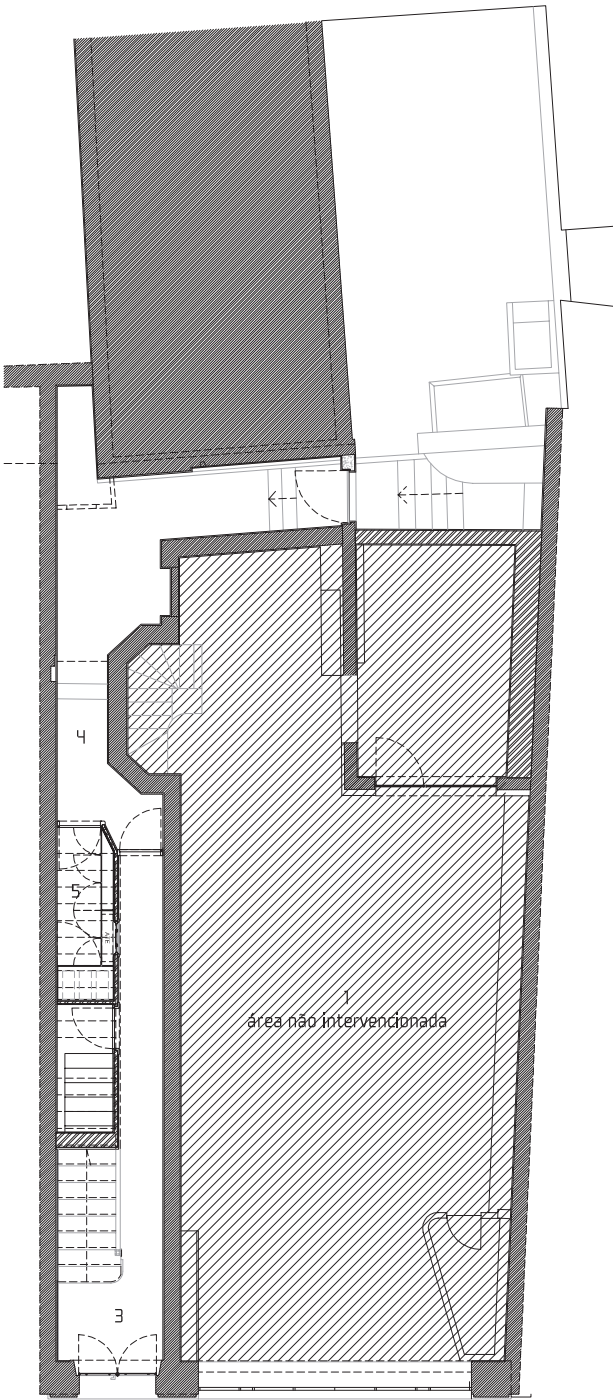
**LEGENDA**

- 1 estabelecimento comercial
- 2 cave/arrumos
- 3 entrada
- 4 circulações comuns
- 5 área técnica
- 6 escritório
- 7 instalação sanitária escritório
- 8 arrumo condomínio
- 9 quarto
- 10 sala
- 11 sala de refeições
- 12 lavanderia
- 14 cozinha
- 15 instalação sanitária

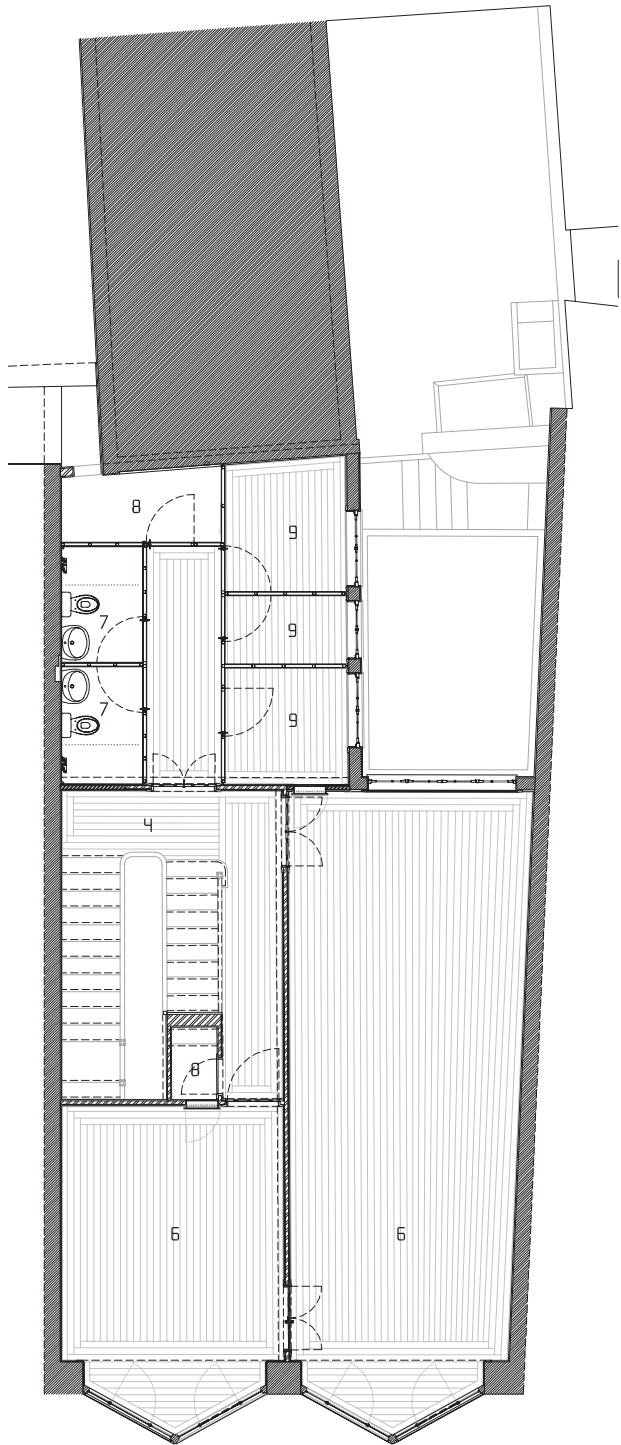


Cave

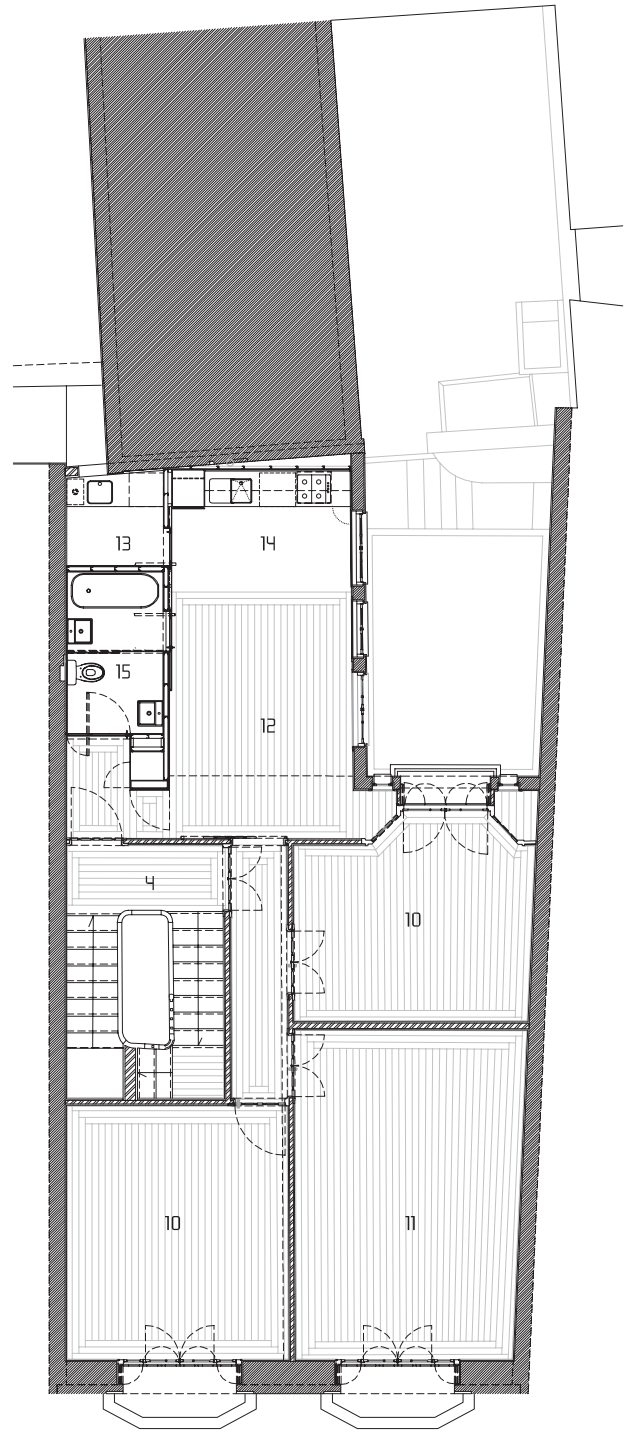
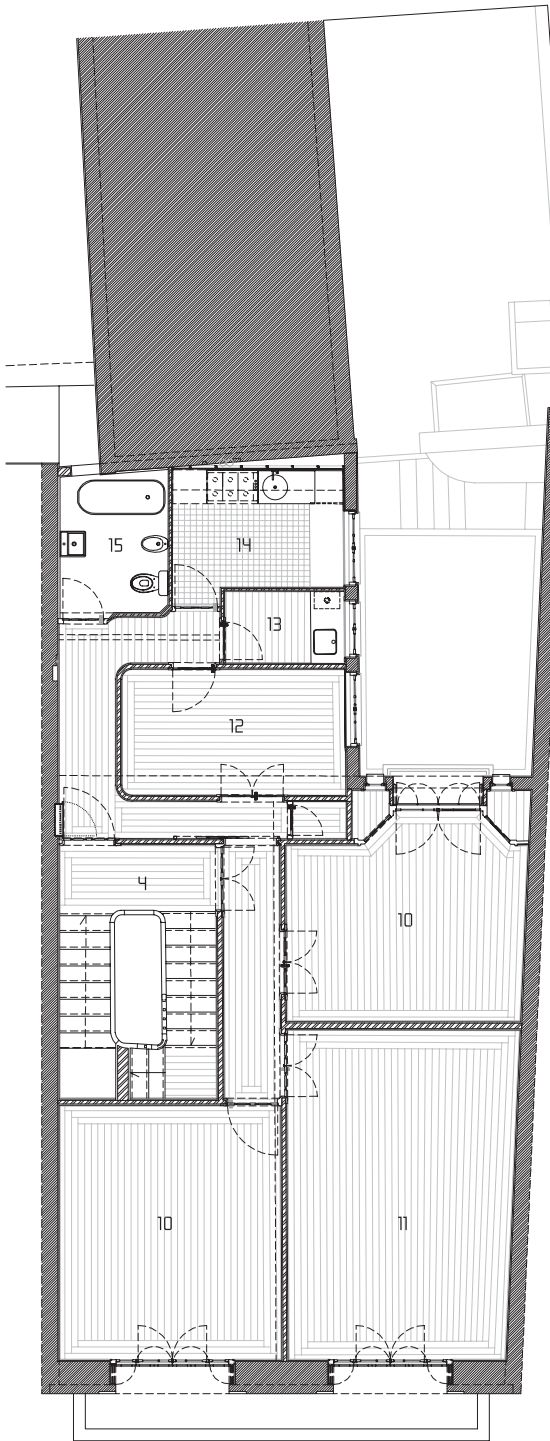
38 | Planta da Cave | Projeto Final;



Piso Térreo



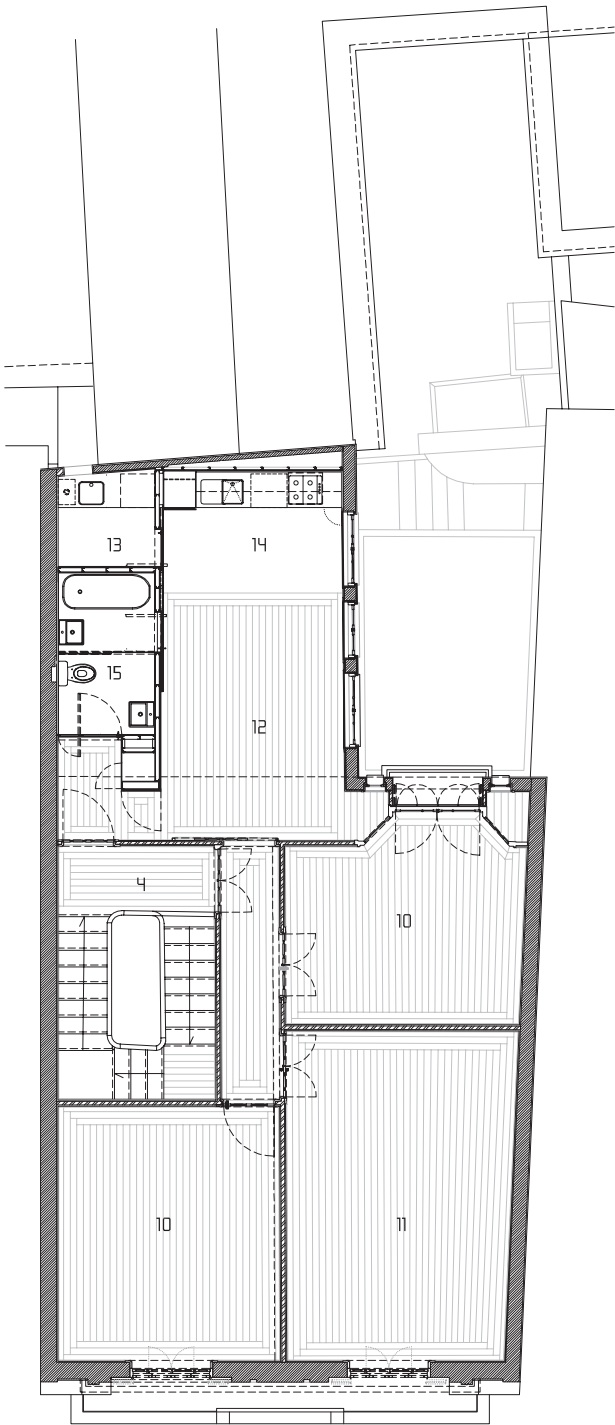
Piso 1



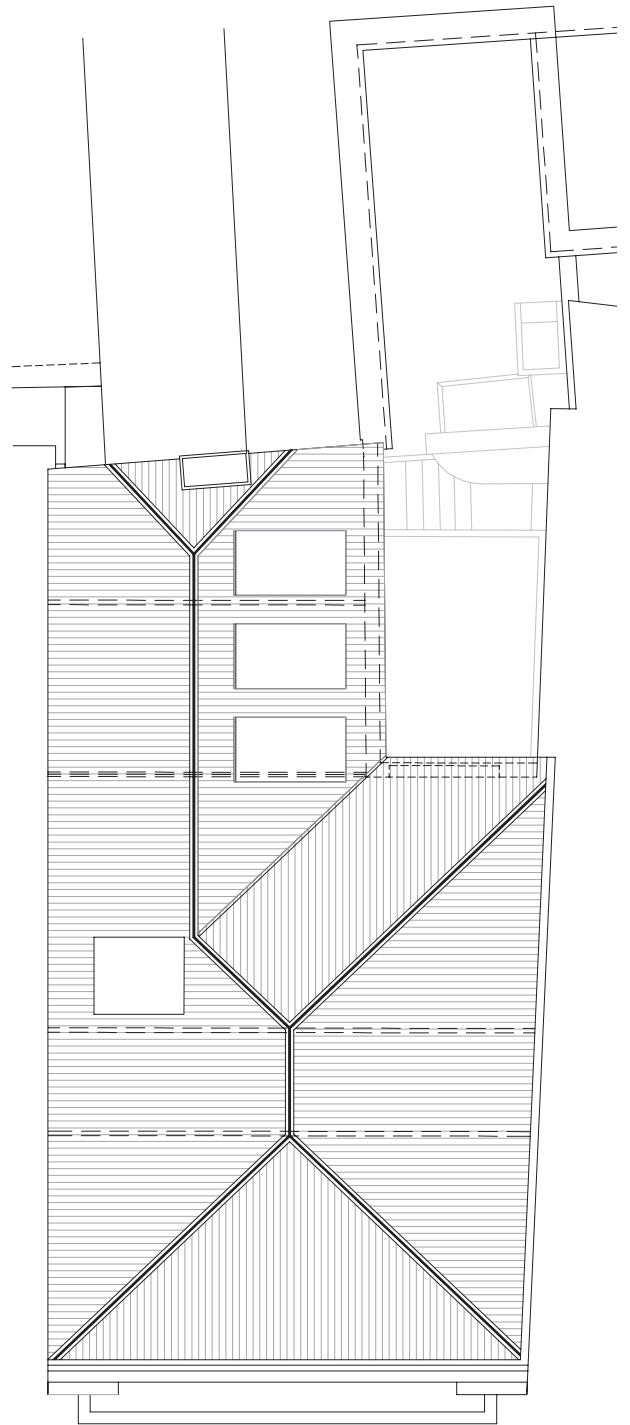
Piso 2

Piso 3

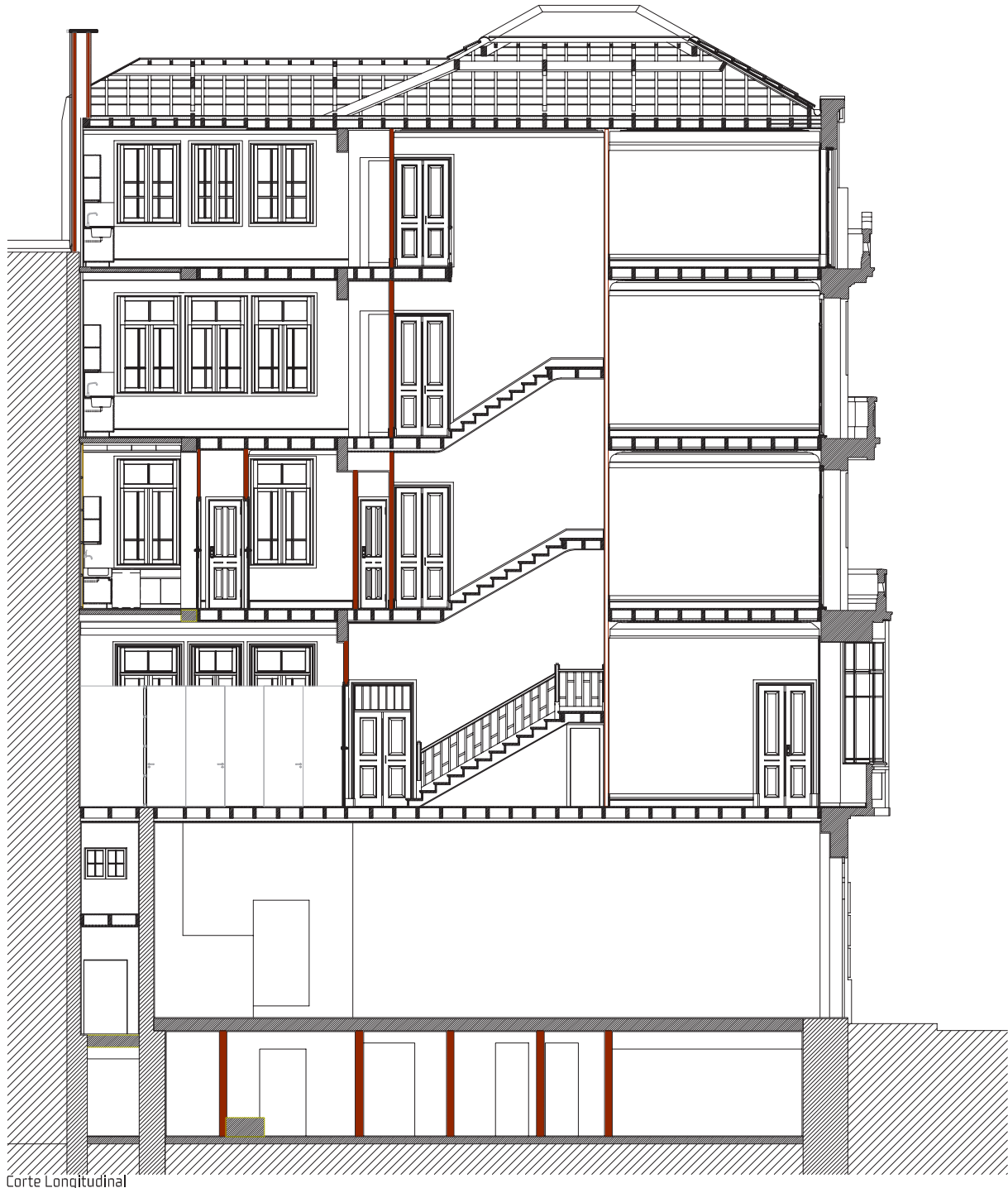
40 | Planta do Piso 2 e Piso 3 | Projeto Final;



Piso 4



Cobertura



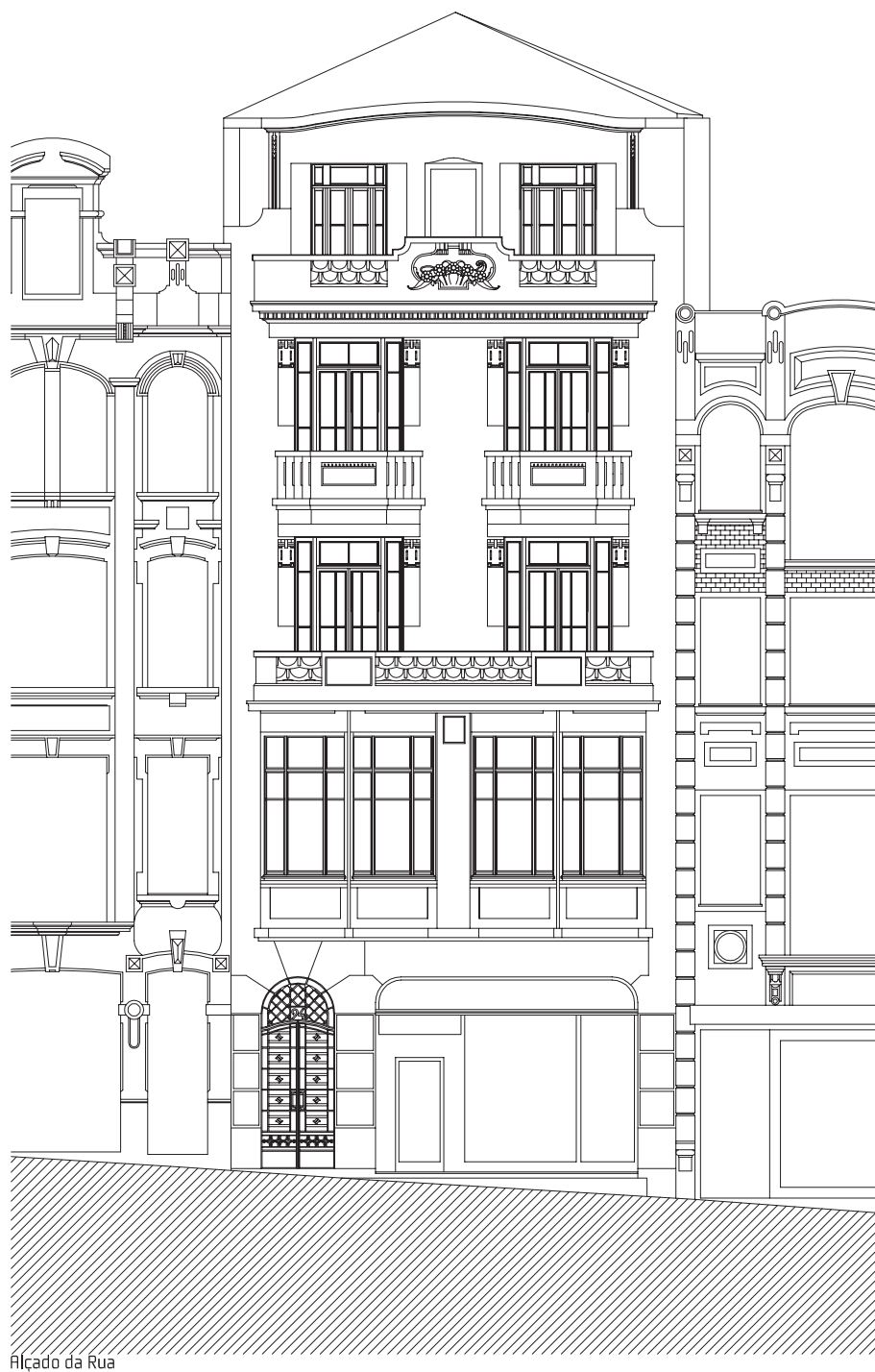
0 1 3m

42|Corte Longitudinal | Projeto Final;



Corte Transversal





44 Alçado da Rua Alexandre Braga;

45 Interior do edifício | Projeto Final;



Interior do edifício | Projeto Final; 46



47 Interior do edifício | Projeto Final;



Interior do edifício | Projeto Final; 48

Perante os dados apresentados e tendo sempre como principal visão a do design de interiores, vemos refletidos nesta intervenção aspetos representativos de boas práticas de reabilitação.

Desta forma, o design de interiores tem em conta o que é preexistente no edifício, pois cada espaço possui características próprias. Neste caso em concreto, a intervenção no edifício obedeceu a essa prática, havendo uma relação equilibrada entre a preexistência e a reabilitação.

Nesta perspetiva, o designer de interiores deve reutilizar o que já existe, criando e adaptando novos espaços, de modo a enriquecer o edificado.

A reabilitação do prédio, demonstra o cuidado e a preservação por um edifício que conta hoje em dia para o grande acervo documental da FIMS (Fundação Instituto Marques da Silva). Desta forma, podemos salientar que o valor cultural, artístico, arquitectónico e social foi respeitado e salvaguardado pelos responsáveis pela reabilitação do edifício. Assim, vemos refletido um modelo exemplar de reabilitação que contribui para a qualificação e valorização do edifício.



49|Prédio da Rua Alexandre Braga, 2021;

## EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA

### A ANÁLISE DO DESIGNER DE INTERIORES

#### Edifício da Rua Alexandre Braga

**Localização:** Rua Alexandre Braga, 94 – Porto

**Dono da Obra:** Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva

**Ano de Construção:** 1925 - 1928

**Projeto / Reabilitação:** 2008/2013

**Projeto de Reabilitação:** Centro de Estudos da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto – Francisco Barata, Nuno Valentim e José Luís Gomes

Vencedor do prémio João de Almada 2014, o projeto de reabilitação do edifício da Rua Alexandre Braga serve de exemplo para futuras reabilitações que visem património edificado ou edifícios de interesse patrimonial.

O trabalho de inspeção e diagnóstico realizado por uma equipa do CEFA-UP, detetou que as patologias que se encontraram, aumentavam com a aproximação à cobertura. Essas patologias correspondiam à degradação natural dos materiais resultante da falta de manutenção e surgiam, essencialmente, nas paredes no pavimento dos últimos pisos do edifício.

A fachada do edifício em betão, assumido parcialmente como material de acabamento sem pintura, foi pintado de amarelo, especificamente à volta das janelas, delineando e fazendo sobressair o vermelho dos caixilhos utilizados na reabilitação, cor que caracterizava a porta de entrada do prédio. Com a limpeza do resto da fachada, o edifício ganhou vida pelo tom amarelo utilizado, destacando-se relativamente aos restantes edifícios da rua.

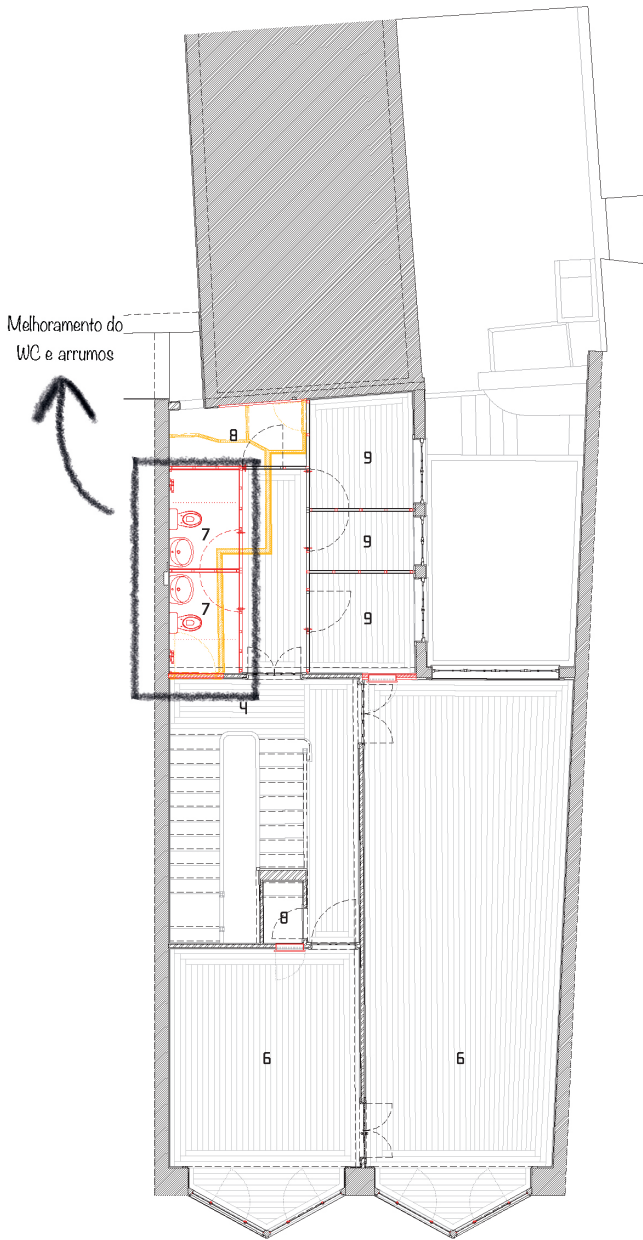
Quando falamos de cor, falamos também da temperatura do espaço. No interior do edifício as cores claras das paredes invadem de luz todos os espaços, que em sintonia com os materiais utilizados transmitem a sensação de um espaço caloroso.



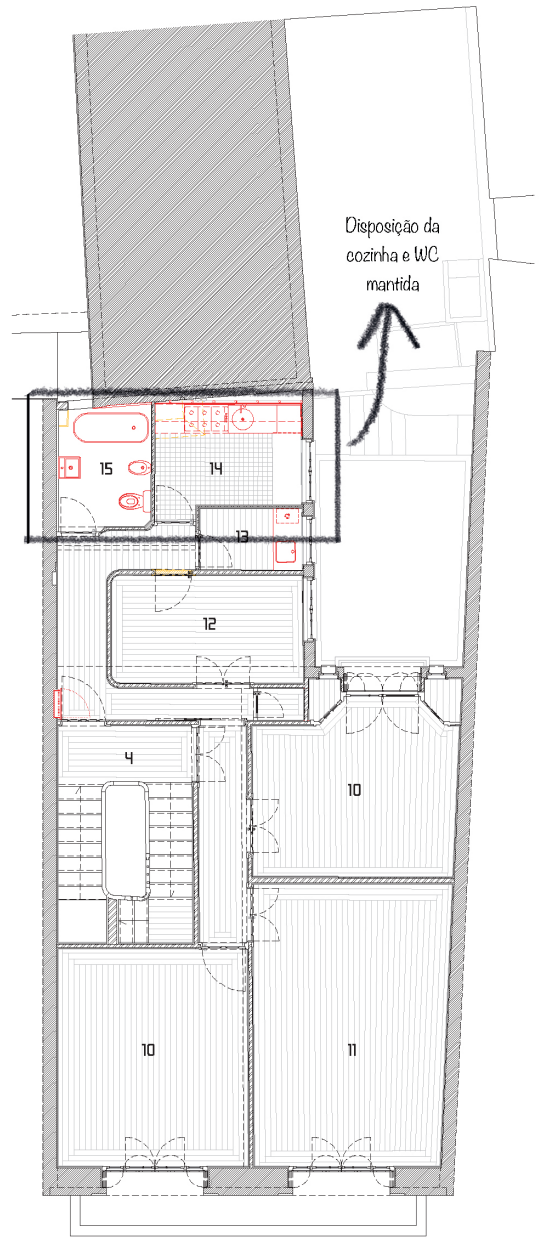
Interior do edifício; 50  
Situação Preexistente



Fachada do edifício; 51



Piso 1



Piso 2

“O facto de que os materiais retiram mais ou menos do nosso calor corporal é conhecido. Histórias de como o aço é frio e por isso retira o calor. Mas ao falar disto, ocorre-me a palavra temperar.”

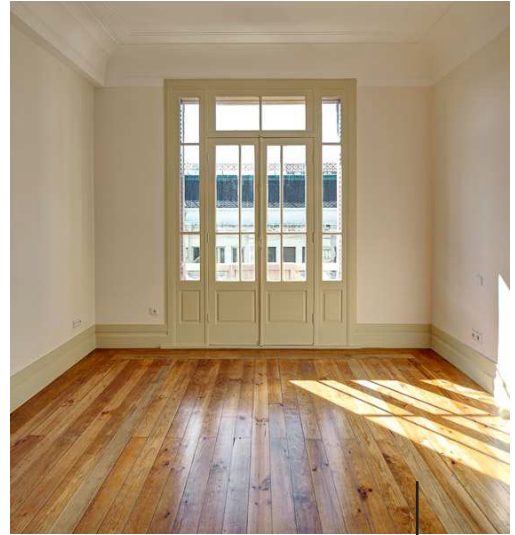
(Zumthor, P., Atmosferas, p.34)

O soalho de madeira que preenchia todo o edifício, deteriorado em diversos pisos, foi respeitado e mantido, tendo recebido manutenção durante o processo de obra e complementado nas zonas degradadas com madeira semelhante de forma a garantir a fluidez e a continuidade dos espaços. Também na escada em forma de U, foi mantida a sua madeira original, tal como no corrimão projectado pelo Arquitecto José Marques da Silva. As caixilharias e as portas interiores pintadas à sua cor original revelam a singularidade da obra. Os vitrais que complementam as portas dos corredores e que foram também respeitados e mantidos, oferecem ao espaço mais luminosidade.

No piso 1, a instalação de novos sanitários foi importante no ponto de vista de circulação, bem como de aproveitamento do espaço. O sanitário existente nesse piso, para além das suas dimensões reduzidas, obrigava os utilizadores a atravessarem divisões que serviam de escritório. Com a reabilitação, a circulação é realizada através de um corredor que dá acesso a todos os escritórios, visando a privacidade de cada divisão.

As plantas permitem assim, verificar as alterações efetuadas no edifício. Com o intuito de preservar os inúmeros valores arquitetónicos deixados por Marques da Silva, a reabilitação procurou melhorar as condições de habitabilidade e conforto.

No piso 2, apesar de ser mantida em parte a planta original, o sanitário existente sofreu alterações a nível de disposição das peças, criando mais espaço de circulação dentro do mesmo.



Interior do edifício | Projeto 53  
Final;



Interior do edifício; 54  
Situação Preexistente



Interior do edifício | Projeto 55  
Final;



56 Interior do edifício |  
Situação Preexistente;

Ainda nesse piso, a cozinha que antes, apenas tinha um lava-louça em mármore e a zona do fogão.

O novo layout, respeitou a organização do espaço e o aproveitamento do lava-louça existente em equilíbrio com os armários que foram pintados com a mesma cor das portas interiores e a bancada de mármore contribuem para um design contemporâneo. O pavimento cerâmico cria um padrão em tons de cinzento, que em contraste com o azulejo branco da parede bem como o detalhe de uma linha de azulejo tradicional também ele colocado nas paredes a toda a volta da cozinha, geram um espaço coeso e harmonioso. A consonância de todos os materiais conta assim para que o design do espaço seja bem conseguido, criando uma linha de conexão entre o passado e o presente.

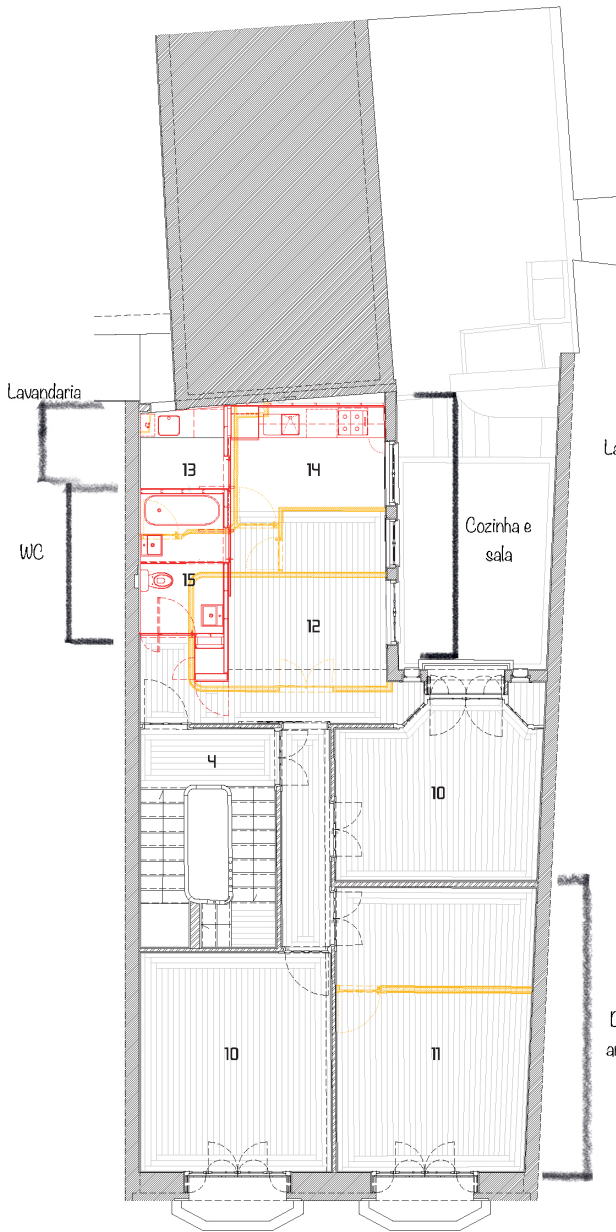
“Colocamos as coisas de forma concreta, primeiro mentalmente, depois na realidade. E vemos como reagem umas com as outras. E todos sabemos que reagem umas com as outras! Materiais soam em conjunto e irradiam, e é desta composição que nasce algo único.”

(Zumthor, P., Atmosferas, p.24)

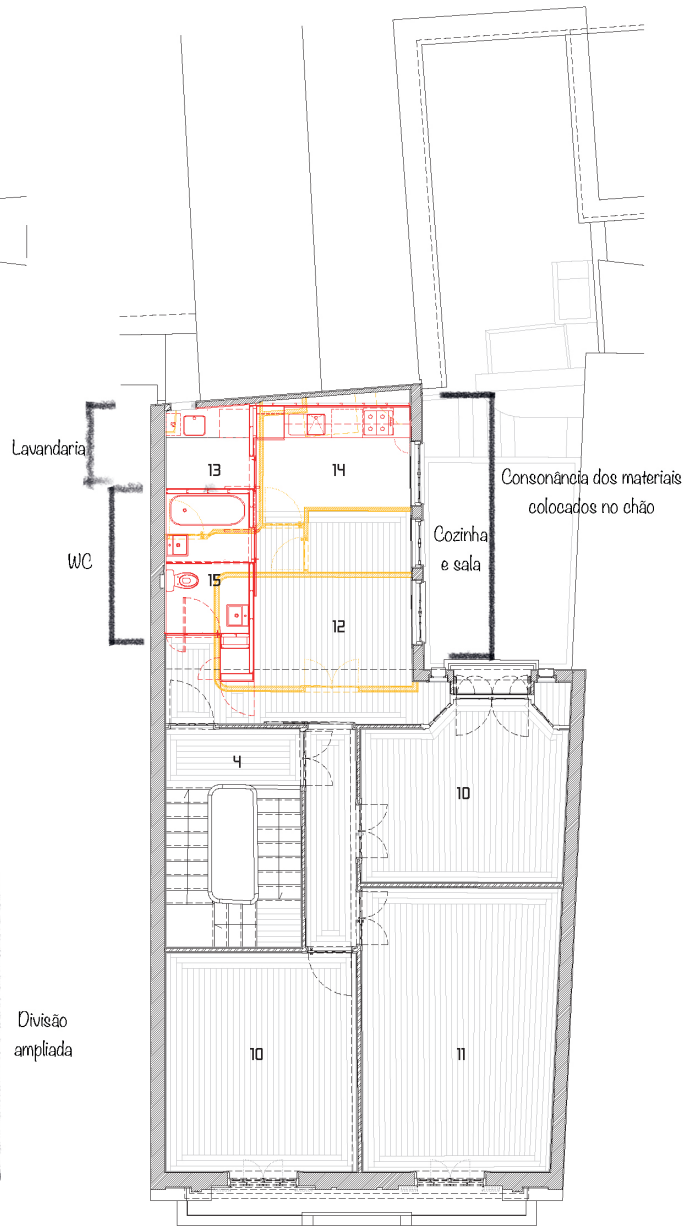


57 Interior do edifício |  
Projeto final;

No piso 3, tal como no piso 4, a demolição dos três espaços virados para o pátio interior fez com que a cozinha nos dois pisos se tornasse maior e tendo em conta o design contemporâneo criou-se um conceito aberto e integrado, sem divisórias. À semelhança da cozinha do piso 2, também os pisos 3 e 4 possuem uma paleta de cores neutras, existindo uma continuidade das portas interiores para os armários da cozinha. Uma das particularidades mais interessantes do ponto de vista do design é o pavimento na cozinha e sala dos pisos 3 e 4, que cria quase que uma divisão entre cada espaço. Ou seja, o pavimento da cozinha é diferenciado do resto da casa e por isso existe um contraste de cor e textura entre o pavimento cinzento da cozinha e a madeira na restante área.



Piso 3



Piso 4



59 Interior do edifício |  
Projeto final;



60 Interior do edifício |  
Projeto final;

As linhas direitas da cozinha criam uma consonância com as madeiras trabalhadas das portas e das janelas já existentes. As janelas viradas para o pátio interior do edifício, pintadas de branco, permitem uma luz interior mais evidenciada tendo em conta as cores claras usadas no interior.

A luz no interior do prédio visa ser importante neste tipo de edifícios visto que as janelas viradas ao alçado nascente e sul (pátio), não recebem tanta luz como o alçado poente (Rua Alexandre Braga). Desta forma, a pintura de cor branca das janelas viradas para o pátio permite que a luz seja reflectida para o interior. Com isto, o espaço ganha uma maior amplitude e permite que os materiais, de tons claros, utilizados na reabilitação também preencham o espaço de luz.

“A segunda ideia preferida é colocar os materiais e superfícies, propositadamente, à luz e observar como reflectem. É necessário, portanto, escolher os materiais tendo presente o modo como reflectem a luz e afiná-los.”

(Zumthor, P., Atmosferas, p.60)

Ainda nos mesmos pisos, os sanitários foram aumentados ao longo do comprimento da cozinha e da sala, divididos em dois espaços permitindo que um deles servisse como casa de banho de apoio. As restantes áreas dos pisos 3 e 4 mantiveram a sua disposição e respeitaram o desenho de José Marques da Silva. Para além das boas dimensões, também estas divisões, viradas ao alçado poente, recebem muita luz exterior tendo em conta as grandes janelas presentes no projeto do Arquitecto Marques da Silva e preservadas pela equipa do CEFA-UP.

Assim, a reabilitação tentou respeitar ao máximo o desenho original do Arquitecto, com a criação de espaços com melhor circulação e disposição, adaptados à vida moderna e ao design contemporâneo.

## GRANDES ARMAZÉNS NASCIMENTO

### HISTÓRIA, REABILITAÇÃO E ANÁLISE

Ainda que na perspetiva do design de interiores e do que se pretende defender, o edifício da Rua Alexandre Braga seja um exemplo a seguir no que toca à reabilitação, surge uma obra intervencionada que padece de falhas.

O projeto dos Grandes Armazéns Nascimento tinha sido encomendado a Marques da Silva por António do Nascimento, industrial de marcenaria, proprietário de uma das mais importantes fábricas do sector na época. Era intitulado o maior produtor de móveis da Península Ibérica e a sua intenção era construir um grande armazém de mobiliário e decoração de interiores.

Em Março de 1914, António Nascimento requisita à Câmara Municipal do Porto autorização para a demolição das edificações existentes, no ângulo nascente-norte das ruas de Santa Catarina e Passos Manuel, para aí construir um prédio para “Os Grandes Armazéns Nascimento”.

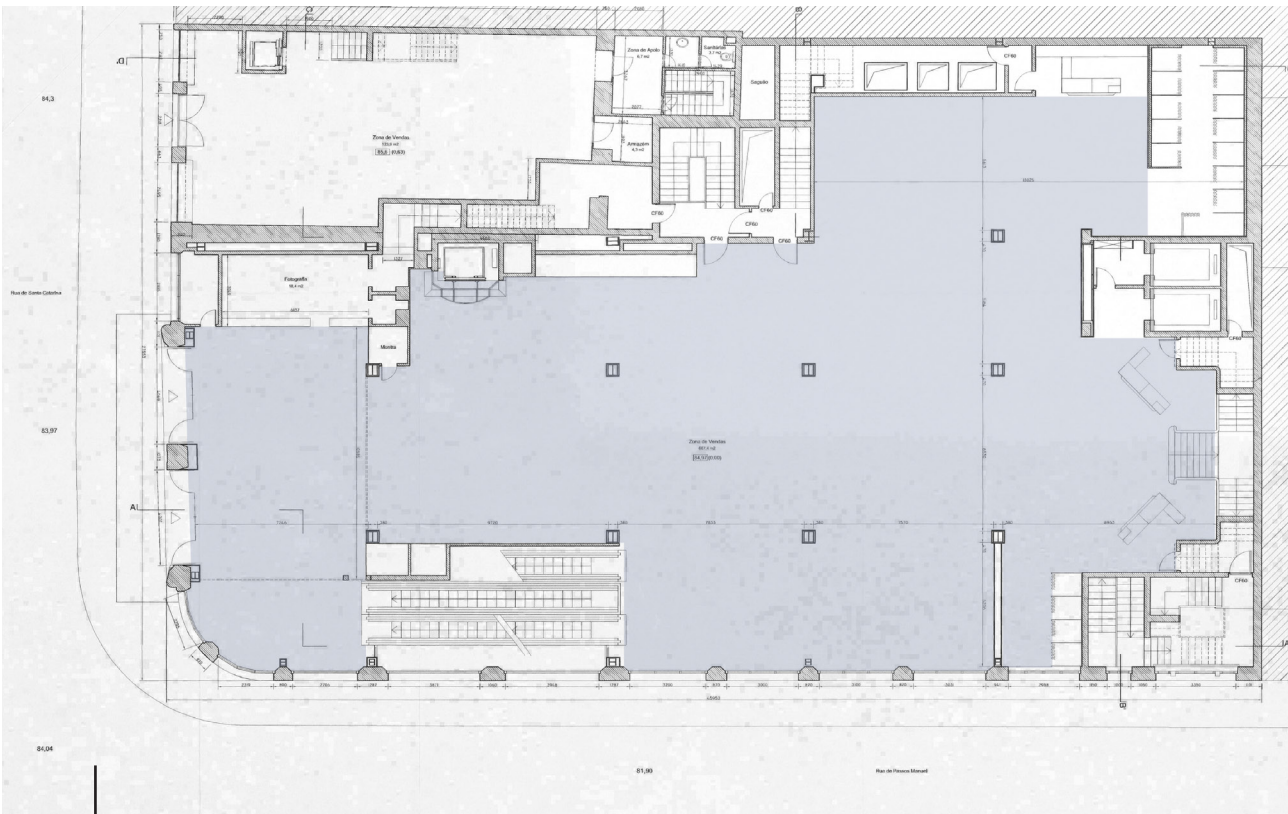
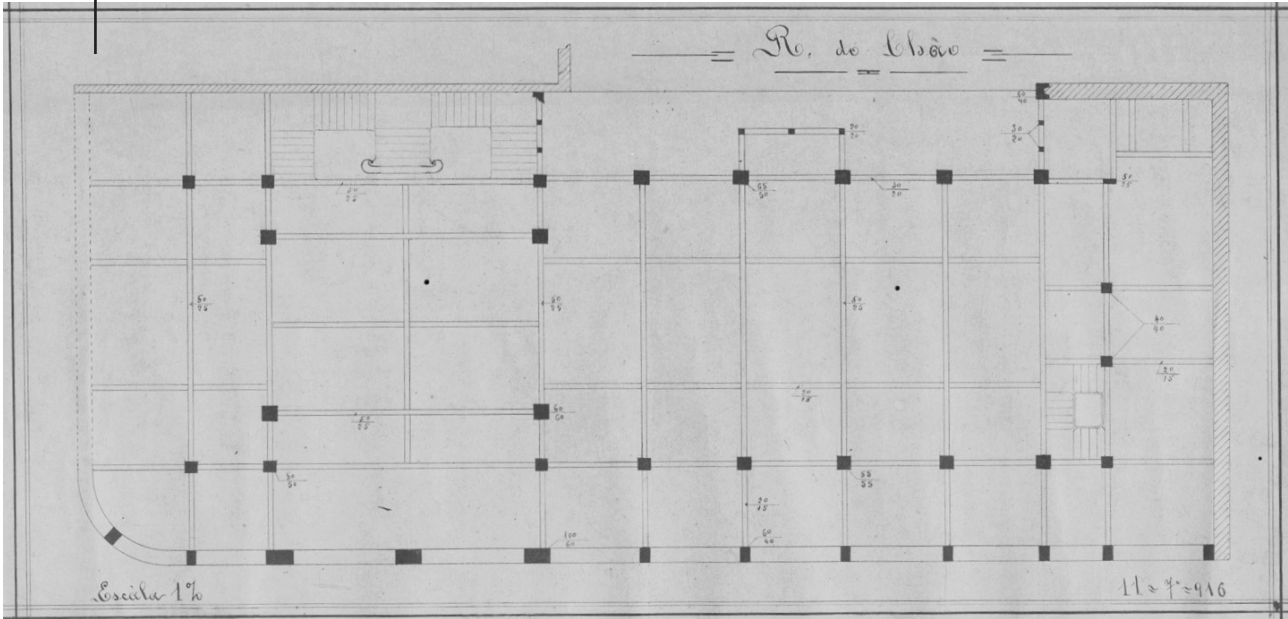
Após uma longa viagem pela Europa, o Arquitecto Marques da Silva apresentou o primeiro estudo da obra em 1914.

Porém, as obras não foram iniciadas de imediato e em 1916 foi solicitada a reforma da licença dando começo ao projecto. A 13 de Junho de 1927, eram inaugurados os Grandes Armazéns Nascimento.



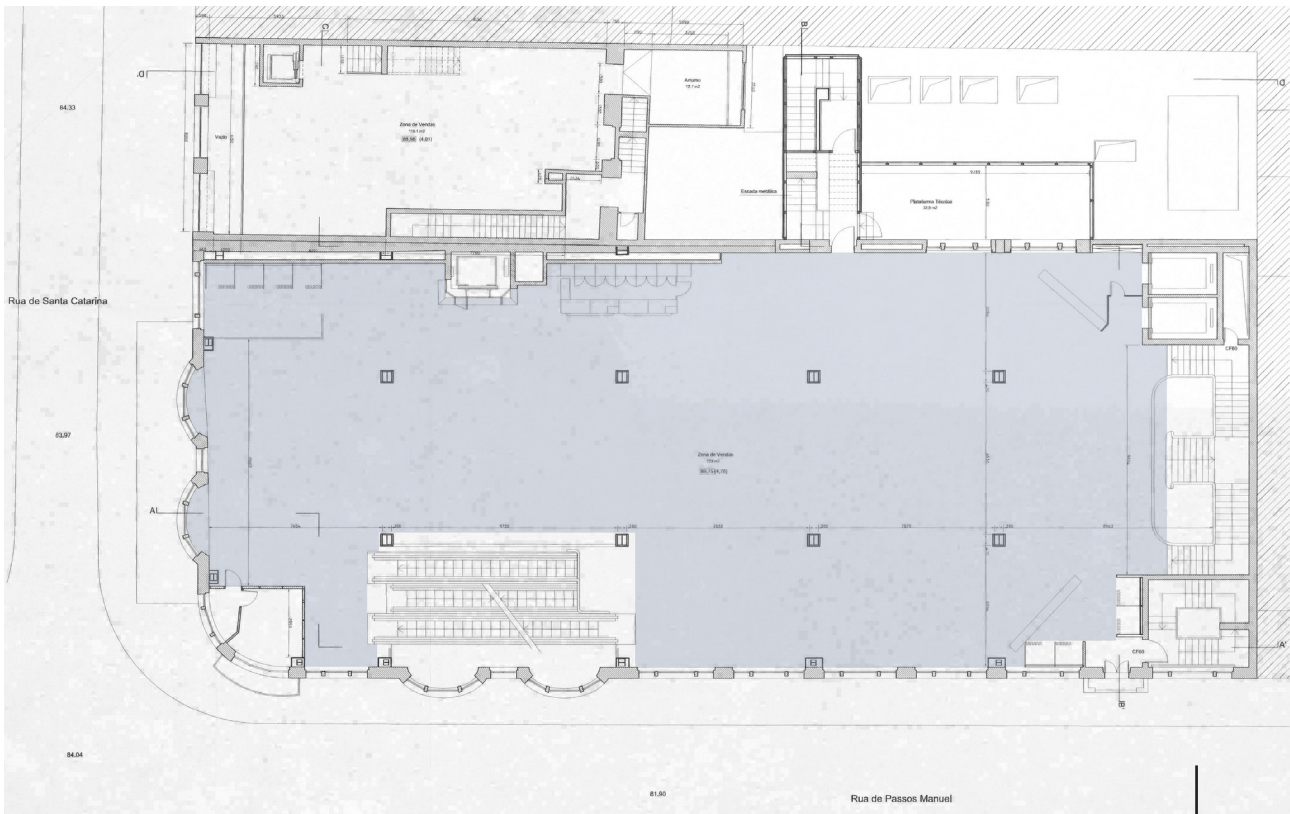
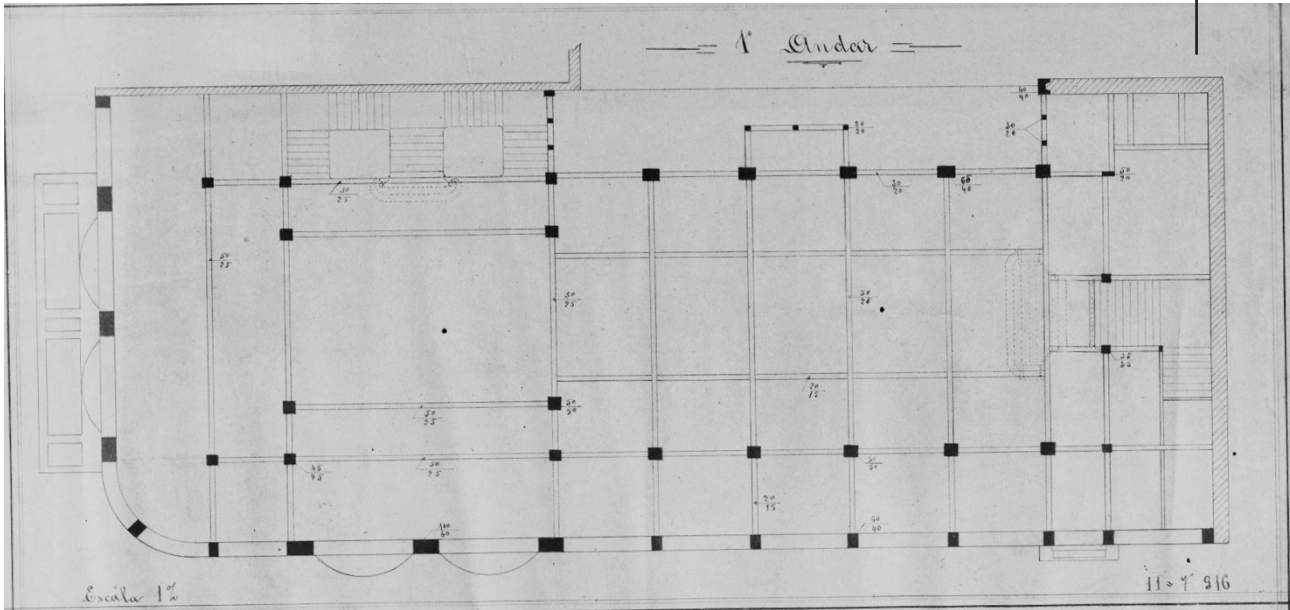
Grandes Armazéns Nascimento; 61

62| Planta Rés-do-Chão | Grandes Armazéns Nascimento | Projeto Arquiteto Marques da Silva;



63| Planta Rés-do-Chão | Edifício Palladium;

Planta Piso 1 | Grandes Armazéns Nascimento | Projeto Arquiteto Marques da Silva; 64



Planta Piso 1 | Edifício Palladium; 65

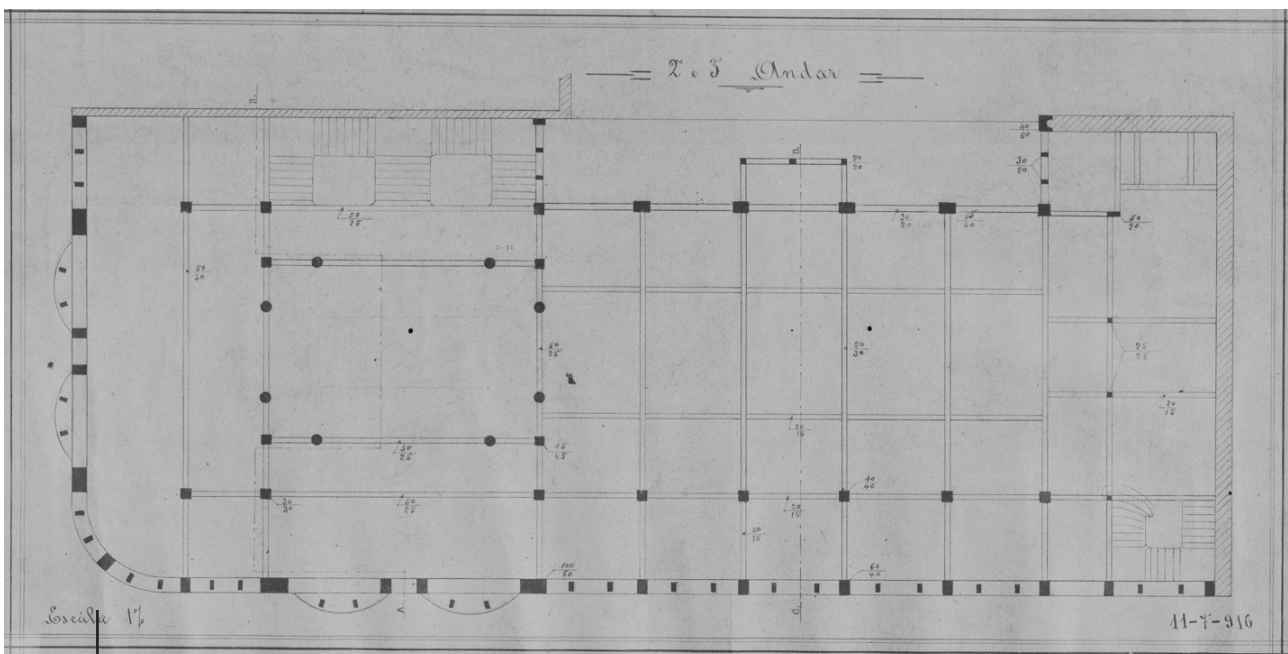
Os Grandes Armazéns Nascimento foram uma firma relevante de mobiliário, que no início do século XX, abasteciam a cidade do Porto e a região Norte do país com peças que ocupavam o lugar da antiga produção artesanal.

Como já referido, após uma viagem conjunta com António Nascimento à Europa Central, Marques da Silva elaborou o projeto do edifício. Este adquiriu uma forma que está directamente ligada às experiências dos grandes armazéns de Paris, onde o espaço interior explora as transparências.

A localização dos Grandes Armazéns Nascimento, no ângulo de duas ruas da cidade do Porto, oferecia ao edifício uma posição privilegiada para exhibir um grande arco, uma solução que Marques da Silva já tinha estudado em projetos anteriores.

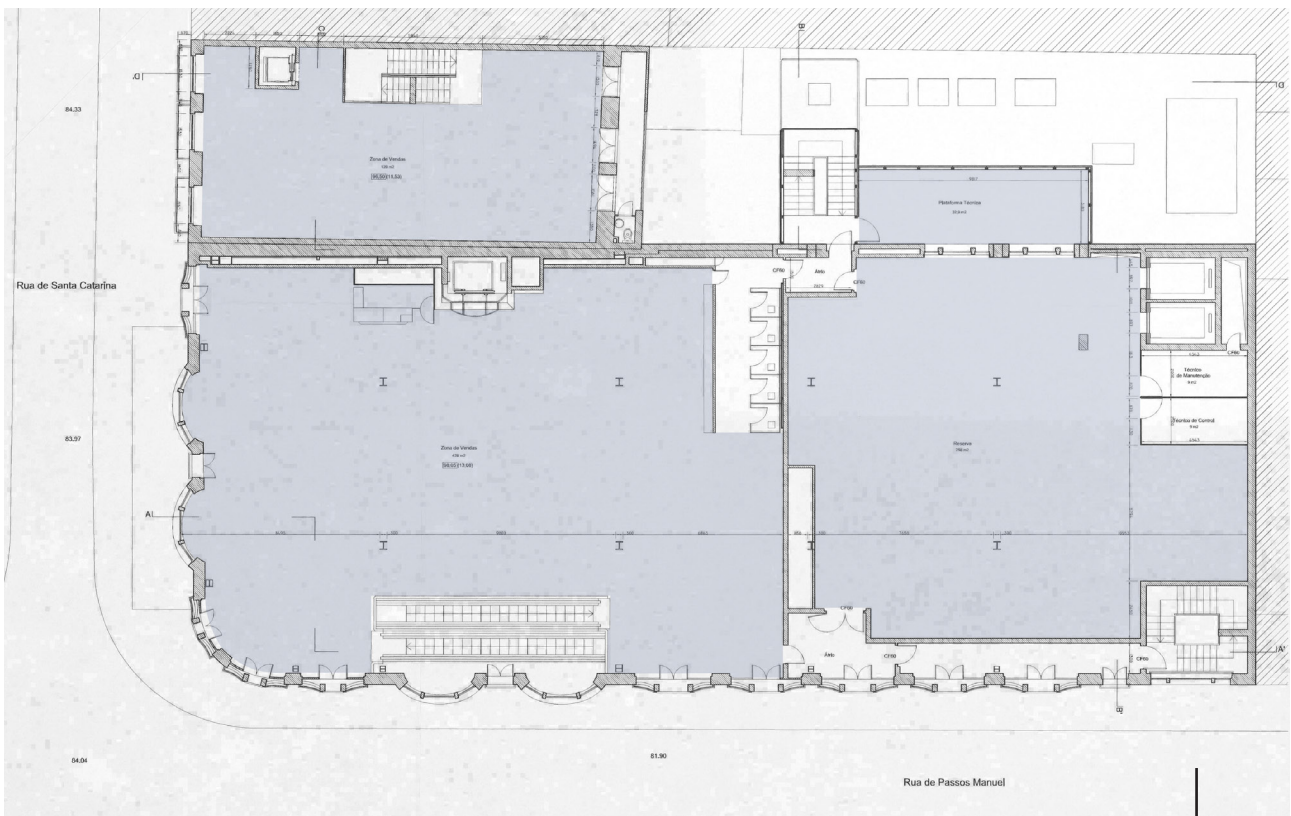
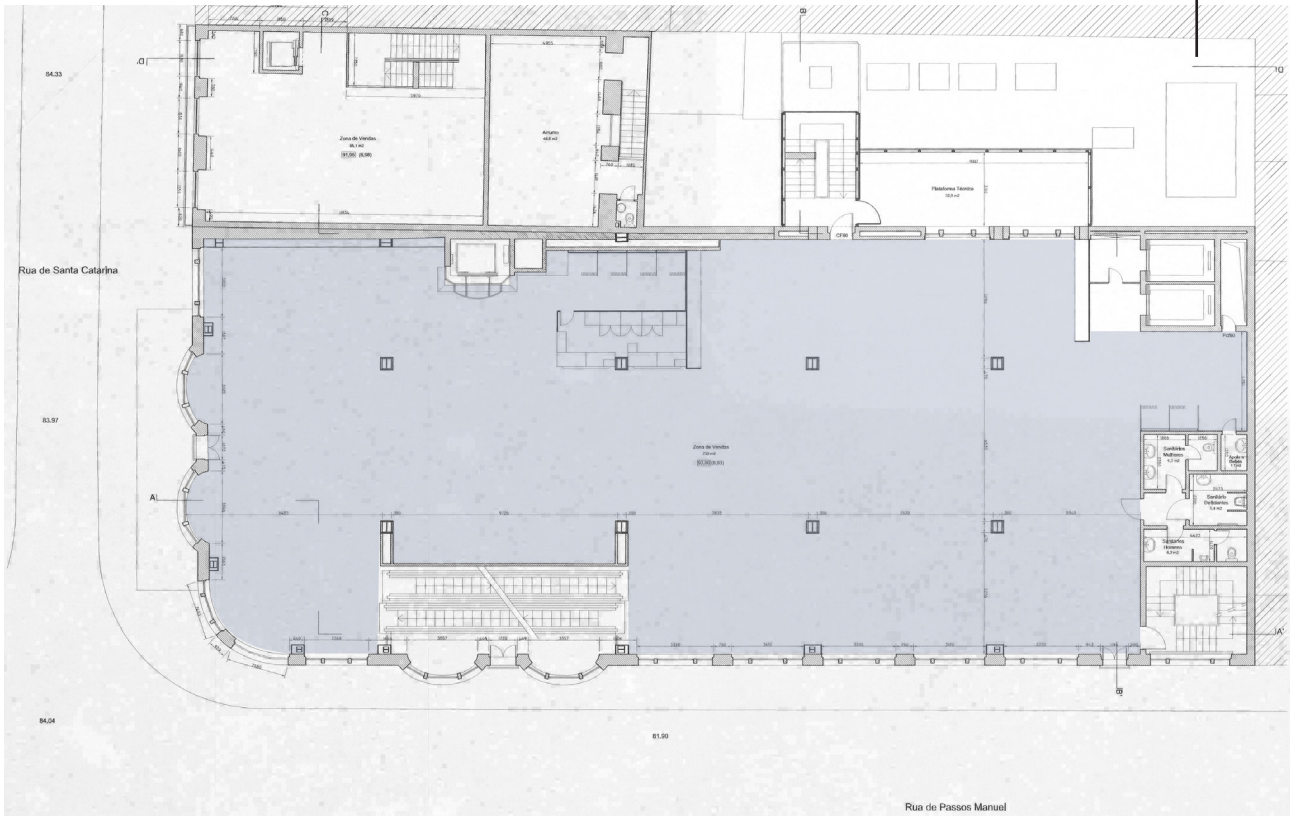
Esta era uma estratégia de projeto do arquiteto que pretendia provocar a surpresa de uma monumentalidade original, tendo em conta a construção contínua de um plano de fachadas de rua.

Porém, a duplicação do arco na fachada da Rua Passos Manuel provocou uma grande incerteza formal, receando a banalidade monumental do elemento. O sistema construtivo da base em betão armado é outro aspecto significativo do edifício, cuja sofisticação estrutural abre caminho a dispositivos espaciais interiores e ao apuramento dos recursos formais exteriores. Na possibilidade de explorar a expressividade das formas e ampliar a gama de espessuras dos pilares e vigas, Marques da Silva deixou as estruturas construtivas mistas em pedra e madeira ou pedra e ferro.



66 Planta Piso 2 e Piso 3 | Grandes Armazéns Nascimento | Projeto Arquiteto Marques da Silva;

Planta Piso 2 | Edifício Palladium; 67



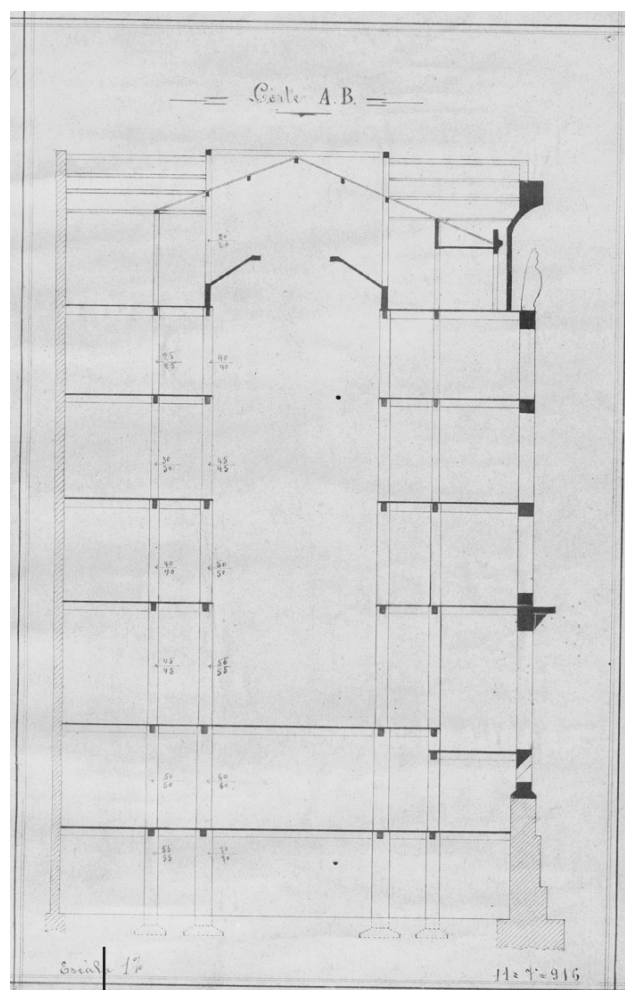
Planta Piso 3 | Edifício Palladium; 68

Os Grandes Armazéns Nascimento edificaram-se como uma obra estruturante da história da arquitetura portuguesa.

Com a decadência da firma Nascimento a partir dos anos 40, o café Palladium tomou lugar até aos anos 70. O edifício sofre assim uma profunda alteração que destruiu a sua integridade nos anos 90, sendo que o que hoje se observa difere substancialmente daquilo que o edifício foi originalmente.

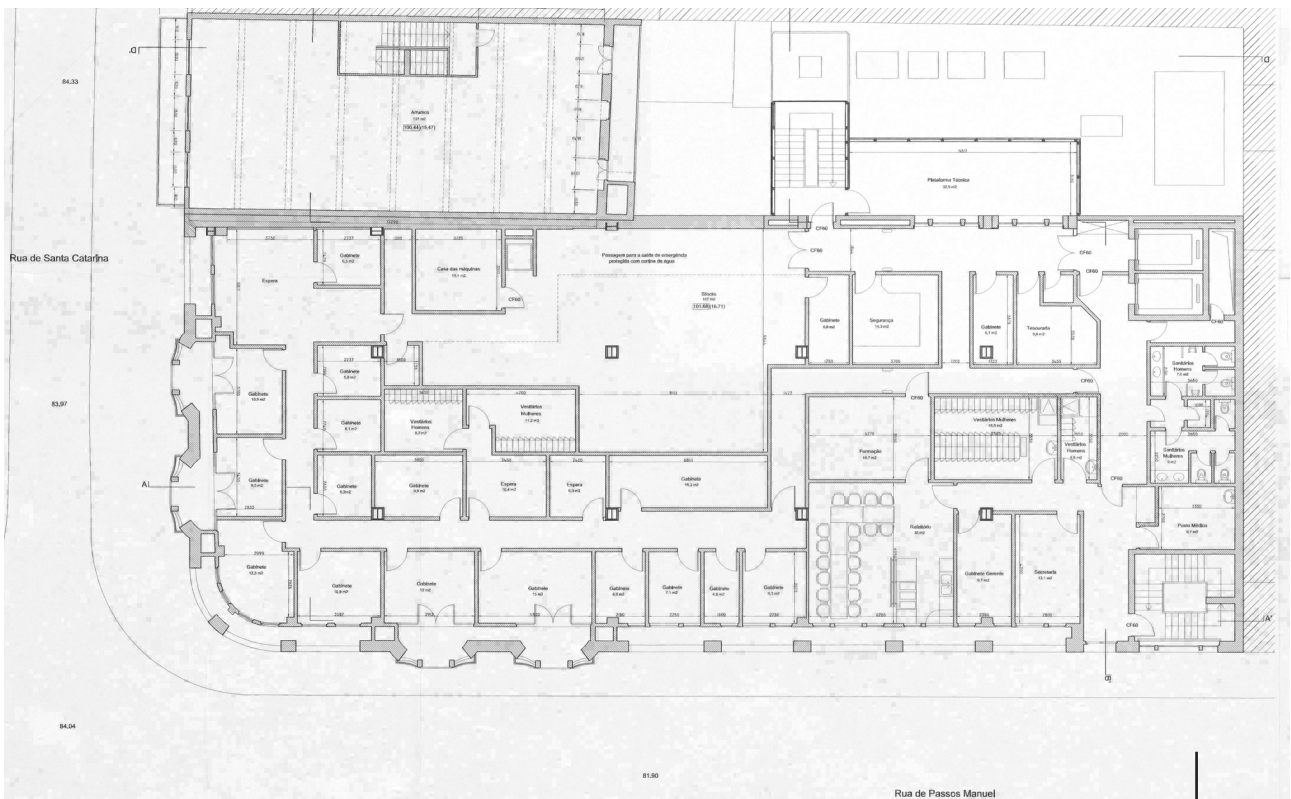
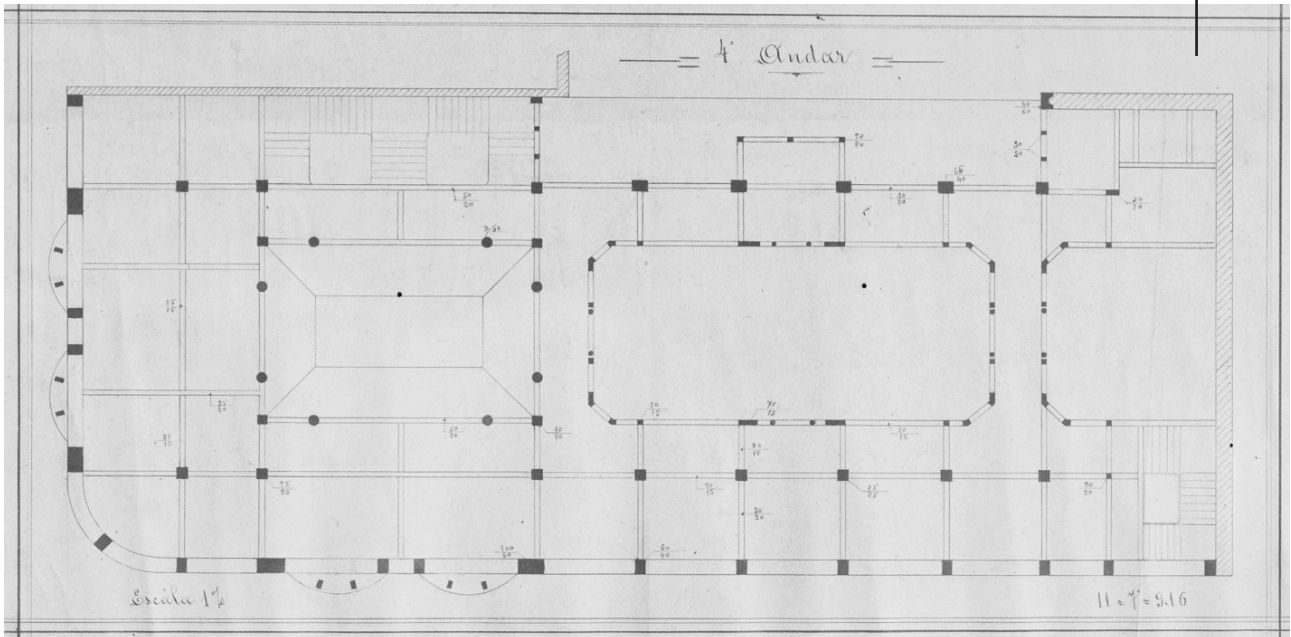
A obra que José Marques da Silva teria anteriormente desenhado perdeu o seu valor, quando as grandes lojas se apoderaram do edifício. Quase que podemos dizer que os Grandes Armazéns Nascimento se tornaram uma espécie de grande superfície comercial, apesar de só incluir duas multinacionais.

Praticamente todo o seu interior foi demolido, desprezando e desrespeitando o valor do que teria sido aquele espaço antigamente.



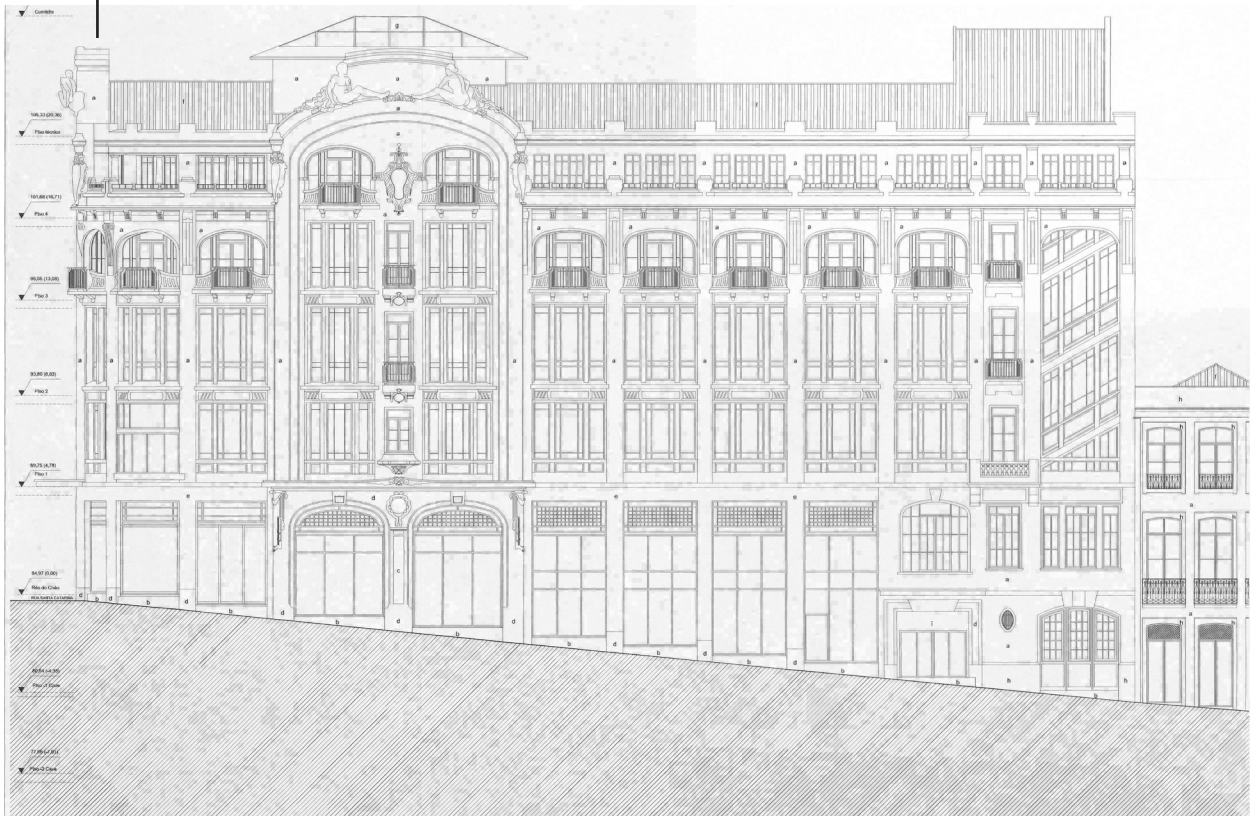
69. Corte Transversal | Grandes Armazéns Nascimento  
Projeto Arquiteto Marques da Silva;

Planta Piso 4 | Grandes Armazéns Nascimento | Projeto Arquiteto Marques da Silva; 70



Planta Piso 4 | Edifício Palladium; 71

72|Alçado Rua Passos Manuel | Edifício Palladium;



73|Alçado Rua de Santa Catarina | Edifício Palladium;



Corte Longitudinal | Edifício Palladium; 74

A fachada da Rua de Santa Catarina e a fachada lateral na Rua Passos Manuel foi o que restou de um trabalho de alguém que dedicava a sua vida a desenhar e a projectar os espaços com um objetivo. Nos dias de hoje, podemos observar que o edifício dos Grandes Armazéns Nascimento, hoje com o nome de Galerias Palladium, está repleto de escadas rolantes que dá acesso aos vários pisos do edifício, mantendo um vão de escadas no canto inferior direito das plantas do edifício, desde o rés-do-chão até ao 4º piso. O edifício que anteriormente dispunha de pisos amplos divididos pelos pilares que faziam parte da estrutura, foi compartimentando, criando barreiras visuais a quem visita o espaço.

Na perspectiva do designer de interiores a reabilitação dos Grandes Armazéns Nascimento, contribuiu para a desqualificação do edifício, destruindo todo o seu interior, retirando-lhe assim, o que de mais valioso e belo o edifício incluía.

Apesar de ser uma atracção a quem visita a cidade do Porto, o edifício Palladium conseguiu desta forma obter um maior valor económico e social. A intervenção deveria por isso cuidar das diversas expressões que caracterizavam o espaço e que lhe conferiam um carácter único e insubstituível.



75 Interior do Edifício Palladium, 2021;



76 Fachada do Edifício Palladium, 2021;

## GRANDES ARMAZÉNS NASCIMENTO

### A ANÁLISE DO DESIGNER DE INTERIORES

#### Edifício dos Grandes Armazéns Nascimento / Edifício Palladium

**Localização:** Rua de Santa Catarina / Rua de Passos Manuel, 67 – 80 - Porto

**Ano de Construção:** 1916

**Projeto / Construção:** 2006/2008

**Projeto de Reabilitação:** Carlos Castanheira Arquitetura

Os Grandes Armazéns Nascimento foram uma das obras mais emblemáticas do arquitecto José Marques da Silva, instalados no coração da cidade do Porto. Do programa projetado pelo arquitecto, salienta-se o fator luz como elemento unificador e modelador do espaço interno e da própria volumetria das fachadas.

À semelhança de outros projetos do Arquitecto Marques da Silva, a estrutura dos Grandes Armazéns Nascimento é de betão armado. Este sistema de construção permitiu ao arquitecto aumentar as diversas espessuras dos pilares e vigas permitindo-lhe explorar a expressividade das formas. Este elemento distintivo, permitiu que existisse uma valorização da montra sobre a rua e nos pisos superiores do edifício beneficiou a entrada de luz nos espaços favorável às zonas de exposição que servia o edifício naquela época. O ritmo dos Grandes Armazéns Nascimento é marcado pela progressão vertical de um pé direito quádruplo que interliga questões arquitectónicas e ornamentais.

As características marcantes do projeto dos Grandes Armazéns Nascimento foram significativas no sentido da modernidade, segundo António Cardoso, historiador e professor da FLUP. Mais afirma que, naquela época “definia-se no Porto uma tipologia de Grandes Armazéns e sub-tipos que influenciariam decisivamente a reformulação de lojas comerciais, já nos anos 30, e a aceitação do sistema construtivo de betão armado.”.

(Cardoso, A., O Arquitecto José Marques da Silva e a Arquitectura no Norte do País na primeira metade do século XX, p. 424)

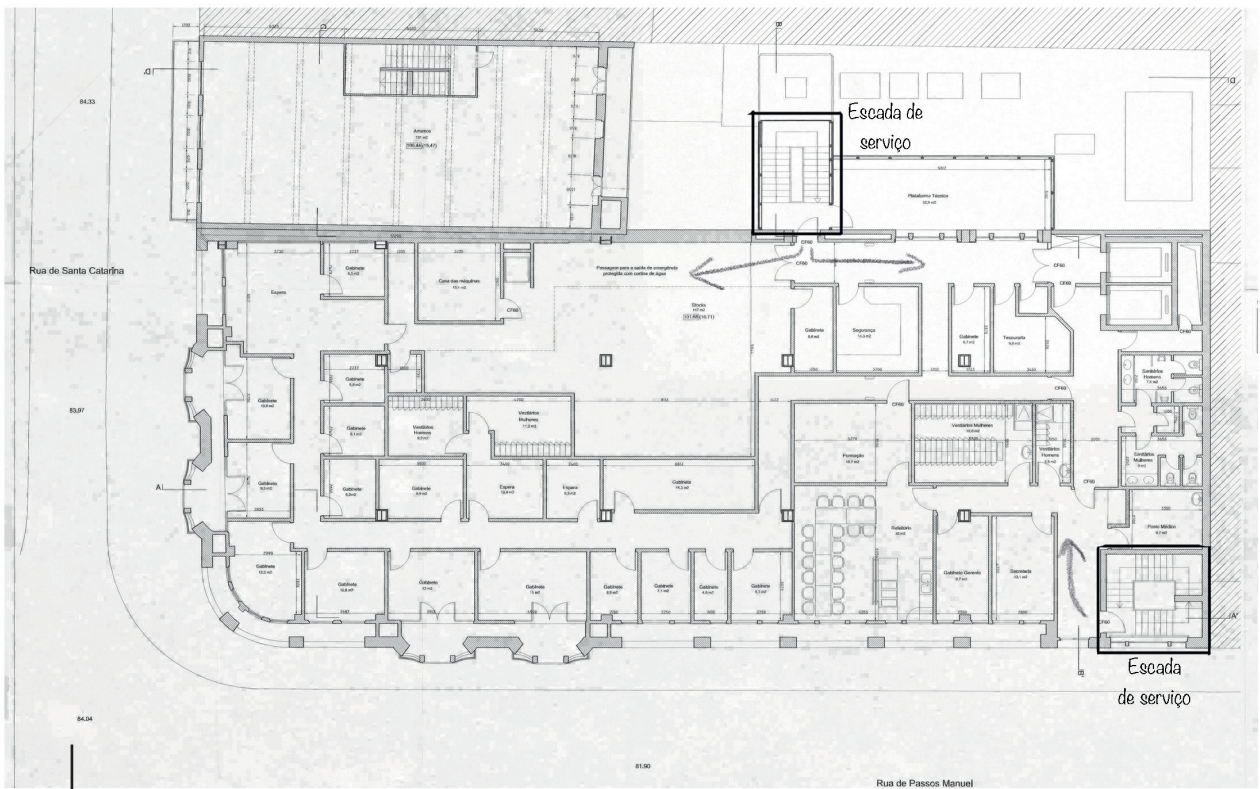
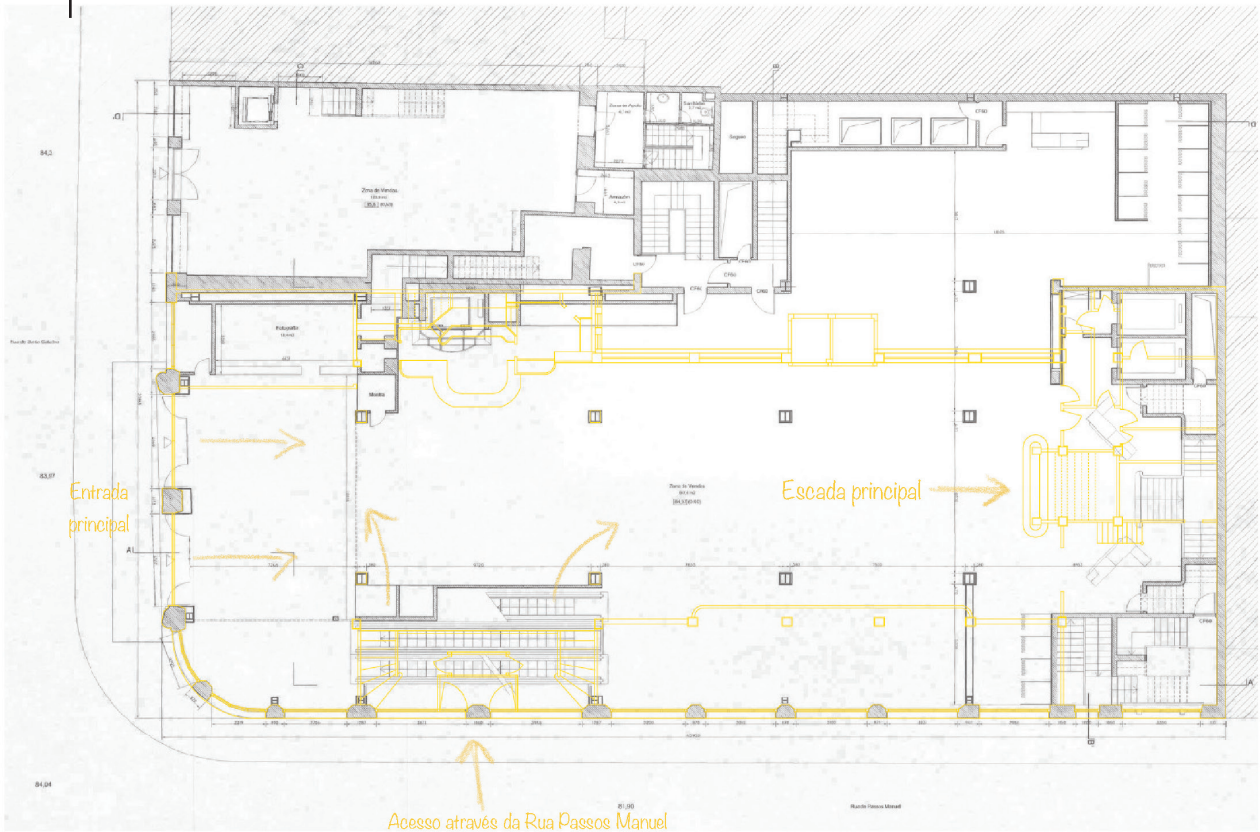


Grandes Armazéns Nascimento; 77



Interior dos Grandes Armazéns Nascimento; 78

79 | Planta do Rés-do-Chão | Demolição e Construção;



80 | Planta Piso 4 | Galerias Palladium

Porém, o que hoje se observa no local difere consideravelmente do que foi o edifício original. A reabilitação realizada nos Grandes Armazéns Nascimento revela uma desvalorização do que tinha anteriormente sido um exemplo e uma influência para a arquitetura da cidade do Porto. A introdução de novas tecnologias para resolver os acessos verticais adequando-se à nova legislação, foi feita sem cuidado e atenção, tendo destruído completamente a qualidade espacial do interior da edificação.

Nas plantas observa-se a instalação de escadas rolantes que fazem o acesso da cave ao piso 3 que antigamente davam espaço à escada de serviço legível na fachada da Rua Passos Manuel. Esta escada era um dos elementos que marcava a transição da entrada para o resto do espaço dos Grandes Armazéns. O projeto de Marques da Silva era também caracterizado pela escadaria frontal de três lanços, que estabelecia uma ligação natural ao piso 1 e que foi destruída.

A reabilitação inclui uma escada central de pé direito duplo, que parece ser inspirada no projeto original dos Grandes Armazéns, que liga o rés-do-chão ao piso 1. Os pisos de espaço fluido e organizado deixaram de existir e deram lugar a gabinetes e espaços de arrumos, zonas de vendas e provadores. Como é possível verificar através dos desenhos técnicos, de todos os pisos do edifício, o piso 4 foi de todos o mais dividido em diferentes espaços. Quando falámos em reabilitação, para que esta seja um bom exemplo, é necessário estudar a história do edifício dando continuidade à sua valorização e adequá-lo ao design contemporâneo minimizando ou até mesmo evitando a sua destruição. Os pisos fluidos e de horizontalidade constante anteriormente dedicados a espaços de exposição, servem hoje de exploração para venda ao público. Desta forma, entende-se que as atmosferas são bem diversificadas.

O que antigamente se observava no seu estado construtivo puro (betão armado), é hoje completamente rebocado e pintado, tapando os pilares ornamentais que fizeram parte do projeto de Marques da Silva.



Interior das Galerias Palladium; 81



Interior das Galerias Palladium; 82



83 Interior das Galerias Palladium;

Os tetos revestidos a gesso cartonado substituem os tetos ornamentais em estuque que marcavam todos os pisos do edifício. A beleza do interior do edifício é desta forma destruída. Vemos por isto, a verticalidade vazada do pé direito quádruplo existente nos Grandes Armazéns em cada piso demolidas, dando lugar a um espaço fechado, com luz artificial. A disposição espacial do que hoje existe, é similar a uma loja inserida num centro comercial. Desta forma, a circulação em cada piso não é tão livre e fluida como antigamente, tendo em conta as diversas áreas de vendas criadas.

Os elementos caracterizadores dos Grandes Armazéns Nascimento estavam espalhados por todo o edifício complementando-se entre si. Como refere Marques da Silva na memória descritiva do edifício “os soalhos serão de madeira de diversas naturezas”.

A união de diversas madeiras a que se refere o arquitecto, foi substituída por combinações de pavimento cerâmico e alcatifa mediante cada loja que ali foi instalada. Ainda no rés-do-chão do edifício, era visível o contraste do mármore preto utilizado no revestimento dos pilares que marcavam o início da verticalidade e do pé direito quádruplo dos Grandes Armazéns Nascimento, com as diversas madeiras e os tons claros das paredes e dos tetos. Apesar das fachadas do edifício terem sido mantidas, o interior do mesmo possuía os elementos caracterizadores dos Grandes Armazéns. Desta forma, vemos a história e o trabalho de um arquitecto que influenciou a arquitectura da cidade do Porto, a serem destruídos para benefício da economia.

Na visão do designer de interiores, a reabilitação deve contribuir para a valorização do edificado. Nesta reabilitação, também condenada pela própria Fundação do Arquitecto Marques da Silva não vemos incluídos os valores da história ou até mesmo da arquitectura. Podemos partir do principio de que a reabilitação deve ser vista como uma obra de reaproveitamento do que já existe, mais uma vez, dando continuidade à sua história e valorizando os elementos que mais caracterizam o edifício.



84 Interior das Galerias Palladium;



Corte Transversal Galerias Palladium | Demolição e Construção 85



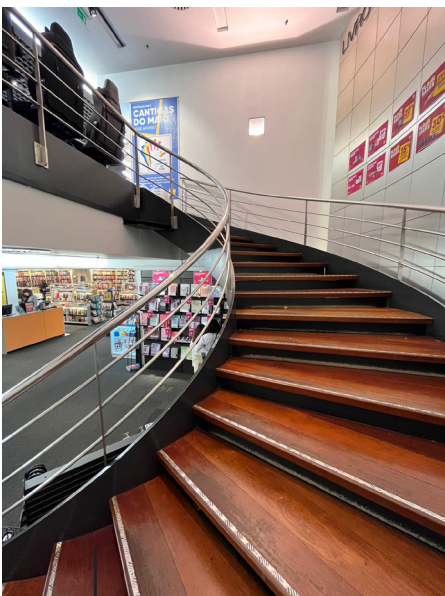
86 Interior das Galerias Palladium;

Nas plantas e cortes, trabalhados de forma a estudar e analisar o que existia e o que passaram a ser os Grandes Armazéns Nascimento, verifica-se uma anulação completa do pé direito quádruplo que fazia e dava vida ao edifício. Esta demolição, fez com que toda a luz natural que o edifício recebia interiormente fosse substituída por luz artificial.

A luz natural do edifício, era uma das suas grandes características, tendo em conta que a passagem desta luz era feita maioritariamente através do pé direito existente, bem como pelo facto de as janelas não terem nenhum obstáculo que não permitisse a passagem dessa mesma luz. Os Grandes Armazéns Nascimento, hoje Galerias Palladium, tornaram-se pisos sombrios e com pouco interesse para a arquitetura.

O designer de interiores tem o dever de não só ajustar cada edifício à realidade contemporânea, mas também de preservar o que foi história e o que na sua duração foi visto como um dos edifícios mais emblemáticos da cidade do Porto, principalmente o seu interior. Ainda que seja possível perceber a utilidade do novo edifício dos Grandes Armazéns Nascimento, é crucial para o Design que o que existe seja integrado na evolução do que é atualmente o design de interiores. Neste caso, e tendo em conta o design contemporâneo, podemos assumir que o elemento mais caracterizador dos Grandes Armazéns Nascimento, o pé direito quádruplo, caso tivesse sido mantido, seria hoje uma mais valia e um pretexto até de visita ao espaço.

Como designer de interiores o estudo do edifício visa ser importante, com o intuito de minimizar a sua destruição mas de certa forma permitir a sua continuidade e a sua utilização, de forma respeitadora. Assim, o designer deve trabalhar os espaços preexistentes, através de novas visões, potenciando a identidade desse mesmo edifício, permitindo a sua requalificação com o pre-existente.



87 Interior das Galerias Palladium;

## EDIFÍCIO ANTÓNIO ENES BAGANHA

### HISTÓRIA E ANÁLISE

O último projeto da autoria do Arquitecto José Marques da Silva, não é considerado património edificado. No entanto, a investigação às diversas obras do arquiteto, suscitou a curiosidade relativa ao Prédio António Enes Baganha, que se prolongou ao longo dos anos no seu desenho original.

Situado na Rua do Rosário, o edifício é mais um dos projetos do Arquitecto José Marques da Silva. Em 1920, data oficial da última licença solicitada à Câmara Municipal do Porto, António Enes Baganha obteve autorização para a construção de um edifício de habitação e comércio.

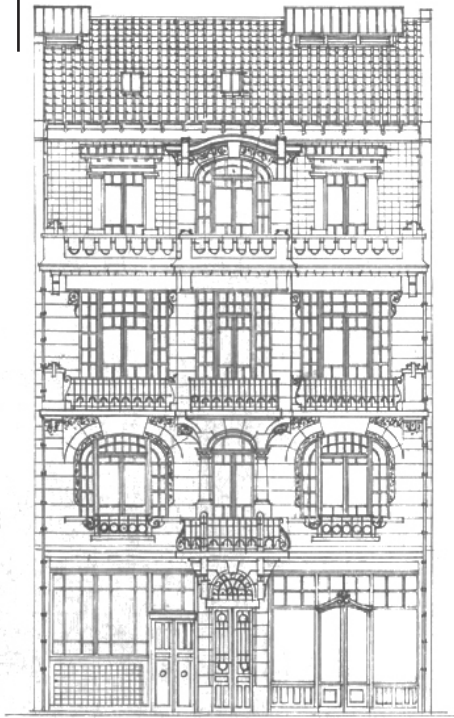
As paredes exteriores do edifício são em alvenaria de granito rebocado tal como a fachada principal. Os pavimentos interiores em soalho de madeira e mosaico cerâmico. As paredes interiores têm um acabamento a reboco e a cobertura do edifício contém uma estrutura de madeira revestida a telha. A fachada principal integra algumas figuras decorativas em reboco. O espaço interior do edifício integrou há tempos uma oficina de António Enes Baganha, que veio a falecer posteriormente em 1934.

Após este incidente, a oficina sofreu algumas alterações no que diz respeito ao seu nome oficial, integrando os filhos de Enes Baganha que asseguraram a actividade iniciada pelo seu pai.

88 | Edifício António Enes Baganha  
Rua do Rosário, 2021;



89 | Fachada Principal | Edifício António Enes Baganha;

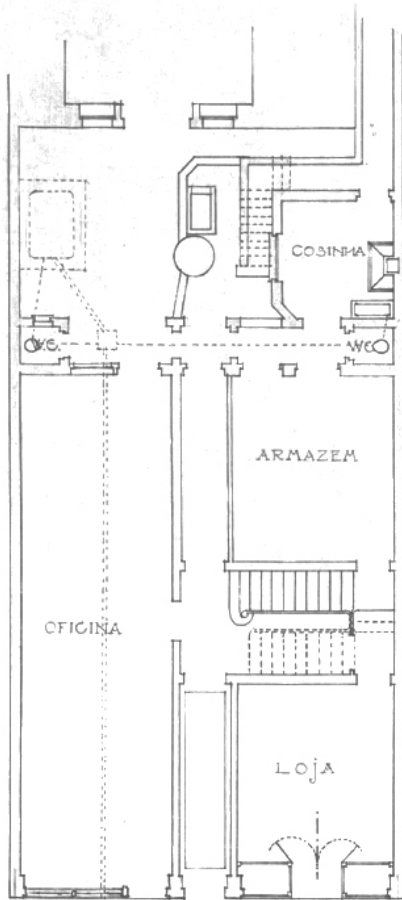


~ FACHADA PRINCIPAL ~

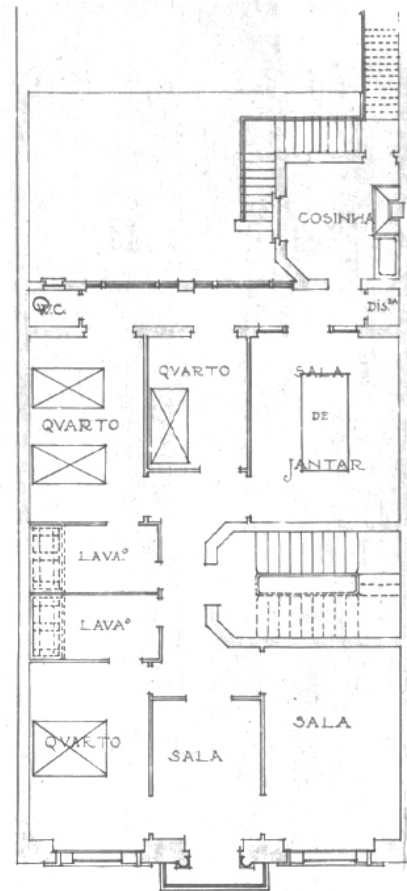
Fachada Posterior | Edifício António Enes Baganha; 90



~ FACHADA POSTERIOR ~



~ REZ - DO - CHÃO ~



~ 1º - ANDAR ~

91 | Planta Rés-do-Chão | Edifício António Enes Baganha;

Planta Piso 1 | Edifício António Enes Baganha; 92

Em 1975 a empresa entra em falência, levando ao abandono do prédio até aos dias de hoje.

Como referido, a última e mais recente licença requisitada à Câmara Municipal do Porto pertence ao ano de 1920, o que indica que nenhuma alteração tenha sido realizada à estrutura do edifício. Desta forma, a planta original do Arquitecto Marques da Silva continua a ser a imagem principal do edifício.

Nos dias de hoje, as fracções que estão inseridas no prédio, alugam-se a algumas empresas, as quais foram contactadas e visitadas no sentido de perceber se alguma obra de restauro teria sido feita.

As alterações que se verificam nos espaços interiores do edifício são meramente visuais e decorativas. No rés-do-chão, o pavimento em madeira de jatobá original, tal como os arcos em granito do início do século XX foram restaurados e mantidos.

Todas as fracções do edifício estão alugadas, à excepção do último piso do prédio.

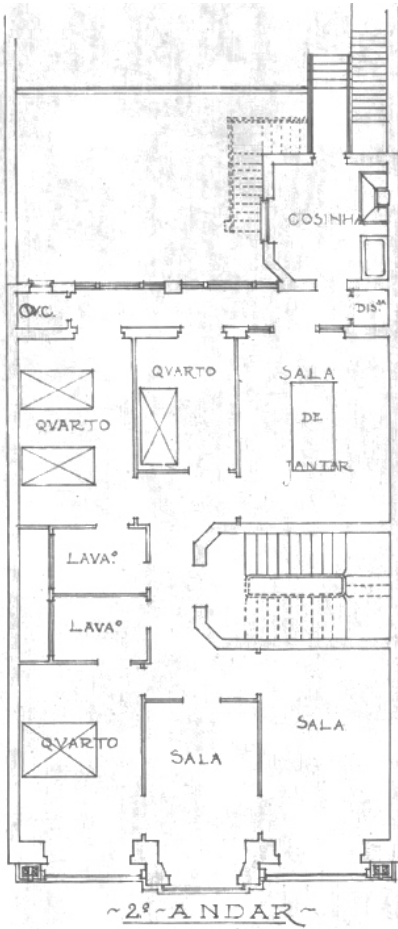
Ainda que o Prédio António Enes Baganha não esteja incluído na vasta lista de património edificado, é uma obra de importância para a Fundação Marques da Silva tal como para a cidade do Porto.

Na análise do designer de interiores, todos os edifícios que possam levantar um interesse patrimonial, devem ser preservados e melhorados para que o seu projecto original não sofra alterações excessivas.

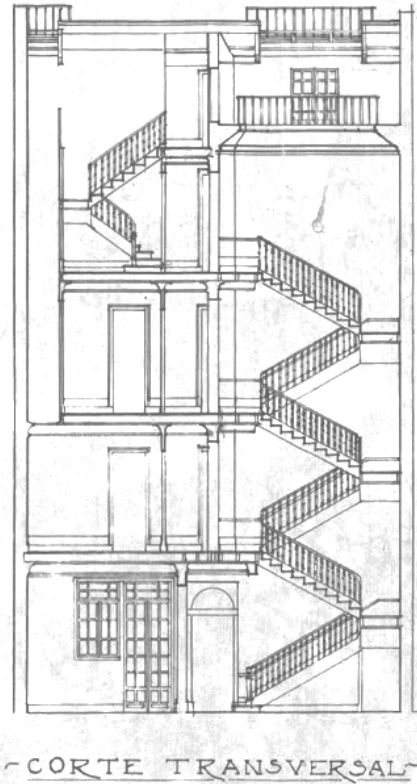
93 Interior do Edifício António Enes Baganha, 2021;



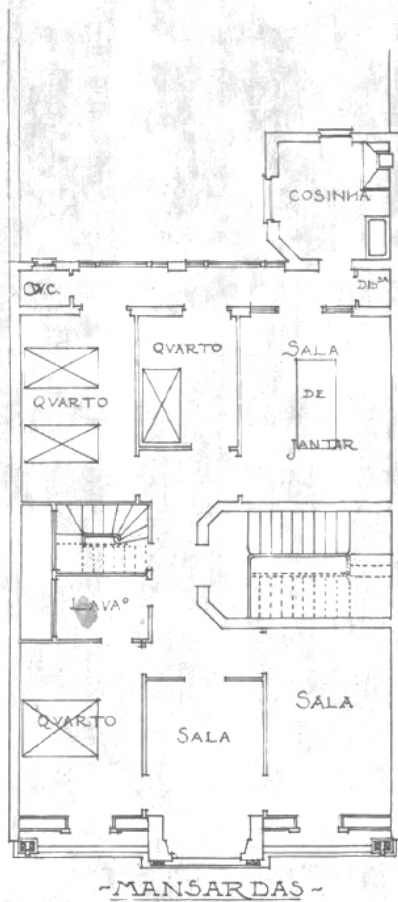
94 | Planta Piso 2 | Edifício António Enes Baganha;



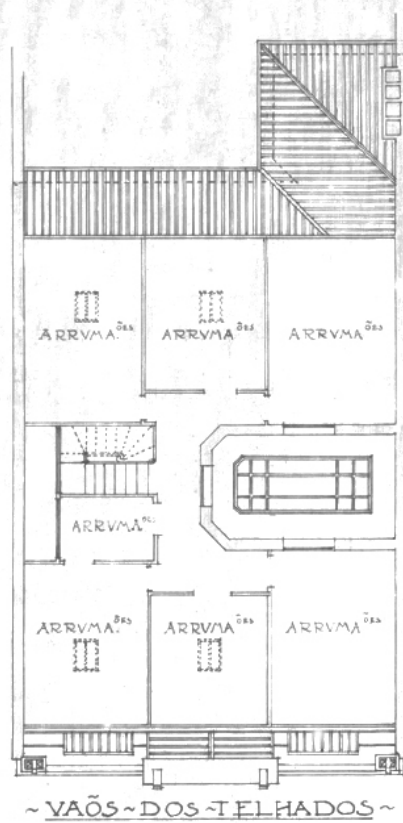
Corte Transversal | Edifício António Enes Baganha; 95



96 | Planta Piso 3 | Edifício António Enes Baganha;



Planta Piso 4 | Edifício António Enes Baganha; 97



O edifício reflete um valor cultural pela data da sua construção e por não ter sido intervencionado como as outras duas obras de José Marques da Silva. É importante referir que sendo uma obra bastante antiga, o seu estado interior e exterior, tem vindo a ser salvaguardado por quem o habita e usufrui daquele espaço.

Serve de exemplo para a presente análise, que, ainda que o edifício não tenha

sofrido alterações de maior, necessita de uma reabilitação, no que diz respeito aos acessos a pisos superiores.

A manutenção dos pisos e do edifício interiormente, tem sido realizada para que este se mantenha de acordo com o que José Marques da Silva projetou.

Tanto no interior como no exterior, podemos observar materiais utilizados na época, preservados por quem habita e utiliza o edifício.



98 Interior do Edifício António Enes Baganha, 2021;

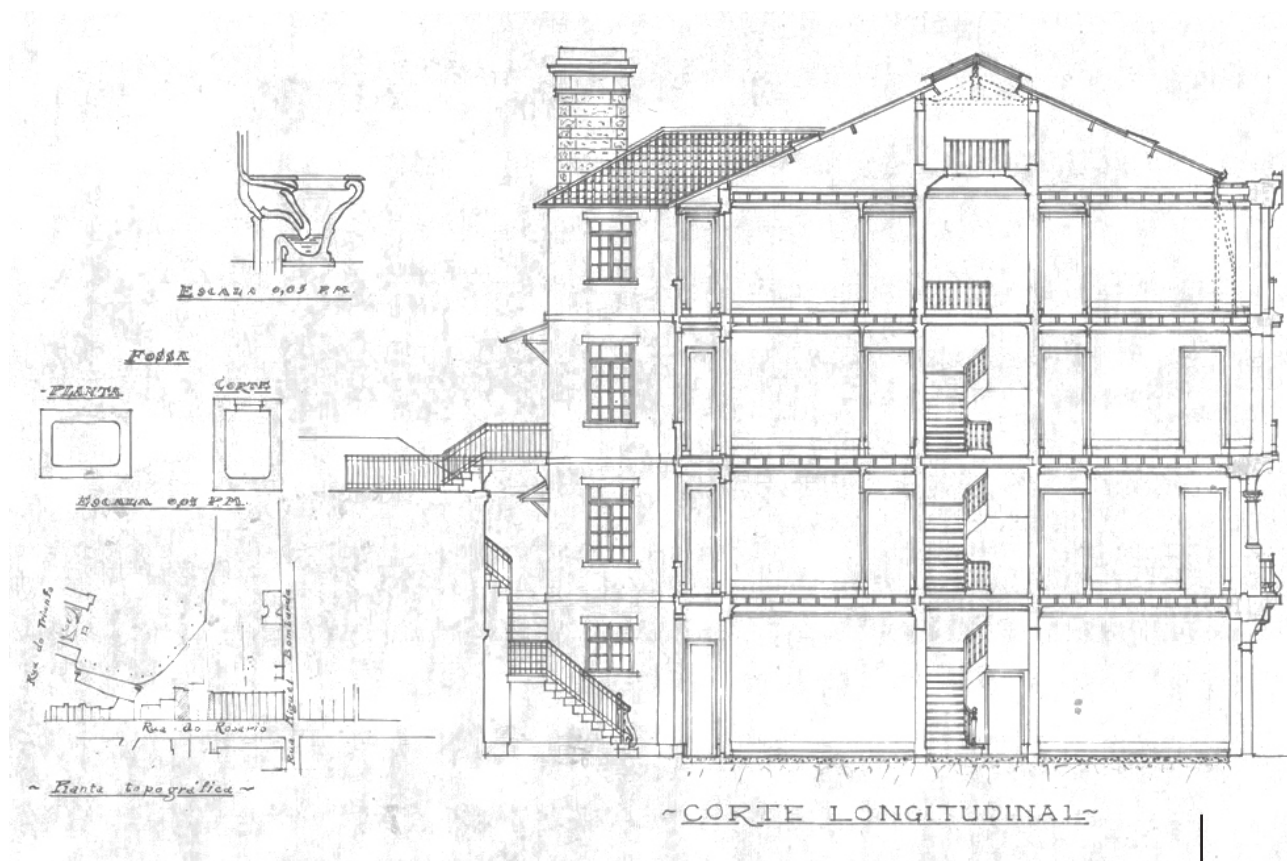
Reabilitar um espaço, na visão do design de interiores, não significa que o espaço exija uma demolição, a não ser que essa seja a opção mais viável tendo em conta a idade do edifício.

Aqui, vemos um restauro do que era preexistente, com adaptações tendo em conta as novas realidades e os novos tempos da arquitetura.

O grande desafio do designer passa

assim por adequar o habitar contemporâneo à tipologia da edificação a intervir, como no caso em que se colocam problemas nomeadamente no que diz respeito à dimensão normalmente reduzida das divisões.

Entende-se por isto, que a reabilitação deve ser uma readaptação do tecido urbano degradado, em que a sua intervenção procure melhorar a qualidade do edificado sem uma necessidade obrigatória de demolição.



Corte Longitudinal | Edifício António Enes Baganha; 199

## EDIFÍCIO ANTÓNIO ENES BAGANHA

### A ANÁLISE DO DESIGNER DE INTERIORES

#### Edifício António Enes Baganha

**Obra:** Arquiteto José Marques da Silva

**Localização:** Rua do Rosário, 125 – 129 - Porto

**Ano de Construção:** 1920

O projeto do prédio da Rua do Rosário foi até hoje um dos projetos que não sofreu reabilitação. Com o intuito de este ser um prédio de habitação e comércio, António Enes Baganha solicitou a José Marques da Silva o projeto, com data de construção de 1920.

Com uma disposição interior muito semelhante ao edifício da Rua Alexandre Braga, o prédio tem sido até hoje preservado tendo em conta as suas características originais. A fachada principal construída em alvenaria, continua a incluir figuras decorativas, sendo possível verificar a vegetação natural que cresce na própria fachada. É possível verificar que as janelas e as portas permanecem como no desenho original do arquiteto Marques da Silva.

O rés-do-chão que servia para comércio, continua hoje em dia a ter a mesma finalidade. A disposição do piso, bem como os materiais, são os originais, incluindo mesmo o azulejo azul e branco típico da cidade do Porto bem como daquela época. Um dos elementos caracterizadores do rés-do-chão é o arco em granito que prolonga o espaço até ao fundo do edifício. Apesar das divisões de dimensões mais reduzidas, o prédio não sofreu qualquer alteração estrutural e tudo o que existia, existe ainda hoje.

A escada principal que dá acesso a todos os pisos, é colocada debaixo de uma clarabóia que permite a iluminação natural dos pisos. Com todos os pisos ocupados, a visita ao Piso 3 permitiu a compreensão do que era a arquitetura de Marques da Silva, bem como perceber o papel do designer de interiores ao intervir neste tipo de edifício.



Fachada prédio da Rua do 100 Rosário;



Interior do edifício António 101 Enes Baganha;



102 Interior do edifício António Enes Baganha | Marcas do mobiliário;

Neste piso (duplex) vemos reflectidos todos os pisos inferiores que contam com a mesma disposição, sem qualquer alteração. O soalho em pinho revela o seu desgaste em situações pontuais, sendo mesmo possível verificar-se as marcas de móveis utilizados por António Enes Baganha. Os tetos e as sancas emblemáticas, preenchem os espaços tornando-os ainda mais originais. Nos tetos de algumas divisões, é possível verificar a sua degradação, já com a existência de algumas fissuras. Os rodapés altos e os lambris são mais dois elementos caracterizadores deste projeto, preservados até aos dias de hoje.

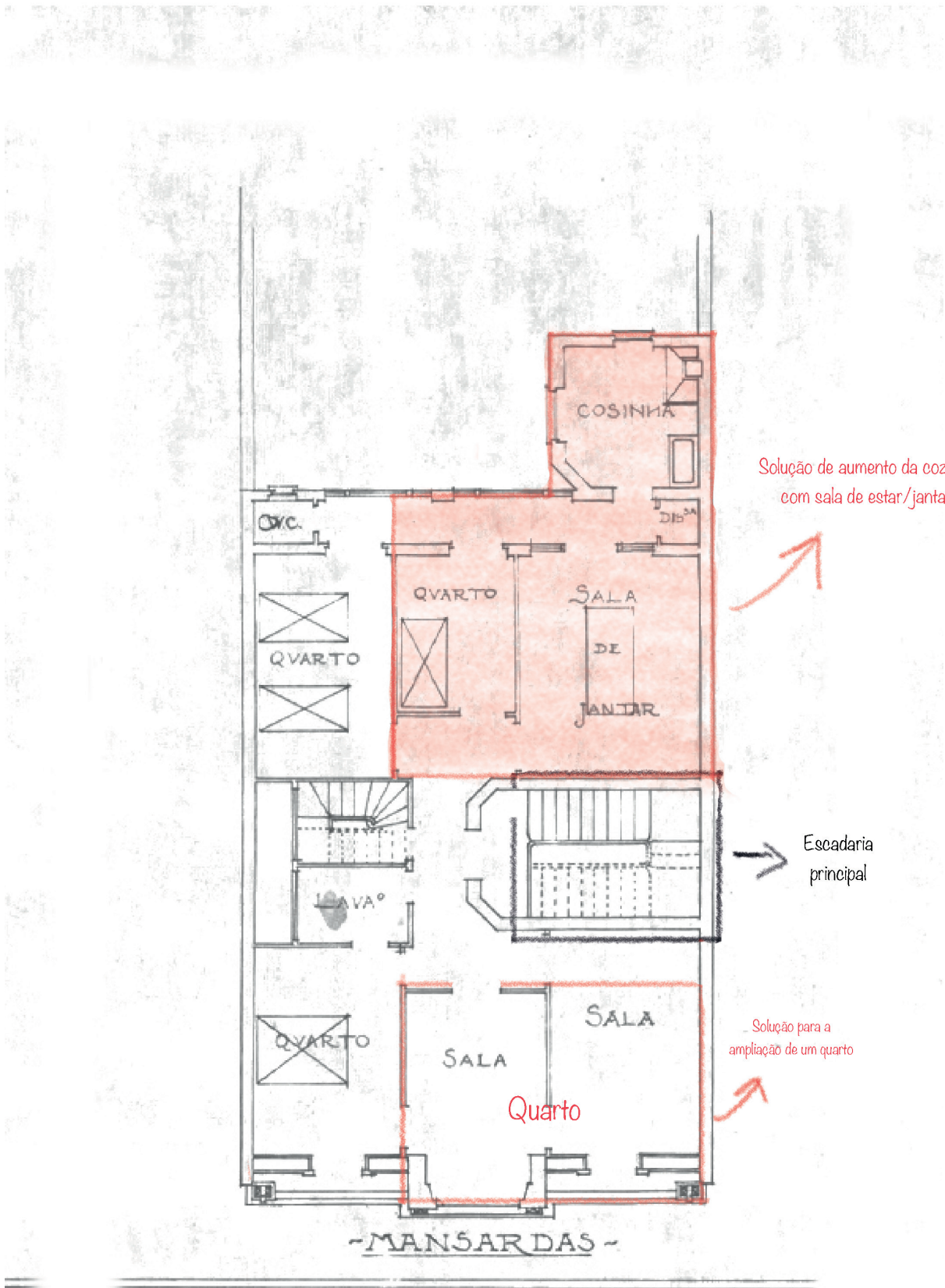
Segundo o neto de António Enes Baganha, os puxadores da autoria de Siza Vieira nas portas interiores em madeira com almofadas em vidro, foram uma alteração necessária tendo em conta a degradação do material que lá existia. Também por uma questão de manutenção e de estado dos materiais, as caixilharias interiores foram substituídas por caixilharia em alumínio branco, de acordo com as portadas originais em madeira. Nas casas de banho existentes, houve a necessidade da substituição dos sanitários já datados e a inclusão de um revestimento em azulejo. No piso superior (duplex), verifica-se a mesma planta com a adaptação de cada divisão ao telhado. Neste piso é onde se consegue confirmar uma maior degradação, pois o espaço não obteve qualquer manutenção.



103 Interior do edifício António Enes Baganha;

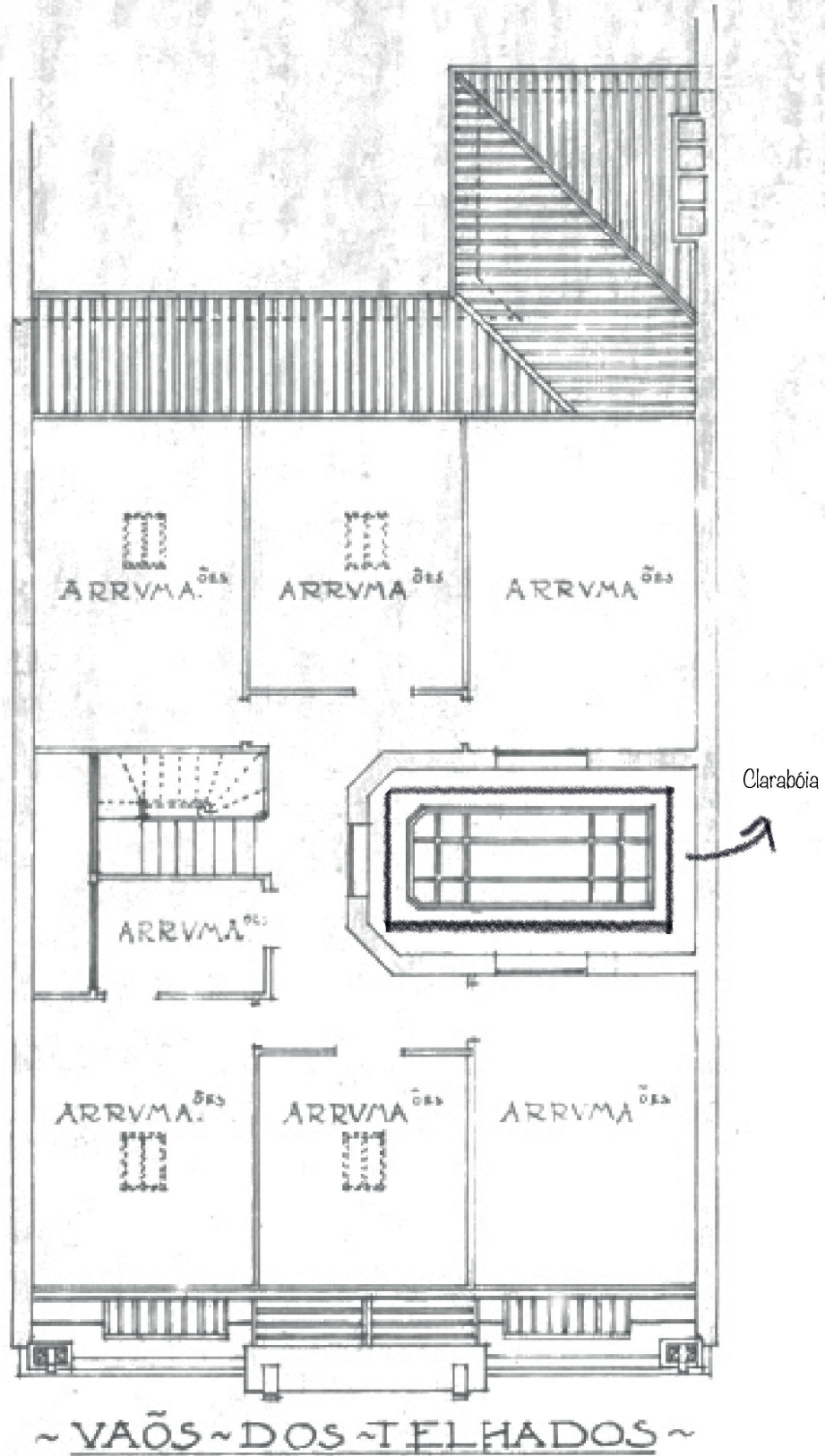
Um dos principais aspectos que sobressaem neste edifício, é a luz natural que ilumina todo o piso e que é possível obter, através das grandes janelas projectadas por Marques da Silva. Esta luz, permite uma apreciação dos espaços interiores de forma a compreender a história do edifício. Importa salientar a não destruição do mesmo e a preservação por parte de quem usufrui deste prédio.

Tal como referido, este tipo de edifício por ser bastante aproximada ao que era o edifício da Rua Alexandre Braga, seria merecedor de uma reabilitação dentro do mesmo conceito.



Rua do Rosário

Planta Piso 3 do prédio da Rua do Rosário; 104



105 | Planta Piso 4 do prédio da Rua do Rosário;

Neste caso específico e tendo em conta o design de interiores, seria necessário uma ampliação da área da cozinha com a sala de jantar/estar de forma a obter uma fluidez do espaço, conseguindo assim adequar o preexistente a um design contemporâneo. Desta forma, seria possível obter uma melhor circulação e disposição. Revela-se também importante, a readaptação das casas de banho, bem como espaços de arrumos essenciais ao dia-a-dia, adaptando-os também à vida moderna.

De forma a obter uma reabilitação consideravelmente justa tendo em conta a história do edifício, o soalho em pinho poderia vir a ser reaproveitado, bem como as portas interiores de madeira. De todos estes elementos, os mais relevantes para esta reabilitação seriam as paredes e os tetos. Não seria adequado, do ponto de vista do designer de interiores, destruir a beleza instalada no teto de cada divisão.. Este género de ornamentos torna cada edifício típico da sua época e é por isso que é tão importante que as reabilitações possam ser uma continuidade do projeto original, mais uma vez adaptando-o ao design contemporâneo mas sem a necessidade de o destruir. A pintura, em cores claras, como é possível verificar ainda nos dias de hoje, seria uma das soluções tendo em conta o fator luz neste edifício e a forma como esta incide dentro do edifício.

A atmosfera dos espaços viria a ser mais explícita na zona da cozinha e sala de estar/jantar, sendo estes espaços de melhor e maior exploração no que diz respeito a materiais e cores. O papel do designer permite estudar e explorar diversas atmosferas, tendo em conta a luz, a consonância dos materiais, a temperatura do espaço e muito importante também, a sua estrutura vista como o corpo da arquitetura. Nem só de destruição ou de uma total preservação se consegue uma reabilitação. O designer de interiores tem que se permitir trabalhar com o pré-existente e colocar em prática os seus conhecimentos, de forma a permitir que o passado seja visível no presente. É necessário respeitar a arquitectura.



Interior do edifício António Enes Baganha; 106



Interior do edifício António Enes Baganha; 107



“(…) assumir o passado como um recurso, e não um obstáculo à actualização das funções do habitar contemporâneo. O projecto do preexistente é um projecto de coexistências, de integrações e sobreposiçõesJ todas concorrem para a realização de um habitat denso de significado”

Milano, 2009, p. 494



## CONCLUSÃO

Um edifício é um organismo vivo em constante mutação devendo ser respeitadas todas as épocas de construção que nele se foram manifestando, com um sentido crítico, interpretando e trazendo à luz os elementos que respeitam e desrespeitam o espírito do edifício. Desta forma, a atuação nos imóveis exige a contribuição de várias disciplinas, não só ligadas à arte, mas também à ciência.

Conclui-se assim, que as várias cartas de salvaguarda apresentadas foram crescendo em complexidade, e as grandes questões colocadas a quem nele intervém mantêm-se. Torna-se importante referir que entendemos que a intervenção nos edifícios de interesse está sujeita a parâmetros subjectivos, como o respeito e a sensibilidade, conceitos que na sua origem não têm um carácter universal.

A recuperação dos valores do passado suscitou preocupação ao longo dos anos por parte de arquitectos, historiadores, etc.

A noção de património expandiu-se, passando a valorizar os conjuntos edificados e a cidade antiga. A evolução deste conceito, deu oportunidade a vários edifícios de serem reconhecidos pelo seu valor histórico, cultural e social. Desta forma, os edifícios apresentados neste projecto, não classificados, estão localizados em meio urbano, contribuindo para a valorização histórica e cultural.

As obras de José Marques da Silva oferecem valor cultural à cidade, contemplada por variadíssimas obras do arquiteto.

Em suma, os projetos de intervenção contribuíram para uma análise que visa respeitar critérios a ter em conta em intervenções em edifícios antigos de reconhecido valor patrimonial ou não.

Neste contexto, é possível afirmar que as intervenções que têm vindo a ser realizadas ao longo dos anos não se baseiam num programa específico mas sim, na interpretação de cada arquiteto e projetista que as executam.

A preservação é a palavra de ordem quando falamos de boas práticas na reabilitação. Desta forma, pretende-se defender e demonstrar que este tipo de intervenções se baseia em casos de reforço e consolidação estrutural.

Assistimos portanto, a uma intervenção que representa a valorização e a salvaguarda cultural e arquitetónica, como é o caso do Edifício da Rua Alexandre Braga.

Contrariamente a este caso, é de desaprovar a intervenção realizada no edifício dos Grandes Armazéns Nascimento, tendo em conta o conceito que se tem vindo a defender. A tendência de actuação neste edifício é do tipo obra nova, na qual é possível verificar a desvalorização e a sua violenta transformação.

Os imóveis antigos são dotados da particularidade de serem únicos a nível construtivo, sendo fundamental a sua salvaguarda. No ponto de vista do Designer de Interiores e complementando o que foi anteriormente dito, a reabilitação dos Grandes Armazéns Nascimento reflete um mau exemplo do que aqui se tem vindo a defender.

A intervenção que mantém a fachada mas esvazia o seu interior para a formação de um espaço autónomo, em nada contribui para a dinamização deste lugar.

É por isso estabelecida uma postura contraditória ao significado dos espaços e do seu espírito de lugar.

A salvaguarda do Património exige uma intervenção e uma interpretação sensível à autenticidade e ao percurso de vida do edifício, dando continuidade ao seu significado. Podemos assim concluir, que um edifício é um elo de ligação ao passado, através do qual se constrói uma identidade. Posto isto, destruir o seu significado, gera uma perda irreparável.

Nesta análise, existe ainda um caso em que importa referir a sua preservação bem como o seu estado inicial. A obra da Rua do Rosário alia a conservação à humanização, respeitando a tipologia do edifício.

Perante isto, reforçamos a ideia de que a preservação e a conservação são alguns dos conceitos a ter em conta no restauro dos edifícios antigos com possível interesse patrimonial.

A reabilitação e o restauro deve ser por isso, uma prática de respeito evitando destruição do que torna cada edifício único. Devemos por isto, ver para além do material e explorar as características e a identidade dos edifícios, sendo eles Património edificado ou não.

É por isto importante, que o Designer de Interiores compreenda a informação de várias áreas, que seja capaz de dialogar com outros profissionais e que adote um carácter multidisciplinar.

Pelo conjunto de técnicas e conhecimento que o Designer possui, é de certa forma solicitado, que sejam apresentadas soluções

alternativas no que diz respeito a processos e técnicas de construção, bem como tecnologias e mecânicas de sustentabilidade.

Fazer uso do passado, “(...) introduzindo novos valores e actualizando as suas funções contribui para a redução do impacto ambiental, aproveita-se grande parte dos materiais vindos da preexistência, integram-se outros com características sustentáveis do ponto de vista ambiental, reduzindo também, e conseqüentemente, as emissões de CO2 e o gasto de energia necessário para as deslocações devidas à cada vez maior mobilidade, efeito da pulverização e “difusão” do território urbano” (Milano, 2009, p.494).

Assim, para que o trabalho do designer seja considerável e eficaz nos projetos de reabilitação, é importante que este tenha um conhecimento prévio e elabore um estudo das necessidades do habitar. Conhecer o edificado bem como a sua história utilizando-a como um recurso, demonstra competência para que as reabilitações possam ser bons exemplos para futuras intervenções.

O presente estudo poderá contribuir para que o Design de Interiores colabore para que haja um cuidado nas reabilitações futuras, visando bons princípios e métodos, reutilizando o tecido urbano já existente.

“ (...) Nada antigo renasce, mas também não desaparece totalmente. É aquilo que uma vez nasceu, reaparecerá sempre numa nova forma.”

Aalto, 1921, P.32, tradução livre



## BIBLIOGRAFIA

- Appleton, J. (2003). Reabilitação de Edifícios Antigos: patologias e tecnologias de intervenção. Amadora: Edições Orion, 2003.
- Arquivo Atom (s. d.). Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva, retirado em Dezembro, 2020 de <https://arquivoatom.up.pt/index.php/fundacao-institutoarquiteto-jose-marques-da-silva>.
- BRANDI, C. Teoria do restauro. Lisboa: Edições Orion, 2006 (1. ed. 1963).
- Cardoso, A. (1997). O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do séc. XX. Porto: FAUP Publicações.
- DGEMN, “Carta de Cracóvia 2000 – Princípios para a Conservação e Restauro do Património Construído”, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Lisboa.
- FEUP, Seminário: “A Intervenção no Património. Práticas de Conservação e Reabilitação”, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto, 2002.
- IPPAR, “A carta de Cracóvia 2000 – Os princípios de restauro para uma nova Europa”, Revista Património e estudos, n. 3, IPPAR, Lisboa, 2002.
- Campos, J. Intervenção no património edificado. Conceitos e reflexões. Revista Oppidum IV, 2010
- Lima da Costa, Pedro. Do processo de reabilitação do edifício do Arq. Marques da Silva na rua de Alexandre Braga. Prova Final de Licenciatura (policopiada). Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2009.
- Martins de Castro, C. “(Re)habitar “ (Dissertação de mestrado). Matosinhos: Edições ESAD
- Milano, M. (2005). Do habitar. Matosinhos: Edições ESAD.
- Oliveira, R. A. F. (2003). Análise de práticas de conservação e reabilitação de edifícios com valor patrimonial (Dissertação de mestrado, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto). Porto: FEUP.

Papanek, V. (1997). *Arquitectura e Design*. Lisboa: Edições 70.

RODRIGUES, J. M. “A intervenção na arquitectura do movimento moderno como um problema antigo” in *Leitura de Marques da Silva* (Coord. Rui Ramos). Porto: FIMS, 2011, pp. 154-161.

Rossi, P. P., “Inspection and Monitoring for the Restoration of Historical Buildings”, *Curso de Recuperação e Valorização de Edifícios e Conjuntos Históricos*, FUNDEC, IST, Lisboa, 1998.

Site da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), [www.monumentos.gov.pt](http://www.monumentos.gov.pt).

Site da Direcção Geral do Património Cultural (DCGP), [www.patrimoniocultural.gov.pt](http://www.patrimoniocultural.gov.pt).

Site da International Council of Monuments and Sites, [www.icomos.org](http://www.icomos.org).

TOMÉ, M. (2002) *Património e Restauro em Portugal (1920 – 1995)*. Porto. FAUP, 2002.

Valentim Lopes, Nuno. “Projeto, Património Arquitectónico e Regulamentação Contemporânea.” (Tese de Doutoramento), Porto. FAUP, 2015.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène. “Restauration. In *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle*. Tome VIII”. Paris: A. Morel, Éditeur, 1866

## ÍNDICE DE IMAGENS

- 01 | **IGREJA DA ORDEM DA TRINDADE, 2015**  
**PATRIMÓNIO CLASSIFICADO**  
 DEL-UKS, Igreja da Trindade; retirado em 2021 de [https://www.flickr.com/photos/del-uks\\_gallery/](https://www.flickr.com/photos/del-uks_gallery/)
- 02 | **ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE S. BENTO, PORTO**  
 Filipa Brito, Está concluída a reparação do teto e cobertura da Estação de S. Bento; retirado em 2022 de <https://www.porto.pt/pt/noticia/esta-concluida-a-reparacao-do-teto-e-cobertura-da-estacao-de-s-bento>
- 03 | **MOSTEIRO DE ALCOBAÇA | CONSERVAÇÃO E RESTAURO**  
 a.d., sem título; retirado em 2021 de <https://viagens.sapo.pt/viajar/viajar-portugal/artigos/6-monumentos-que-marcam-a-historia-de-portugal#&gid=1&pid=4>
- 04 | **SANTUÁRIO DA NOSSA SENHORA DA PENHA, GUIMARÃES**  
 a.d., Santuário da Penha - Guimarães; retirado em 2022 de [https://www.tripadvisor.pt/Attraction\\_Review-g189174-d4105627-Reviews-Santuario\\_da\\_Penha-Guimaraes\\_Braga\\_District\\_Northern\\_Portugal.html](https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g189174-d4105627-Reviews-Santuario_da_Penha-Guimaraes_Braga_District_Northern_Portugal.html)
- 05 | **TEATRO NACIONAL DE S. JOÃO, PORTO**  
 a.d., Teatro Nacional São João - Porto; retirado em 2022 de [https://www.tripadvisor.com.br/Attraction\\_Review-g189180-d7099294-Reviews-Teatro\\_Nacional\\_Sao\\_Joao-Porto\\_Porto\\_District\\_Northern\\_Portugal.html](https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g189180-d7099294-Reviews-Teatro_Nacional_Sao_Joao-Porto_Porto_District_Northern_Portugal.html)
- 06 | **RUÍNA DE LA ANHALTER BAHNHOF, BERLIM**  
 Pacelli Luckwü, Ruínas da Segunda Guerra em Berlim; retirado em 2021 de <https://www.agendaberlim.com/ruinas-segunda-guerra-berlim/>
- 07 | **PRÉDIO DAS QUATRO ESTAÇÕES, PORTO**  
 a.d., Quatro Estações; retirado em 2022 de <https://www.sobreoporto.com/3ordm--quatro-estacedilotildees.html>
- 08 | **CASA DE SERRALVES, PORTO**  
 a.d., sem título; retirado em 2021 de <https://www.serralves.pt/institucional-serralves/visitar-a-casa-de-serralves/>
- 09 | **CASA DE SERRALVES, PORTO**  
 a.d., sem título; retirado em 2021 de <https://www.serralves.pt/institucional-serralves/visitar-a-casa-de-serralves/>
- 10 | **CASA DE SERRALVES APÓS INTERVENÇÃO DO ARQUITETO ÁLVARO SIZA VIEIRA, 2021**  
**MONUMENTO NACIONAL**  
 a.d., sem título; retirado em 2021 de <https://www.serralves.pt/institucional-serralves/visitar-a-casa-de-serralves/>
- 11 | **CASA DE SERRALVES APÓS INTERVENÇÃO DO ARQUITETO ÁLVARO SIZA VIEIRA, 2021**  
**MONUMENTO NACIONAL**  
 a.d., sem título; retirado em 2021 de <https://www.serralves.pt/institucional-serralves/visitar-a-casa-de-serralves/>
- 12 | **CASA DE SERRALVES APÓS INTERVENÇÃO DO ARQUITETO ÁLVARO SIZA VIEIRA, 2021**  
 Lúcia Monteiro, Casa de Serralves; retirado em 2021 de <https://visao.sapo.pt/visaose7e/sair/2021-08-06-casa-de-serralves-visita-guiada-a-nova-casa-cor-de-rosa/#&gid=0&pid=3>
- 13 | **FUNDAÇÃO MARQUES DA SILVA**  
 a.d., sem título; retirado em 2021 de <https://viagens.sapo.pt/viajar/noticias-viajar/artigos/hum-novo-polo-de-arquitetura-no-porto-venha-conhecer-a-fundacao-marques-da-silva-2>
- 14 | **ARQUITETO JOSÉ MARQUES DA SILVA**  
 s.d., Biografia; retirado em 2021 de <https://fims.up.pt/index.php?cat=2&subcat=7>

- 15 | **ESTAÇÃO DE SÃO BENTO | PORTO**  
António Amen, Estação de São Bento; retirado em 2021 de <https://www.travel-in-portugal.com/attractions/sao-bento-station.htm>
- 16 | **FUNDAÇÃO MARQUES DA SILVA, 2021**  
Maria Inês Monteiro, 2021
- 17 | **FUNDAÇÃO MARQUES DA SILVA | CASA ATELIER**  
s.d., A Fundação; retirado em 2021 de <https://fims.up.pt/index.php?cat=1>
- 18 | **EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA**  
João Ferrand e Mariana Themudo, 2008
- 19 | **ALÇADO NASCENTE E SUL (PÁTIO) DO EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA**  
João Ferrand e Mariana Themudo, 2008
- 20 | **DESENHOS TÉCNICOS DO PRÉDIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA**  
Arquiteto José Marques da Silva, 1923
- 21 | **EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA**  
s.d., Edifício de rendimento rua Alexandre Braga; retirado em 2021 de <https://arquivoatom.up.pt/index.php/e2kwn>
- 22 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA | SITUAÇÃO PREEXISTENTE**  
João Ferrand e Mariana Themudo, 2008
- 23 | **PLANTA DO PISO 4 | PATOLOGIAS NOS TETOS E PAVIMENTOS**  
Francisco Barata, Nuno Valentim, José Luís Gomes e CEFAUP, 2008
- 24 | **CORTE TRANSVERSAL E LONGITUDINAL | PATOLOGIAS NOS TETOS E PAVIMENTOS**  
Francisco Barata, Nuno Valentim, José Luís Gomes e CEFAUP, 2008
- 25 | **PLANTAS DO PISO 1 | LEVANTAMENTO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO EDIFÍCIO**  
Francisco Barata, Nuno Valentim, José Luís Gomes e CEFAUP, 2008
- 26 | **PLANTAS DO RÉS-DO-CHÃO | LEVANTAMENTO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO EDIFÍCIO**  
Francisco Barata, Nuno Valentim, José Luís Gomes e CEFAUP, 2008
- 27 | **PLANTAS DO PISO 3 | LEVANTAMENTO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO EDIFÍCIO**  
Francisco Barata, Nuno Valentim, José Luís Gomes e CEFAUP, 2008
- 28 | **PLANTAS DO PISO 2 | LEVANTAMENTO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO EDIFÍCIO**  
Francisco Barata, Nuno Valentim, José Luís Gomes e CEFAUP, 2008
- 29 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA**  
João Ferrand e Mariana Themudo, 2008
- 30 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA**  
João Ferrand e Mariana Themudo, 2008

- 31 | **EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA**  
João Ferrand e Mariana Themudo, 2013
- 32 | **PLANTA DA CAVE E PISO TÉRREO | DEMOLIÇÃO E CONSTRUÇÃO**  
Francisco Barata, Nuno Valentim, José Luís Gomes e CEFAUP,2008
- 33 | **PLANTA PISO PISO 1 | DEMOLIÇÃO E CONSTRUÇÃO**  
Francisco Barata, Nuno Valentim, José Luís Gomes e CEFAUP,2008
- 34 | **PLANTA PISO 2 E PISO 3 | DEMOLIÇÃO E CONSTRUÇÃO**  
Francisco Barata, Nuno Valentim, José Luís Gomes e CEFAUP,2008
- 35 | **PLANTA PISO 4 E COBERTURA | DEMOLIÇÃO E CONSTRUÇÃO**  
Francisco Barata, Nuno Valentim, José Luís Gomes e CEFAUP,2008
- 36 | **CORTE LONGITUDINAL | DEMOLIÇÃO E CONSTRUÇÃO**  
Francisco Barata, Nuno Valentim, José Luís Gomes e CEFAUP,2008
- 37 | **CORTE TRANSVERSAL | DEMOLIÇÃO E CONSTRUÇÃO**  
Francisco Barata, Nuno Valentim, José Luís Gomes e CEFAUP,2008
- 38 | **PLANTA DA CAVE | PROJETO FINAL**  
Francisco Barata, Nuno Valentim, José Luís Gomes e CEFAUP,2008
- 39 | **PLANTA PISO TÉRREO E PISO 1 | PROJETO FINAL**  
Francisco Barata, Nuno Valentim, José Luís Gomes e CEFAUP,2008
- 40 | **PLANTA PISO 2 E PISO 3 | PROJETO FINAL**  
Francisco Barata, Nuno Valentim, José Luís Gomes e CEFAUP,2008
- 41 | **PLANTA PISO 4 E COBERTURA | PROJETO FINAL**  
Francisco Barata, Nuno Valentim, José Luís Gomes e CEFAUP,2008
- 42 | **CORTE LONGITUDINAL | PROJETO FINAL**  
Francisco Barata, Nuno Valentim, José Luís Gomes e CEFAUP,2008
- 43 | **CORTE TRANSVERSAL | PROJETO FINAL**  
Francisco Barata, Nuno Valentim, José Luís Gomes e CEFAUP,2008
- 44 | **ALÇADO DA RUA ALEXANDRE BRAGA**  
Francisco Barata, Nuno Valentim, José Luís Gomes e CEFAUP,2008
- 45 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA | PROJETO FINAL**  
João Ferrand e Mariana Themudo, 2013
- 46 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA | PROJETO FINAL**  
João Ferrand e Mariana Themudo, 2013

- 47 | **INTERIOR DO PRÉDIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA | PROJETO FINAL**  
João Ferrand e Mariana Themudo, 2013
- 48 | **INTERIOR DO PRÉDIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA | PROJETO FINAL**  
João Ferrand e Mariana Themudo, 2013
- 49 | **PRÉDIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA, 2021**  
Maria Inês Monteiro, 2021
- 50 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA | SITUAÇÃO PREEXISTENTE**  
João Ferrand e Mariana Themudo, 2008
- 51 | **FACHADA DO EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA**  
João Ferrand e Mariana Themudo, 2008
- 52 | **PLANTA PISO 1 E PISO 2 | DEMOLIÇÃO E CONSTRUÇÃO**  
Francisco Barata, Nuno Valentim, José Luís Gomes e CEFAUP, 2008
- 53 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA | PROJETO FINAL**  
João Ferrand e Mariana Themudo, 2013
- 54 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA | SITUAÇÃO PREEXISTENTE**  
João Ferrand e Mariana Themudo, 2008
- 55 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA | PROJETO FINAL**  
João Ferrand e Mariana Themudo, 2013
- 56 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA | SITUAÇÃO PREEXISTENTE**  
João Ferrand e Mariana Themudo, 2008
- 57 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA | PROJETO FINAL**  
João Ferrand e Mariana Themudo, 2013
- 58 | **PLANTA PISO 3 E PISO 4 | DEMOLIÇÃO E CONSTRUÇÃO**  
Francisco Barata, Nuno Valentim, José Luís Gomes e CEFAUP, 2008
- 59 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA | PROJETO FINAL**  
João Ferrand e Mariana Themudo, 2013
- 60 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO DA RUA ALEXANDRE BRAGA | PROJETO FINAL**  
João Ferrand e Mariana Themudo, 2013
- 61 | **GRANDES ARMAZÉNS NASCIMENTO**  
Teófilo Rego, Grandes Armazéns Nascimento; retirado em 2021 de <https://fims.up.pt/index.php?cat=2&subcat=8&proj=3>
- 62 | **PLANTA R. DO CHÃO | GRANDES ARMAZÉNS NASCIMENTO**  
Arquiteto José Marques da Silva, 1914

- 63 | **PLANTAR. DO CHÃO | EDIFÍCIO PALLADIUM**  
Carlos Castanheira e Clara Bastai Arquitetos, 2006
- 64 | **PLANTA PISO 1 | GRANDES ARMAZÉNS NASCIMENTO**  
Arquiteto José Marques da Silva, 1914
- 65 | **PLANTA PISO 1 | EDIFÍCIO PALLADIUM**  
Carlos Castanheira e Clara Bastai Arquitetos, 2006
- 66 | **PLANTA PISO 2 E PISO 3 | GRANDES ARMAZÉNS NASCIMENTO**  
Arquiteto José Marques da Silva, 1914
- 67 | **PLANTA PISO 2 | EDIFÍCIO PALLADIUM**  
Carlos Castanheira e Clara Bastai Arquitetos, 2006
- 68 | **PLANTA PISO 3 | EDIFÍCIO PALLADIUM**  
Carlos Castanheira e Clara Bastai Arquitetos, 2006
- 69 | **CORTE AB | GRANDES ARMAZÉNS NASCIMENTO**  
Arquiteto José Marques da Silva, 1914
- 70 | **PLANTA PISO 4 | GRANDES ARMAZÉNS NASCIMENTO**  
Arquiteto José Marques da Silva, 1914
- 71 | **PLANTA PISO 4 | EDIFÍCIO PALLADIUM**  
Carlos Castanheira e Clara Bastai Arquitetos, 2006
- 72 | **ALÇADO RUA DE PASSOS MANUEL | EDIFÍCIO PALLADIUM**  
Carlos Castanheira e Clara Bastai Arquitetos, 2006
- 73 | **ALÇADO RUA DE SANTA CATARINA | EDIFÍCIO PALLADIUM**  
Carlos Castanheira e Clara Bastai Arquitetos, 2006
- 74 | **CORTE LONGITUDINAL | GALERIAS PALLADIUM**  
Carlos Castanheira e Clara Bastai Arquitetos, 2006
- 75 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO PALLADIUM, 2021**  
Maria Inês Monteiro, 2021
- 76 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO PALLADIUM, 2021**  
Maria Inês Monteiro, 2021
- 77 | **GRANDES ARMAZÉNS NASCIMENTO**  
Teófilo Rego, Grandes Armazéns Nascimento; retirado em 2021 de <https://fims.up.pt/index.php?cat=2&subcat=8&proj=3>
- 78 | **INTERIOR GRANDES ARMAZÉNS NASCIMENTO**  
Teófilo Rego, Grandes Armazéns Nascimento; retirado em 2021 de <https://fims.up.pt/index.php?cat=2&subcat=8&proj=3>

79 | **PLANTA DO R. DO CHÃO | DEMOLIÇÃO E CONSTRUÇÃO**

Carlos Castanheira e Clara Bastai Arquitetos, 2006

87 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO PALLADIUM, 2021**

Maria Inês Monteiro, 2021

80 | **PLANTA PISO 4 | GALERIAS PALLADIUM**

Carlos Castanheira e Clara Bastai Arquitetos, 2006

88 | **EDIFÍCIO ANTÓNIO ENES BAGANHA, 2021**

Maria Inês Monteiro, 2021

81 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO PALLADIUM, 2021**

Maria Inês Monteiro, 2021

89 | **FACHADA PRINCIPAL | EDIFÍCIO ANTÓNIO ENES BAGANHA**

Arquiteto José Marques da Silva, 1919

82 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO PALLADIUM, 2021**

Maria Inês Monteiro, 2021

90 | **FACHADA POSTERIOR | EDIFÍCIO ANTÓNIO ENES BAGANHA**

Arquiteto José Marques da Silva, 1919

83 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO PALLADIUM, 2021**

Maria Inês Monteiro, 2021

91 | **PLANTA R. DO CHÃO | EDIFÍCIO ANTÓNIO ENES BAGANHA**

Arquiteto José Marques da Silva, 1919

84 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO PALLADIUM, 2021**

Maria Inês Monteiro, 2021

92 | **PLANTA PISO 1 | EDIFÍCIO ANTÓNIO ENES BAGANHA**

Arquiteto José Marques da Silva, 1919

85 | **CORTE TRANSVERSAL | GALERIAS PALLADIUM | DEMOLIÇÃO E CONSTRUÇÃO**

Carlos Castanheira e Clara Bastai Arquitetos, 2006

93 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO ANTÓNIO ENES BAGANHA, 2021**

Maria Inês Monteiro, 2021

86 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO PALLADIUM, 2021**

Maria Inês Monteiro, 2021

94 | **PLANTA PISO 2 | EDIFÍCIO ANTÓNIO ENES BAGANHA**

Arquiteto José Marques da Silva, 1919

- 95 | **CORTE TRANSVERSAL | EDIFÍCIO ANTÓNIO ENES BAGANHA**  
Arquiteto José Marques da Silva, 1919
- 96 | **PLANTA PISO 3 | EDIFÍCIO ANTÓNIO ENES BAGANHA**  
Arquiteto José Marques da Silva, 1919
- 97 | **PLANTA PISO 4 | EDIFÍCIO ANTÓNIO ENES BAGANHA**  
Arquiteto José Marques da Silva, 1919
- 98 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO ANTÓNIO ENES BAGANHA, 2021**  
Maria Inês Monteiro, 2021
- 99 | **CORTE LONGITUDINAL | EDIFÍCIO ANTÓNIO ENES BAGANHA**  
Arquiteto José Marques da Silva, 1919
- 100 | **FACHADA PRÉDIO DA RUA DO ROSÁRIO, 2021**  
Maria Inês Monteiro, 2021
- 101 | **INTERIOR DO PRÉDIO DA RUA DO ROSÁRIO**  
Maria Inês Monteiro, 2021
- 102 | **INTERIOR DO PRÉDIO DA RUA DO ROSÁRIO | MARCAS DO MOBILIÁRIO**  
Maria Inês Monteiro, 2021
- 103 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO ANTÓNIO ENES BAGANHA, 2021**  
Maria Inês Monteiro, 2021
- 104 | **PLANTA PISO 3 | EDIFÍCIO ANTÓNIO ENES BAGANHA**  
Arquiteto José Marques da Silva, 1919
- 105 | **PLANTA PISO 4 | EDIFÍCIO ANTÓNIO ENES BAGANHA**  
Arquiteto José Marques da Silva, 1919
- 106 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO ANTÓNIO ENES BAGANHA, 2021**  
Maria Inês Monteiro, 2021
- 107 | **INTERIOR DO EDIFÍCIO ANTÓNIO ENES BAGANHA, 2021**  
Maria Inês Monteiro, 2021

